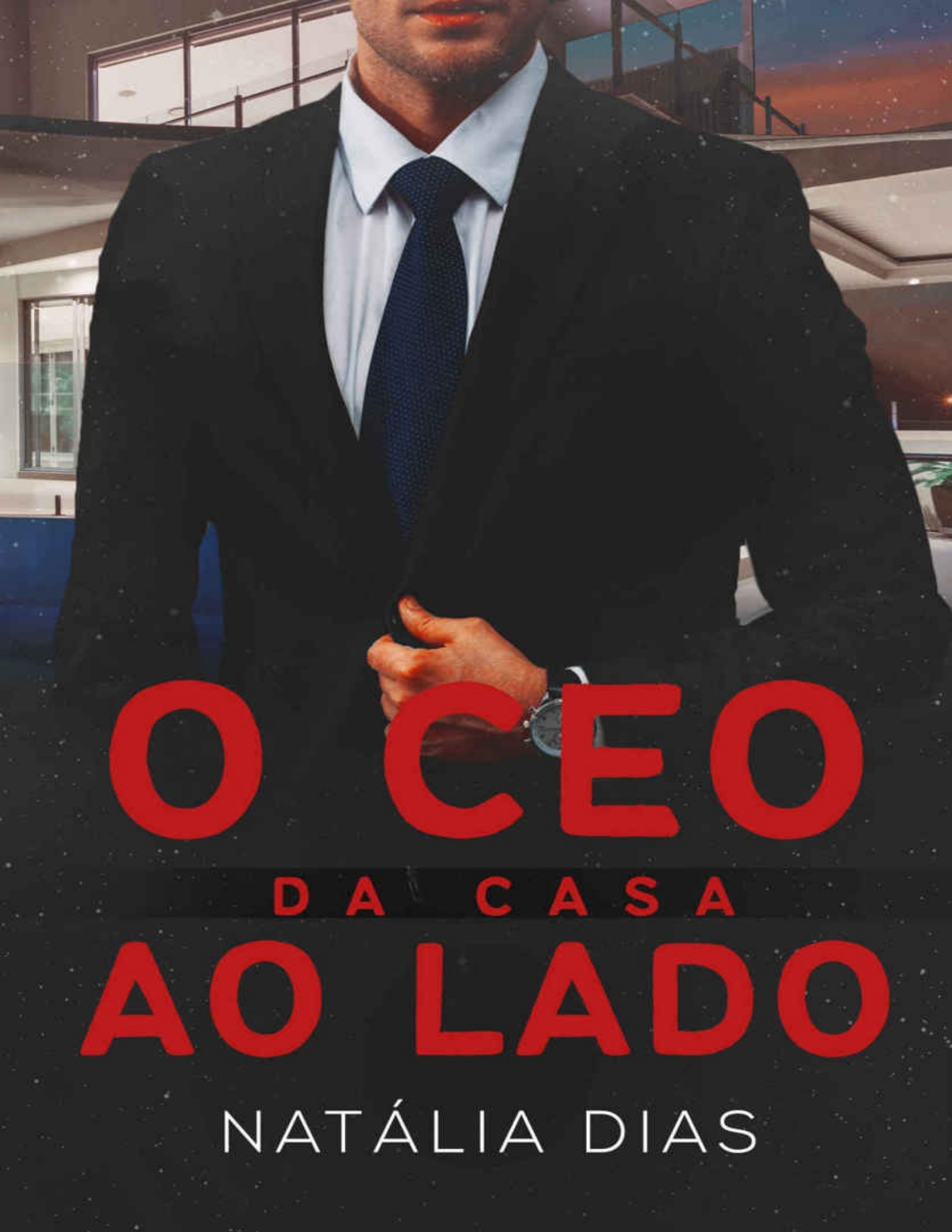


O CEO DA CASA AO LADO

NATÁLIA DIAS

O CEO DA CASA AO LADO

NATÁLIA DIAS

Copyright © 2021 Natália Dias

Capa: LA Creative

Revisão: Natália Dias/Victoria Gomes

Diagramação: Natália Dias

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

O CEO DA CASA AO LADO

NATÁLIA DIAS

1ª EDIÇÃO — 2021 — BRASIL

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem a autorização da autora. Ressalva para trechos curtos usados como citações em divulgações e resenhas, com autoria devidamente identificada. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/1998 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Índice

SINOPSE

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

CAPÍTULO 05

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

EPÍLOGO

OUTROS LIVROS

Sinopse

Mila Connor sempre teve tudo que quis. Filha de estrelas internacionais, aos vinte anos, não tem qualquer plano para a vida.

Até esbarrar no seu vizinho. Anthony Davis é engraçado, sedutor e sexy. Desperta nela o desejo por ser mais do que apenas a garotinha do papai.

O que ela não esperava era que sua nova ambição a levaria diretamente para os braços de um CEO frio e rude, muito diferente do homem que conheceu.

Anthony não tem tempo para romances. No trabalho, é um homem rígido e controlador.

Ele não tem qualquer intenção de permitir que essa menina mimada encontre o caminho para o seu coração. Não quando ela é quinze anos mais nova, não agora que trabalha para ele. Mas não consegue fazer muita coisa para se impedir de ser mais leve quando está com ela.

Você se apaixonou por Mila em “O viúvo da porta ao lado”. Agora ela

cresceu e está pronta para viver sua própria história de amor digna de filmes em “O CEO da casa ao lado”.

Capítulo 01



MILA CONNOR

Daqui do quarto, escuto meus irmãos correndo no jardim, como é todo final de semana. Sacudo a cabeça, com um sorrisinho no rosto, enquanto rabisco um dos meus cadernos de desenho, criando mais um de muitos rascunhos que faço de roupas e sapatos que nunca saíram do papel. A batidinha de leve na porta me faz erguer o olhar e sorrir quando vejo minha mãe ali.

— Atrapalho? — ela pergunta, e eu nego com a cabeça, fechando o caderno, porque não gosto de compartilhar as coisas que desenho. Nunca acho que estão boas para isso. — O dia está bonito demais para ficar trancada aqui. Você não é disso. O que houve?

Dona Emily se aproxima e se senta na cama, mexendo nos desenhos restantes espalhados pela cama, curiosa como só ela é.

— Estou um pouco cansada — respondo e dou de ombros, erguendo meu

corpo para me sentar na cama e terminar de recolher a bagunça de papéis.

— E você acha que engana quem? Eu te conheço desde que você tinha cinco aninhos, Mila. Sei melhor do que o seu próprio pai quando você não está bem.

— Eu só… O Jack terminou comigo.

Dou de ombros de novo, porque realmente não é o fim do mundo também. Dói, mas não ao ponto de ser impossível respirar. É como uma ferida aberta que a gente só lembra quando algo esbarra nela, mas do contrário, a dor é esquecida.

— Oh, minha princesa, por quê?

— Dinheiro, fama, falta de privacidade — recito as coisas de sempre, e minha mãe acena devagar, sem pedir maiores explicações.

Ela já sabe sobre tudo. Sobre todo o tipo de gente que se aproxima de qualquer membro dessa família. Ser filha de pais famosos não é exatamente a coisa mais fácil do mundo. Eu sei, você deve estar pensando “oh, pobre menina rica”, mas não se trata disso. Trata-se de ter sua vida invadida a cada movimento que faz, a cada pessoa que namora, a cada roupa que usa. Por muito menos do que isso até. Isso tudo porque não sou eu a famosa. Sinceramente, não sei como meus pais aguentam.

Minha mãe lida com isso muito melhor do que papai. Por ser uma escritora conhecida, ela e seus livros desde sempre estão circulando nas críticas,

então ela simplesmente fala sobre o que escreve, recebe o carinho dos seus fãs e ignora todo o resto que não pode ser aproveitado. Mas meu pai só fica puto mesmo quando lê ou ouve qualquer comentário maldoso a respeito da sua esposa ou de mim. Às vezes até dos meus irmãos, porque nem os mais novos escapam do veneno da mídia.

Eu tento não ligar e não deixar que isso me atinja, mas é inevitável.

Com isso, todo tipo de gente aparece para se aproximar de mim: as fãs deslumbradas dos dois, as interesseiras, as taradas pelo meu pai. E tem os que se aproximam pelo que somos e não pelo que temos, mas não aguentam a pressão de estarem rodeados de paparazzi, que é o caso de Jack.

Acontece. Não é o primeiro e não será o único que vai sair da minha vida.

Enquanto Emily me olha com uma expressão de empatia, estico a mão para desfazer a ruguinha de preocupação que se forma na sua testa.

Eu amo essa mulher, porque desde que Emily apareceu na minha vida e na do meu pai, as coisas nunca mais foram as mesmas. De forma muito positiva. Tenho poucas lembranças de quando minha madrasta fincou a bandeirinha nas nossas vidas, porque eu era muito pequena, só me lembro de pensar que seria impossível viver sem ela depois disso. E realmente foi o que aconteceu. A mulher curiosa, amorosa, carinhosa e dedicada à família é parte de quem eu sou, sempre foi minha mãe para todos os efeitos. Só me lembro de que não foi ela realmente me gerou quando me deparo com fotos de Adele, minha mãe

biológica que faleceu quando eu tinha apenas dois anos.

— Vem, vamos lá para fora porque ficar sozinha aqui não adianta. Se lembre de que você tem sempre a gente para o que precisar — minha mãe fala, sorrindo abertamente para mim.

Ela me puxa mesmo contra minha vontade e me leva para o quintal enorme da nossa casa. Nós moramos aqui há muitos anos, desde que meu pai a comprou para pedir minha mãe em casamento. Eles são muito apegados ao lugar para que nem sequer pensemos em nos mudar um dia. Eu amo essa mansão, não me vejo longe daqui. As melhores lembranças da minha vida são neste lugar.

Observo meus irmãos brincando com os cachorros. Princesa, minha vira-lata idosinha, vem correndo devagar em minha direção. Ela completou quinze anos, mas nem parece porque a energia que tem é de filhote. Agacho-me e acaricio a cabeça com pelos brancos pela idade antes de soltar um grito quando um jato de água vem de algum lugar e me acerta no rosto. Levanto-me e vejo meus irmãos com arminhas de brinquedo, com os cachorros correndo em volta.

Arregalo os olhos ainda mais quando vejo que meu pai está escondido no meio da algazarra. É claro que está. Seu Jason Connor, ator coroa e bonito que todas minhas amigas babam, vive para a família e faz de tudo para agradar aos filhos. Todos os cinco.

A segunda atingida pelo jato é minha mãe, que coloca as mãos em frente ao rosto e ri alto, pegando Melissa, minha irmãzinha de oito anos, para se

proteger. A garotinha morre de rir e tenta se soltar para se esconder, mas é atingida por Nathan, que a bombardeia sem dó, o pestinha. Depois de mim, ele é o segundo mais velho, com treze anos.

— A sua está com a Ellie, princesa — meu pai fala, apontando para uma das arminhas nas mãos da minha irmã mais nova, de apenas dois anos, que corre desajeitada pela grama, tentando acompanhar a brincadeira.

Semicerro os olhos e encaro minha camiseta toda molhada. Vou até Ellie e estico a mão para pegar a arma de brinquedo, e ela me entrega relutante, prestes a chorar, mas para quando eu a seguro no colo e a protejo quando outro jato me atinge, vindo de Collie, de dez anos. Sim, mais uma menina para completar a lista de filhos. E para o surto do meu pai quando se viu rodeado de uma esposa, quatro filhas e apenas Nathan de menino.

O lado superprotetor e ciumento do senhor Jason surta ao ver suas meninas crescendo. Comigo então, que sou a mais velha, meu pai quase tem vários enfartos diários. Mas eu nunca o vi tão feliz quanto agora, com a casa barulhenta e cheia de vida.

Nós ficamos naquela brincadeira infantil que diverte não só as crianças por muito tempo, até que me jogo na grama e tampo meu rosto quando os cachorros vêm me lamber.

Vejo todos se deitarem também, imitando meu movimento, e encararem o sol sobre nossas cabeças. Olho para o lado e vejo papai ali. Ele estica a mão e

puxa meu nariz entre os dedos, sorrindo abertamente, destacando as rugas ao redor dos olhos azuis discretos. Foi a única coisa física que herdei dele, porque os cabelos loiros, a baixa estatura e todo o resto são da minha mãe. Isso me faz diferente dos meus irmãos, que puxaram o cabelo escuro de Emily.

— O sol, mamãe — Ellie diz com a voz mansa e levemente rouca, apontando para o alto.

— É o sol, meu amor. Olha como é bonito…

Fecho os olhos, relaxando com os raios fracos que tocam a minha pele e pensando que nenhum problema pode me atingir enquanto eu tiver esses seis comigo. É uma coisa brega de se dizer, mas minha família é tudo o que tenho. É a minha base e fortaleza.

Quebrando nossos minutos de sossego, logo os mais novos se cansam de ficarem quietos e agitam ainda mais os cachorros.

Eu me levanto e limpo a grama da roupa, sentindo a minha pele quente protestando pela exposição ao sol.

— Vou dar uma volta com eles — digo, e minha mãe acena enquanto fica atenta à Melissa, que tenta montar em um deles achando que é seu cavalo de estimação.

Assovio e os quatro cachorros me seguem, muito bem-treinados. A casa é enorme, e eles amam o espaço que têm, mas nada tira o momento de passeio

deles ao redor do condomínio ou da trilha que temos em direção ao parque. São quatro mansões ao redor do lago e do parque, então sempre está vazio porque é privativo dos quatro donos. Os cães amam correr e caçar bichos a essa hora.

Faço um rabo de cavalo enquanto sigo pelo caminho que leva até lá. Mal abro o portão automático, e os quatro disparam para o parque correndo, com Princesa indo mais atrás, com dificuldade para acompanhá-los.

Sorrio e vou atrás deles mais devagar, ouvindo o barulho apenas dos pássaros cantando alto nas árvores ao redor. Uma das vantagens de se morar distante é o silêncio, a sensação de paz que só temos aqui, porque para fora dos portões da mansão é o caos que reina.

Assusto-me quando vejo que os cães estão rodeando um homem que está de costas para mim. Ele está agachado, fazendo carinho nos quatro carentes, e noto que há mais um cachorro imenso ao lado deles. Só consigo ver a parte de trás da cabeça do homem, com fios castanhos bagunçados.

— Você quer uma coceirinha, amigão? Você também, moça? — fala com os animais, e eu me aproximo devagar, com medo porque realmente nunca tive companhia aqui.

Quando chego perto demais, o cão desconhecido, que imagino ser o dele, se aproxima de mim e late. Assusto-me, mas agacho para acariciá-lo, esticando a mão para ganhar sua confiança. É um daqueles Rottweilers imenso, mas com carinha de dócil.

— Lobo! — o homem grita quando o cão se aproxima, mas se tranquiliza quando ele só lambe meu rosto ao invés de me morder. Solto uma risada e faço uma careta enquanto acaricio sua cabeça. O homem me olha com curiosidade e se aproxima, com meus cachorros atrás dele como se tivesse mel. — Desculpa. Pensei que ele fosse te morder. Ele não costuma ser sociável.

— Não tem problema — respondo ainda sorrindo e me ergo devagar, ficando com o queixo bem caído ao ver que o homem está sem a parte de cima e o suor escorre pelo abdômen muito bem malhado. — Eu amo cachorro. Provavelmente ele sentiu isso em mim. Dizem que os cães conhecem até as nossas almas.

— Sério? A sua deve ser muito boa, porque você é a primeira pessoa que ele não estranha de cara.

Ele sorri abertamente, e eu retribuo, tentando não descer meu olhar para espiar de novo a tatuagem de estrelas que sobe da sua virilha até sua costela, diminuindo o tamanho conforme sobem.

— Gosto de pensar que sim — brinco e observo os cachorros ficarem impacientes e sumirem pelo parque.

Fico sem graça pela forma como o homem me olha e coloco uma mecha que escorre pelo meu rosto para trás da orelha.

— Você está… molhada. Está tudo bem?

Aponta para minha camiseta ensopada da água das arminhas, e arregalo os olhos, tampando meus seios porque nem me preocupei em colocar sutiã. Para piorar a situação, só faltava a roupa ser branca.

Viro-me de costas depressa, constrangida, e solto uma risada sem graça.

— As dádivas de ter quatro irmãos mais novos. É só água.

— Você não precisa se esconder. Não está mostrando nada. Quer dizer, não que eu estivesse olhando! — Solto uma risada ao ouvi-lo se apressar nas explicações. — Eu olhei, mas foi acidentalmente. Estou piorando a situação, não estou?

— Um pouco — falo, soltando uma risada, e me viro de volta para ele, mordendo os lábios de constrangimento.

— Tudo bem. Vamos fingir que não falei sobre seus seios — responde, sorrindo abertamente, sem parecer realmente constrangido agora que estou olhando para seu rosto. — Meu nome é Anthony.

Quando sua mão se estica, faço o mesmo e o cumprimento, sentindo a palma quente causar um negócio no meu estômago.

— Mila.

Anthony acena devagar e aponta para uma das casas ao redor.

— Eu me mudei para aquela casa há pouco tempo. — Olho na direção que ele aponta e aceno, agora entendendo por que nunca o vi antes.

— Moro na casa ao lado.

— Prazer te conhecer, vizinha. Eu acho que… — Seu olhar se perde em algum ponto atrás de mim enquanto franze a testa. — O Lobo está tentando procriar com a sua cadela.

Viro-me para trás e vejo-o tentando subir em Billy.

— Billy! — Eles se afastam e saem correndo parque afora, fazendo Anthony soltar uma risada.

— E provavelmente eles foram buscam mais privacidade agora — fala ainda rindo, e eu o acompanho. É estranho estar tão à vontade com um desconhecido assim, porque costumo ser muito desconfiada com qualquer aproximação desde pequena, devido às muitas recomendações dos meus pais. — Quer dar uma volta? Ainda não conheço o parque todo.

— É… — Olho ao redor, pensando se é confiável andar para longe com um homem que literalmente só sei o nome. — Eu…

— Não vou te assassinar, prometo.

— Porque sua palavra é suficiente — zombo, e ele arqueia a sobrancelha, prendendo um riso. — Tudo bem, vamos. Saiba que meus cachorros me defendem. E que você vai aparecer na mídia caso faça algo de errado.

Ando em direção à trilha que dá no final do parque e escuto a risada do homem se aproximar, até ele ficar ao meu lado.

— O que você faz, Mila? — Viro-me em sua direção quando pergunta e dou de ombros, sem saber o que responder.

— Não faço nada demais.

— Isso é impossível. Todo mundo tem algo que faz de melhor, algo que dedica a maior parte do dia, que te dá prazer — diz, caminhando devagar ao meu lado.

— Faço faculdade e desenho no resto do tempo livre.

— O que você estuda? — pergunta com curiosidade nos olhos, que agora vejo que são verdes com a luz do sol diretamente refletida neles.

— Moda — respondo sorrindo e completo: — Na Parsons.

— Uau. É a melhor escola de moda de Nova Iorque.

Apenas aceno, porque não foi exatamente o mérito ou o meu talento que me colocaram ali. Quando se tem dinheiro, é difícil saber se você é boa em algo ou se estão interessados no quanto você pode pagar por algo.

Não é algo que me deixa confortável, então fico calada.

— E o que pretende fazer depois que acabar? — Anthony volta a perguntar, e mordo a bochecha internamente.

— Eu não sei, na verdade. Sempre que penso no futuro, é como se visse um borrão, sabe?

— Você é jovem, é normal.

— Você falou como o meu pai agora — brinco, franzindo a testa para ele.

— *Ouch*, mas provavelmente tenho idade para ser mesmo. — Ele ri junto comigo.

— Duvido.

Sinto meu rosto quente e volto a olhar para frente quando meu olhar teimoso insiste em babar na constelação presente na sua pele. Anthony é atraente, muito sexy mesmo, do tipo que não se esbarra por aí a não ser que esteja em um desfile cheio de modelos.

— Eu tenho trinta e cinco. Se você tem dezoito, tenho idade para ser seu pai.

— Vinte — respondo, surpresa porque eu daria, no máximo, trinta anos para ele.

Eu daria muitas coisas para ele, sendo bem sincera.

— Eu falei.

Ele sorri abertamente, com os lábios finos se esticando de um jeito que pelo amor de Deus… Por que tão charmoso?

— Eu tenho uma… — começa a falar, mas é interrompido pelo barulho do que imagino ser o seu celular.

Ele pede desculpa e tira o aparelho do bolso. Seu cenho se franze no que imagino ser preocupação enquanto Anthony atende à ligação. Continuo andando para dar mais privacidade a ele e só escuto a fala baixa ficando mais distante de mim. Alguns minutos depois, o homem se aproxima.

— Eu preciso ir. Foi um prazer conhecer você, Mila. Obrigado pela companhia. Vai ficar me devendo a volta até o final dessa trilha, combinado?

— Combinado — respondo, abrindo um sorriso fraco, levemente triste por me desfazer da companhia desse homão tão cedo.

É difícil ter novidades por aqui, e não gosto muito de sair porque é sempre um alarde de câmeras e notícias nos jornais no dia seguinte. Minhas roupas? Estão sendo frequentemente comentadas e copiadas. Imagina sair para me divertir! Então, é reconfortante ter um homão desses como entretenimento sem precisar ir muito longe.

Anthony acena e se aproxima, surpreendendo-me ao dar um beijo rápido na minha bochecha. Ele pisca e começa uma corrida de leve de volta para a área das casas. Assobia, e logo seu cachorro imenso sai de dentro das árvores, correndo com ele.

Sacudo a cabeça quando vejo que estou babando na sua bunda apertada em uma bermuda de malhar e mordo o lábio, pensando que nunca tive a sorte de ter um homem desses morando ao meu lado.

— Seja muito bem-vindo, vizinho.

Capítulo 02



MILA CONNOR

Desço as escadas correndo assim que Hailey me manda mensagem avisando que chegou. Digito o código de segurança do portão e libero sua entrada. Acompanho todo o trajeto do carro chamativo da minha amiga até a garagem, e ela acena para a câmera, sabendo que estou observando-a. Quando abro a porta, Hay me abraça pelo pescoço e resmunga algo sobre paparazzi na porta da sua casa.

— Eles são como aranhas grávidas. Quando você acha que se livrou de uma, um monte de filhotes do capeta se espalha — ela fala, e eu sorrio, puxando-a para meu quarto rapidamente.

— Vem, que eu preciso surtar com você.

Praticamente a arrasto em direção ao meu quarto e fecho a porta. Minha amiga se espalha na cama, bem confortável como sempre é quando vem aqui, o

que acontece com muita frequência, porque Hailey é minha melhor amiga desde que nos entendemos por gente.

— O que te deixou tão empolgada assim para não querer me mandar por mensagem? Tem comida? Estou com fome.

— Shh, daqui a pouco o jantar fica pronto — falo, sentando-me ao seu lado, agitada. — Sabe aqueles livros da minha mãe que a gente lê, em que aparece um homem perfeito, do nada, que é maravilhoso, educado, cheiroso e muito gostoso?

— Sim, que só acontece nas histórias. Ainda têm o pau grande. — Ela revira os olhos pequenos, oriundos da origem asiática. — E o que tem? Não me diga que sua mãe já está com um livro pronto? Me conta!

— Não, é melhor que isso, Hay. Eu literalmente encontrei um homem desses mais cedo no parque. Acho que estou apaixonada.

Eu me jogo na cama e não demora mais do que dois segundos para ela explodir em uma gargalhada de tirar o fôlego.

— O que foi, maluca?

— Você não terminou com o Jack há — ela estica a manga da sua camiseta longa e olha o relógio de pulso — literalmente vinte e quatro horas?

— Passado. Não perco tempo com coisas que já foram. Eu olho para frente. Você sabe disso. — Faço um gesto com as mãos, apontando para cima.

— Estou vendo! Tudo bem, mas conta! Espessura, tamanho, tudo.

Passo os próximos dez minutos dando o máximo de detalhes que posso do meu curto encontro com Anthony. Fiquei balançada, não vou negar. Não apaixonada como brinquei com ela agora há pouco, mas não vou mentir que não salivei para sentir qualquer parte daquele homem tocando no meu corpo. Minhas mãos quase formigaram para tocá-lo.

— Eu quero montar nele e não sair mais de cima, Hay. Que homem… E é mais velho, do jeito que eu gosto.

— E do jeito que seu pai odeia. — Ela gargalha, e dou um tapa de leve na sua cabeça. — Quero ver a cara do tio Jason o dia que você tiver coragem de trazer um homem para cá. Por favor, me chama para ver!

Ela tripudia do meu sofrimento, dos maus-bocados que passo por ter um pai que me protege além da conta. Eu o entendo, mas não significa que concorde com o excesso de cuidado que tem comigo desde que me lembro. Ter coragem de trazer algum garoto aqui? Nunca tive. Meus pais sabem que existem, mas nunca viram o rosto pessoalmente porque o medo de que o senhor Connor o expulse daqui é real.

— Eu não vou morrer sozinha. Meu pai vai ter que aceitar que cresci um dia — declaro otimista. — Mas não estou falando do Anthony como meu futuro marido, Hay. É uma coisa mais…

— Sexual, física, dele em cima de você cavalgando como um safado. — A

louca pega meu travesseiro e encena uma cena que devia ser erótica, mas que só me faz rir alto e bater na sua bunda.

Neste momento, minha mãe entra no quarto e franze a testa ao ver Hailey nessa posição comprometedora, o que me faz gargalhar ainda mais alto quando minha amiga fica vermelha.

— Oi, meu bem. Não te ouvi chegar. — Dona Emily entra no quarto e se aproxima para cumprimentar minha amiga com um beijo no rosto. — O jantar está pronto. Estou esperando as duas lá embaixo.

Quando sai do quarto, nós duas explodimos em uma risada escandalosa.

— Vai, garanhão! — Eu imito o movimento que Hailey estava fazendo, e ela joga o travesseiro no meu rosto.

— Por que não me avisou que ela estava aqui?

— Eu não ouvi! E nada do que ela já não saiba. Sua loucura já é conhecida — rebato e a puxo pelo pescoço.

Nós vamos assim em direção à sala de jantar exagerada e espaçosa, sempre usada pela família, porque minha mãe faz questão de que todos comamos juntos. Nada de comer em frente à televisão ou isolado do resto da casa.

— Boa noite, gente! — Hailey cumprimenta todos da casa, que já estão muito acostumados a ela. — Ah, senhor Connor, se o senhor não fosse tão

perfeito para a senhora Connor…

Nós rimos porque ela sempre, todas às vezes sem exceção, cumprimenta meu pai dessa forma, o que faz meus pais rirem e lançarem um olhar apaixonado um para o outro.

Nós nos sentamos à mesa, que fica quase toda ocupada pela família grande.

— Como vai a faculdade, meninas? — meu pai pergunta, ajudando Ellie a se alimentar e comendo ao mesmo tempo.

— Vai bem! — Hailey começa, servindo-se de tudo o que encontra à mesa. — Nós estamos na época de *internships*. Já fizemos algumas inscrições e estamos só esperando as respostas.

— Isso é ótimo, meninas. Sei que vão conseguir um lugar excelente. Se quiserem, posso conversar com alguns amigos e… — meu pai fala, mas nego com a cabeça antes que termine.

— Pai, prefiro conseguir sozinha. — Ele franze a testa em surpresa, mas concorda com a cabeça devagar, enquanto minha mãe olha para mim com os olhos curiosos.

Não é ingratidão, longe disso. Mas a faculdade, meus desenhos, a moda em si é meu mundinho. É uma coisa que sei que sou boa de verdade, mesmo que minha entrada ali tenha sido adiantada pelo meu pai. Ainda assim é algo que me

destaco pelos meus talentos, e não por ser filha de Jason Connor, o ator galã, e E.K. Brendon, a escritora mundialmente conhecida. Sei que eles só querem me ajudar e facilitar a minha vida, mas quero sentir que mereço. Que mereço estagiar em um lugar da minha escolha porque sou boa. E para isso preciso passar pelo que todos os estudantes passam. Se for para ser minha vaga, será.

Nós comemos com meus irmãos barulhando como normalmente é, sendo repreendidos apenas pelo olhar do meu pai quando falam de boca cheia. Assim que Hailey come, sua mãe a liga preocupada, e minha amiga decide ir embora. Acho que foi uma das coisas que nos aproximou. Hay é filha de um casal de políticos, então a superproteção é ainda maior, mas ela sempre dá um jeito de escapar dos seguranças que a cercam por causa da preocupação deles.

Ao invés de voltar para o quarto, pego meu Kindle e vou em direção ao deck do lago porque a noite está gostosa, apesar de quente. Assim que me sento, os cachorros me rodeiam, com expressões pidonas sempre que me veem.

— Não vou caminhar no parque a essa hora, meninos. Nem adianta fazer essas carinhas.

Eles choramingam e empurram meu Kindle com o focinho, implorando pela liberdade que não parece ser suficiente mesmo com o quintal enorme.

— Tudo bem! — resmungo, beijando o focinho de Ted. — Mas só no condomínio. Nada de parque, porque nas últimas vezes vocês se perderam atrás de um esquilo.

Ando com eles em direção ao portão após pegar as chaves e mandar mensagem para meus pais avisando. Levo o celular por garantia, porque vai que preciso chamar socorro.

Assim que abro os portões, eles correm sem rumo pelas ruas do condomínio fechado e muito bem protegido. Enquanto os acompanho, teclo com Hailey, que ainda está mandando piadinhas sacanas a respeito do meu novo vizinho.

Assusto-me quando escuto o som de uma buzina atrás de mim e dou um salto para a esquerda, com a mão no coração. Observo todo o movimento do homem saltando do veículo, com um sorrisinho de canto de boca.

— Duas vezes ao dia, vizinha? Será destino?

— É o que está aparecendo — respondo e preciso me controlar para que as pernas não tremam quando o vejo vestido com um conjunto de roupa social, com a camisa levemente dobrada até os cotovelos.

Quando se aproxima e fica ao meu lado, sinto o perfume gostoso que me faz querer lamber sua pele.

— Pensando na vida?

— Não exatamente. — Como digo que estava falando putaria sobre ele com a minha amiga? — E você? Trabalhando?

— Sim… — Faz uma careta preocupada. — Nada de novo. Mas não

vamos falar sobre isso. Posso te acompanhar na sua caminhada?

— Pode, claro.

Olho para trás, vendo a rua deserta, apesar de bem iluminada. Os moradores das três casas além da minha não são de sair muito, porque nunca os vi. Quer dizer, antes de Anthony aparecer, porque parece que vamos nos encontrar com muita frequência. *Muito obrigada, Deus!* Vejo-o estacionar o carro direito no meio da pista e se aproximar de mim, caminhando ao meu lado com as mãos nos bolsos da calça social.

— Com o que você trabalha? — pergunto, e ele sacode a cabeça.

— Sem falar de trabalho, Mila. Me distraia.

— Tudo bem. Por que você se mudou? — Mudo de assunto, e ele solta um suspiro.

— Para ficar mais perto do trabalho.

Aperto meus dedos, sentindo um nervosismo gostoso com sua presença, feliz por ter tido a sorte de encontrar com ele duas vezes no mesmo dia.

— E qual a sua história? — ele pergunta e me olha com um sorrisinho que faz seus olhos brilharem. — Seus sonhos, desejos, aspirações. Me conte todos os seus segredos, Mila.

É estranho que ele tenha tanto interesse assim na minha vida, mas nem posso julgar, pois estou muito curiosa sobre quem Anthony é.

— Eu… — começo e aproveito que ele é quase o estranho para falar sobre coisas conflitantes dentro de mim, que nem sempre tenho coragem de dizer para meus pais e amigos. — Confesso que não tenho muitas aspirações. Quando sua família tem tudo, às vezes te passa pela cabeça se você realmente precisa sonhar com algo. Pelos meus pais, eu passaria a vida viajando, aproveitando meus hobbies, sem nunca precisar me preocupar com dinheiro. E aceitei isso por um tempo, até que não pareceu mais ser suficiente. Até que eu quisesse…

— Mais.

Aceno de leve e o encaro, vendo os olhos verdes brilhantes me encarando, focados e atentos em cada palavra que digo enquanto continuamos nossa caminhada pelo condomínio.

— Não é tarde. Você já está estudando, se aperfeiçoando. É o primeiro passo para começar a planejar.

— É, sim. Eu amo o que faço. Quando estou desenhando, estudando sobre a história da moda, o impacto que ela causa nas vidas e que muita gente não percebe, me sinto só… eu. Nada de filha de pais famosos, nada de princesinha do papai, como a mídia maldosa costuma me chamar — desabafo e mordo os lábios.

Além de Hailey, ninguém sabe sobre esse incômodo que cresce dentro de mim. Esse rótulo maldito que sei que vou carregar para sempre. “Filha de Jason Connor e E.K. Brendon”. Eu me orgulho dele, porque amo meus pais, o que eles

fazem e quem são, mas não quero minha vida resumida a isso.

Anthony fica em silêncio e pensativo durante longos segundos. Sinto-me desconfortável porque não sei se estou entediando-o com minhas histórias ou se ele só está pensando que sou uma garota mimada que reclama do que tem.

— Estou chateando você? Você deve estar me achando uma boba desmiolada, né? — Decido quebrar o silêncio, e ele nega com a cabeça.

— Só estou pensando. Já passei por essa pressão e tinha me esquecido de como era. Se me permite te dar um conselho, não sofra com isso. Continue fazendo o que te faz bem, o que te completa. Se precisar se colocar em primeiro lugar, faça.

— Foi o que você fez? — questiono, curiosa.

— Não. Por isso que estou te falando isso.

Mordo os lábios e aceno devagar. Tem uma aura misteriosa rodeando Anthony que me deixa curiosa para saber mais sobre ele, ainda mais quando não parece estar disposto a me contar. Isso só atiça ainda mais a curiosidade. Como meu pai sempre diz, puxei isso da minha mãe Emily.

— E você? Quais seus sonhos, desejos, ambições? — repito a pergunta imitando seu tom de voz, o que o faz rir.

— Eu não sei… Quando chega certa idade, a gente para de pensar nessas coisas. Só aceita o que a vida colocou nas nossas mãos, sabe?

— Você sempre fala como se fosse um velho de cem anos? Você só tem trinta e cinco! — brinco, e ele ri. — Não acho que tenha idade certa para ter ambição. Sempre existe algum sonho não realizado, uma meta não alcançada.

— Eu tenho muitas ambições, mas todas relacionadas a trabalho; fusões, ampliações, metas.

— Já é alguma coisa. Só não pode ser tudo, porque nossa vida não se resume apenas a trabalho.

Dou de ombros, e ele volta a me encarar com a curiosidade que já vi algumas vezes, como se não fosse acostumado a ver pessoas como eu.

Quando chegamos ao final da rua do condomínio, eu paro e vejo os cachorros brincando feito doidos. Nós soltamos uma risada quando eles fazem uma bagunça no meio da rua e correm para longe de nós.

É seu celular quem interrompe nosso momento novamente. Ele suspira e o tira do bolso da calça social, fazendo uma ruguinha de preocupação aparecer no ossinho acima do nariz.

— Eu preciso ir… De novo.

— Você não descansa? — pergunto sorrindo, e ele solta uma risada um pouco amarga.

— Não sei o que é isso há anos. Vamos? Eu te acompanho de volta para sua casa.

Nós fazemos o caminho de volta mais rápido, com Anthony calado e pensativo ao meu lado. Quando chegamos, ele novamente dá um beijo na minha bochecha e entra de volta no veículo após me desejar boa-noite.

Mais uma vez, fico parada vendo-o sair e levando um pouco da calmaria que sua companhia me traz.

Capítulo 03



MILA CONNOR

Não estou acreditando que consegui! Eu, por conta própria, pela primeira vez na vida, consegui uma coisa que tenho certeza de que será muito gratificante para mim, sem precisar da influência do meu pai. Demorou mais do que previ e fui recusada em duas entrevistas, mas algo na última que fiz para a empresa dos meus sonhos chamou a atenção da senhora simpática que me entrevistou. Eu estava para morrer de nervosismo nas primeiras, porque nunca tinha participado de uma seleção antes, mas fui mais confiante na última. Talvez tenha sido isso.

Davi’s, aqui vou eu!

Entro no prédio de mais de vinte andares no meio da décima terceira avenida e arrumo a saia na altura dos joelhos e o cardigã lindo que ganhei da minha mãe como presente de boa sorte. Confiro se os fios de cabelo não estão fora do lugar enquanto me apresento na recepção, sentindo as pernas tremerem

conforme ando. A secretária me libera com um cartão magnético, e subo até o último andar, onde a senhora que me entrevistou disse que eu iria trabalhar.

A subida é lenta e aproveito para tentar me acalmar. Vai dar tudo certo. Eu amo estar rodeada de ambientes como esse, onde toda a *mágica da criação* acontece, então não haverá empecilhos para meu sucesso.

Quando o elevador apita no último andar, escuto meus saltos ecoarem altos pelo piso liso de tão silencioso que aqui está.

— Bom dia. Mila, não é? Você está atrasada — uma mulher diz, olhando para o celular nas mãos. — Primeira regra: o senhor Davis odeia irresponsabilidade e é muito rigoroso com horários.

— Mas eu só… — Olho para o relógio enorme na parede e vejo que são oito e dois. — São só…

— Dois minutos. Acredite em mim, eu sei. — Ela sorri de um jeito simpático. — Ele também sabe, mas diz que cada minuto conta.

— Tudo bem. Me desculpe. Não vai acontecer novamente.

Sinto meu rosto quente por ter levado uma puxada de orelha nos primeiros minutos de estágio. Comecei super bem! Que maravilha!

— Vamos. Sorte a sua que ele ainda não chegou de viagem, então não começará ruim com ele. Vou te explicar tudo o que precisa fazer. — Ela anda pelo hall enorme do prédio, onde não parece ter uma alma viva trabalhando. —

Sou Margareth, aliás. Esse andar aqui é só o da presidência e dos designers. O senhor Davis gosta de silêncio para trabalhar, então as outras equipes foram realocadas nos outros andares. As reuniões acontecem naquela sala ali. E ali é onde eles trabalham.

Vejo algumas pessoas trabalhando em completo silêncio, concentrada nos papéis e nas telas à frente.

— Tudo bem.

— Ali tem uma copa, onde as funcionárias preparam as refeições que ele deseja quando não tem tempo para almoçar fora. Você pode comer ali também.

— O que eu vou fazer exatamente?

— Em um primeiro momento, você será a sua secretária. O senhor Davis é… rígido, mas é um excelente mentor e um designer magnífico, apesar de ter abdicado dessa função depois que assumiu o cargo de CEO. Mas ele vai te ensinar muito.

— Ok… — sussurro, um pouco frustrada, porque imaginei que trabalharia diretamente com a parte de criação.

A empresa Davi’s é multinacional na área de vestuário, calçados, acessórios e fragrâncias. Exatamente tudo o que eu amo em um lugar só! Eles têm um marketing consciente e umas parcerias maravilhosas com várias agências que me interessam praticamente desde a minha adolescência. Estar aqui

é um sonho, então vou recolher minha frustração porque todo mundo diz que a gente começa de baixo. Só espero ter a chance de pelo menos conhecer um pouco da área dos designers.

— Sua experiência aqui vai ser transformadora, Mila. Não tenha dúvidas disso. Ainda mais trabalhando diretamente com o senhor Davis.

— Eu sei que vai. — Sorrio para a mulher, e ela me leva em direção à mesa próxima à sala, que imagino ser a do chefe.

Margareth passa cerca de uma hora me passando tudo o que preciso saber e fazer, e fico mais tranquila, porque terei muito mais responsabilidades do que simplesmente servir café. Estou animada apesar de tudo. É a primeira vez que vou trabalhar. Mesmo que não vá receber um salário, o que vale é o aprendizado que conseguirei aqui. Farei de tudo para aprender o máximo que posso para aplicar nas minhas aulas, e quem sabe no meu futuro.

— Vou deixar você com esses papéis. Qualquer coisa pode me chamar. Só apertar o zero no telefone que apareço. Quando terminar esses relatórios, pode entrar naquela sala e deixar em cima da mesa dele.

Trabalho com dificuldade porque não estou familiarizada com nada disso, mas acho que me saí bem. Sorridente por ter concluído tudo rápido, recolho os papéis e salvo as informações no computador também.

Entro na sala e arregalo os olhos ao ver a vista incrível que tem aqui do alto. Distraio-me por alguns segundos com o tamanho e com a organização que

aqui tem. Um perfume gostoso atinge meu nariz assim que me aproximo da cadeira para deixar os papéis ali em cima.

Como fiz o que Margareth me pediu, decido dar uma volta pelo andar para ver os designers. Eles me olham com curiosidade quando me aproximo, e aceno com a mão para eles.

— Você é nova? — um homem pergunta, e eu aceno, abrindo um sorriso de orelha a orelha ao ver um rascunho de um sapato na tela do seu computador. — Bem-vinda à selva, onde o rei leão come sua presa se você vacilar.

— Tony, você vai assustar a menina!

Vejo uma mulher elegante sentada ao lado dele, rabiscando alguma coisa que não consigo ver de onde estou.

— Sou Kate, muito prazer. Não o escute. O Davis é… problemático no trabalho, mas é uma boa pessoa.

— Tão boa que você não perdeu a chance de se divorciar dele na primeira oportunidade que teve — o homem debocha, e ela dá de ombros.

— Ele continua sendo bom. Não disse que é a pessoa certa para mim. Mas com certeza é a de alguém.

Ela me olha e abre um sorriso, arrumando os cabelos ruivos no topo da cabeça em um coque sofisticado. É uma mulher madura e muito bonita, sem falar na elegância das roupas que veste.

— O que acha? — pergunta, olhando para mim após erguer um desenho de um vestido.

— Eu? — questiono tímida e me aproximo para ver. — Está lindo, mas…

A mulher inclina a cabeça para o lado com curiosidade, e Tony sorri e me encara.

— Desculpa, não quero me meter nos seus desenhos. — Entrego a folha para ela, achando-me a maior linguaruda do mundo.

— Não! Pode falar! — ela me encoraja, e mordo os lábios.

— Está com cara de coleção passada — sussurro, porque a roupa é incrível, mas a identidade está mesmo ultrapassada.

Quando digo que amo a Davi’s, não estou mentindo. Acompanho todo lançamento em todos os desfiles que eles promovem, assim como a história por trás das roupas, que sempre me emocionam e me fazem pensar que foi realmente para isso que nasci.

Fico sem graça quando Tony explode em uma risada, que logo é repreendida pelas outras pessoas concentradas da equipe. O homem se desculpa apesar de não parecer abalado e volta a olhar para mim.

— Você acaba de ganhar o coração dela — ele sussurra para mim, com o rosto vermelho como um pimentão depois da gargalhada. — Ela vai te amar para sempre depois dessa.

Olho para os dois sem entender, enquanto Kate abre um sorriso aberto para mim.

— Ponto para você por não dizer que está perfeito só para me bajular. Essa peça realmente é da coleção passada. Gosto de deixar os modelos ao meu lado para diversificar. Essa aqui é a nova.

Assim que o desenho do vestido atinge meus olhos, eu falto pular de empolgação.

— Meu Deus, está incrível…

— Muito obrigada. — Ela pega de volta com um sorriso orgulhoso no rosto e volta a pegar seu material de trabalho, reproduzindo o que está na tela de desenho ao seu lado. — Você vai ser designer com a gente?

— Não — sussurro triste, porque os dois me fizeram querer ficar aqui ainda mais. — Vou ser a secretária do chefe. Estagiária, não sei.

— Oh… — Tony solta. — Pobrezinha. Boa sorte!

— Tony… — A frase de repreensão de Kate é interrompida por gritos ao longe, que me fazem me afastar deles para tentar ver o que acontece. — Boa sorte, querida. Vai dar certo.

— É o…

— Ele mesmo. Devil’s para os íntimos — Tony responde e volta a se concentrar.

Minhas pernas tremem enquanto volto para minha mesa, somente a tempo de ouvir a porta da sala dele bater com força. Penso se entro para me apresentar, mas estou com medo porque consigo ouvir a gritaria daqui.

Cerca de cinco minutos depois, Margareth sai da sua sala, acompanhada de duas mulheres pálidas.

— Onde você estava? Você está encrencada! Primeiro, não abandone sua mesa no meio do expediente. Segundo, aquilo *não* foi o que eu te pedi para fazer!

Vejo a porta entreaberta e ainda consigo ouvir os resmungos do homem daqui.

— *Competência, Margareth. Tudo o que pedi foi competência!*

— Mas eu fiz como você me pediu… — digo baixinho, sem entender o que fiz de errado.

— Ele vai te explicar.

Sua expressão me diz que estou em uma enrascada das grandes. Margareth aponta em direção à sala dele, e contraio quando o escuto bater algo dentro da sala. Meu Deus, que homem é esse? Realmente parece o rei da selva soltando toda sua fúria. Sinto meu corpo tremer instintivamente e uma vontade enorme de fazer xixi de nervosismo ao ouvir a sequência de resmungos.

— *Margareth!*

— Vá, por favor… — As mulheres se afastam quase correndo, e eu tenho vontade de ir junto.

Não quero conhecer esse homem mal-educado do outro lado. Antes de sumir de vista, ela me incentiva a entrar novamente, indicando a porta com a cabeça. Solto um suspiro e seguro as lágrimas que ameaçam descer. E ele nem gritou diretamente comigo ainda!

Arrumo a roupa, o cabelo, e ando devagar até a porta. Eu o vejo de costas, agachado em frente a um armário. Bato na porta devagar, e ele não responde, então repito o gesto.

— Eu ouvi da primeira vez — diz, ranzinza, fazendo meus lábios tremerem de medo.

— Me desculpa, senhor Davis. Achava que o relatório tinha ficado como o senhor queria. Sou nova e…

— Se sente.

Ele bufa e parece não achar o que quer, então desiste e se levanta, olhando para mim finalmente.

Meus olhos quase pulam quando vejo Anthony, meu novo vizinho lindo, educado, simpático, cheiroso, que eu queria montar em cima por ter sido tão atencioso comigo.

O que aconteceu com aquele homem simpático do parque?

Capítulo 04



ANTHONY DAVIS

Pela primeira vez, sinto vergonha ao ter um par de olhos me encarando com tanta surpresa e… decepção, eu diria.

— Mila?

— Oi, Anthony…

O tom leve, o olhar carismático e o jeito descontraído de quem não me conhecia antes sumiram da mulher, sendo substituídos pela expressão de medo que todos meus funcionários parecem carregar.

Meu jeito autoritário não foi construído propositalmente, nada era para ter sido assim. Mas a forma como cheguei ao cargo de CEO me obrigou a agir dessa forma, então a reputação ficou. E nunca me incomodei com ela. Sei muito bem dos apelidos que me chamam pelos corredores, e isso realmente não me importa desde que cada funcionário esteja fazendo o seu trabalho direito.

— Você é a minha nova secretária? — pergunto enquanto me sento na cadeira, ficando frente a frente com ela, que se aproxima devagar e se senta também.

— Sim. Aparentemente sou — sussurra, abaixando o olhar.

Vejo os dedos trêmulos apoiados no colo e me xingo mentalmente, porque não tinha a intenção de assustar a garota.

Ela é… peculiar. Desde o dia em que a vi no parque, com a expressão curiosa e um jeito que imediatamente me passou leveza depois de um dia de cão, venho apreciando a companhia dela. Inteligente e sagaz demais para a pouca idade, Mila me encantou e me prendeu de cara. Eu a vi mais duas vezes depois dos nossos encontros casuais no primeiro dia em que a conheci, mas passamos boas semanas sem nos vermos, pois não tive tempo de ir até lá porque precisei fazer uma viagem a negócios.

Uma maldita viagem que só fez me frustrar e passar raiva, esse é o motivo do meu estresse.

— Se você me disser o que tem de errado com os relatórios, eu posso arrumar — ela fala, erguendo os olhos azuis e grandes em minha direção.

— Tudo está errado — respondo de forma rude, em um modo automático sempre que piso aqui, mas abrando o tom quando a vejo estremecer. — Você não seguiu o modelo que deixo pronto?

— Eu segui. A Margareth me passou e… — Ela se ergue para procurar as folhas que ainda estão reviradas em cima da mesa. — Usei o modelo errado. Me desculpe, Anthony.

— Senhor Davis, por favor, senhorita Connor. Estamos em ambiente profissional.

— Oh, me desculpe.

A garota parece ainda mais constrangida do que antes e ameaça ir em direção à saída.

— Aonde vai, senhorita Connor?

— Eu vou arrumar os relatórios…? — responde em um tom de questionamento, fixando seu olhar no meu.

— Ainda não terminei de falar. Por favor, feche e porta e se sente.

Mila acena e vejo o quanto está diferente na roupa que usa, o tipo oposto ao que caminha no parque, obviamente. Os trajes que usa a deixam muito mais elegante, madura. E a maquiagem leve no rosto esconde a expressão de menina que tem, fazendo-a parecer muito mais velha do que os vinte anos que me disse que tem.

— Vou precisar de você para fazer muito mais do que relatórios como esse. Preciso saber se você dá conta do mínimo. Do contrário, não será possível continuar com você.

— Eu consigo — responde com firmeza, com os dedos apertados ao redor da cadeira depois que se senta novamente. — Eu aprendo rápido. Só nunca fiz antes, mas com o tempo…

— Muito bem — digo mais brando. — Vou te ensinar a usar o nosso programa principal aqui na empresa. Pode vir até aqui.

Ela se levanta, alisando a saia discreta que usa, e se posiciona ao meu lado na mesa, em frente ao computador. Quando a vejo minúscula e trêmula ao meu lado, solto um suspiro e me levanto, pegando uma das cadeiras e colocando ao meu lado para que se sente.

Começo a explicar tudo o que precisa saber e fazer, e Mila segue calada ao meu lado, como se nem estivesse respirando.

— Tudo tranquilo até aqui, senhorita Connor?

— Sim… — A voz baixa sai bem perto do meu ouvido, e eu me viro em sua direção, com meu rosto quase encontrando o seu.

— Posso continuar? — questiono, voltando a encarar a tela, tentando não me desconcentrar com o perfume gostoso de pêssego que vem dela.

— Sim, senhor.

Aperto o ossinho entre os olhos, segurando-me para não ter pensamentos que não devo ter por inúmeros fatores. Pelo fato de Mila ser muito mais nova do que eu e agora por ser minha funcionária. Não almejei ter nenhum envolvimento

com ela mais do que os diálogos do parque, agora que não tem chances de isso acontecer. Mesmo que eu veja o jeito que ela me olha. Sei reconhecer uma expressão de desejo quando vejo uma, mas o que menos preciso ter agora é uma relação como essa no trabalho.

— Qual o seu perfume? — Espanto-me quando escuto a pergunta dela, que se aproveita que pausei a explicação. Viro-me em sua direção com a testa franzida. — Desculpa. Fiquei curiosa.

— *Sin* — respondo a aleatoriedade com incerteza na voz.

— É muito bom.

Viro-me para a tela do computador novamente, ainda com a testa franzida de surpresa, e sigo a explicação, desconcertado por sua presença silenciosa atrás de mim. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto inquieto.

— Tem alguma dúvida?

— Não, acho que vai surgir enquanto eu estiver fazendo. Mas qualquer coisa, eu pergunto para a Margareth — ela fala e se ergue da cadeira, arrumando a saia novamente.

— Fale diretamente comigo.

— Mas… Você não fica ocupado com coisas… importantes? — questiona curiosa, e aceno.

— Fale comigo — repito, e ela acena, soltando um pigarro.

É verdade. Normalmente é Margareth quem treina os estagiários e as secretárias, mas aparentemente não tem funcionado muito bem. Mila fica desconcertada e se vira para sair da sala e voltar para sua mesa.

— Mila? Por que escolheu a Davi’s para estagiar? — questiono com curiosidade, porque em nossas conversas a garota sempre parece meio perdida, indecisa, sem planos concretos do que será da sua vida.

Mas não é o que vejo agora.

— Porque vocês são bons no que fazem. E eu sempre aprendo muito com os melhores. — Ela dá de ombros, meio desanimada, e franze a testa por um segundo antes de completar: — E prefiro que continue me chamando de senhorita Connor, se não for pedir muito.

Quando sai da sala, arregalo os olhos pela coragem e solto um suspiro alto, sem saber o que pensar com a presença dela aqui na empresa.

***

Assim que me desconcentro dos projetos que recebi no meu e-mail, noto que já anoiteceu. Mal comi durante o resto do dia, pois não saí da minha sala, concentrado como sempre fico quando preciso terminar alguma coisa dentro do prazo. Respondo todos os e-mails pendentes e desligo o computador, porque

agora posso terminar de casa o que sobrou.

Levanto-me da cadeira e me estico, torcendo o pescoço duro para o outro lado. Tiro o paletó e coloco-o no braço enquanto desligo o computador. Surpreendo-me quando vejo que Mila ainda está ali, concentrada olhando para a tela.

— Senhorita Connor, você já devia estar em casa há muito tempo.

Ela pega o celular e olha para a hora.

— Já estou terminando — diz, anotando alguma coisa em um papel.

Aproximo-me dela e vejo as planilhas abertas no computador, de coisas que ela devia fazer no decorrer de toda a semana, mas que já foram iniciadas e estão quase finalizadas.

— Você não precisava fazer tudo hoje.

— Quero ser boa no que eu faço — responde enquanto salva tudo.

— Você pode ser boa sem se matar de trabalhar.

— Não foi o que pareceu. — Escuto o resmungo baixo, com ela de costas para mim, parecendo chateada ou estressada com alguma coisa.

— Vamos. Eu te levo em casa.

— Não precisa. Não é muito profissional o chefe deixar a estagiária em casa — responde, recolhendo suas coisas com rapidez.

Quando bate uma pasta na mesa, uma folha cai no chão, e vejo um rascunho de uma roupa. Abaixo-me para pegar, e seu rosto fica vermelho enquanto puxa o papel da minha mão rapidamente.

— É seu? — questiono, e ela acena com a cabeça. — Você é muito boa. Por que não se candidatou para a área de design?

— Provavelmente fiz algo de errado durante a inscrição. Pelo visto é tudo o que sei fazer — responde com um suspiro alto e passa a mão por cima dos cabelos agora bagunçados.

— Vamos.

— Não precisa…

— A gente mora praticamente no mesmo lugar, senhorita Connor. Não tem motivos para eu não te dar uma carona — falo, e ela me encara nos olhos pela primeira vez desde que saí da sala.

— Ok.

Eu a acompanho em direção ao elevador privativo, que dá direto para minha garagem, com Mila o tempo inteiro calada, completamente diferente da mulher faladeira que encontrei antes. De uma forma estranha, o silêncio me incomoda. Normalmente, tudo o que procuro é exatamente isso: paz e sossego para poder trabalhar quieto. Ausência completa de sons me faz pensar melhor e me acostumei a isso.

— Você gostou da empresa? — Quebro o silêncio quando chegamos à garagem, e Mila só acena devagar. — Só isso? Nenhum comentário sobre seu primeiro dia? Nenhum discurso empolgado?

— Estou surpresa — fala depois de entrar no meu carro e afivelar o cinto.

— Com o quê?

Olho-a com uma curiosidade legítima para saber o que ela achou. Eu me identifiquei com a garota confusa, sem planos para o futuro, assim que ela se abriu para mim. Era assim que eu costumava me sentir antes de me tornar CEO da Davi's. E, por coincidência, desenhar era o que eu fazia de melhor. Assim como Mila. Provavelmente por isso que nossas conversas fluíram bem desde o primeiro dia, porque apesar da diferença de idade, nós temos muitas coisas em comum. Mesmo que ela não saiba disso porque preferi não tocar no assunto.

— Com você — fala baixo, olhando para fora da janela. Acho que não vai falar mais nada, mas ela se contorce no banco, e sinto seu olhar em mim. — Por que você precisa ser tão… rude? Por que você é uma coisa ali e outra fora dali?

Desvio meu olhar das ruas e a encaro, os olhos azuis agora petulantes me encarando de volta.

— Você não vai querer cruzar essa linha, Mila — aviso, sacudindo a cabeça devagar.

— Só te fiz uma pergunta, Anthony. Ou senhor Davis, não sei como sou

permitida de te chamar agora que não estamos mais na empresa.

— Eu não queria o cargo — digo, e ela faz uma expressão de “e…”, como se minha explicação não fizesse sentido nenhum.

— Você sabe que isso não é desculpa para tratar as pessoas mal, não é? Como espera criar um bom local para as pessoas trabalharem se elas temem só a sua presença? Aprendi com meu pai que não precisa ser rude para ter autoridade. O clima que você cria é… opressor. Não que você precise desse conselho.

Aperto o volante com força, porque odeio ser questionado sobre como trabalho. Mas me controlo, porque não quero ser grosseiro com ela agora que não estamos mais ali.

— Já ouviu a frase *“Cuide bem dos seus funcionários, e eles cuidarão bem no seu negócio”*? Eu queria ter ficado com a ideia de perfeição que tinha na cabeça sobre como seria fazer parte daquilo — murmura baixo, voltando a se encostar no banco de um jeito desanimado.

— A empresa é muito mais do que eu — defendo, e ela nega com a cabeça. — Não tenho a intenção de ser rude. O trabalho só é estressante na maioria das vezes. E quando qualquer coisa foge do meu controle, fico puto.

Mila continua calada durante todo o percurso, como se eu não tivesse falado nada. Não quero que fique com uma imagem ruim do lugar, e nem mesmo de mim.

Passo o caminho inteiro pensativo. Mal entro no nosso condomínio, e ela já se prepara para descer. Vejo um carro entrando na sua casa, mas ele para no meio do portão quando estaciono em frente.

— Obrigada pela carona.

Ela não espera que eu responda e desce apressada, batendo a porta. Vejo um homem a olhando com preocupação antes de voltar seu olhar para mim com interrogação estampada quase no meio da testa. Dou um aceno com a cabeça, e o homem devolve o cumprimento, com uma expressão carrancuda no rosto.

Avanço com o veículo e entro na minha garagem, sem conseguir tirar as palavras de Mila da minha mente.

Nunca tinha parado para pensar que a minha forma de agir poderia prejudicar a produção ou afetar a visão de outras pessoas em relação à empresa. Sempre funcionou muito bem.

Não me surpreendo que as pessoas comentem sobre isso nos corredores, mas me surpreende que Mila, no seu primeiro dia, já tenha tido coragem de falar isso de forma tão direta.

Capítulo 05



MILA CONNOR

Estou deitada olhando para o teto, sentindo-me cansada como nunca. Que raios de dia mais imprevisível foi esse? Eu não consigo parar de pensar em Anthony, não aceito mesmo que remotamente a ideia do príncipe galante, o vizinho gentil, incentivador e preocupado ser aquele… filhote de demônio rude.

O encanto devia ter acabado, mas ele ainda continua sendo gostoso. Uma pena… Meus sonhos foram destruídos. Quando finalmente achei que tinha encontrado alguém semelhante aos mocinhos dos livros da minha mãe, meu castelo de sonhos foi destruído. E é exatamente por isso que estou com meu Kindle aberto em um dos seus lançamentos mais recentes. Estou encantada com Marcel, meu novo amor. Vou me afogar na perfeição dos homens literários para me esquecer da brutalidade dos reais. Quer dizer, o mocinho começa bruto, mas é facilmente dobrado pela mocinha. Não bruto demônio, bruto gostoso.

Quando escuto uma batida na porta, bloqueio a tela porque chegou bem na parte erótica e me sento na cama rapidamente.

— Pode entrar!

O rosto do meu pai aparece na porta, e sorrio fraco porque estava demorando para ele aparecer. Assim que cheguei, corri para o banheiro dizendo que precisava de um banho. Em tese, era verdade. Só demorei mais do que o normal porque sou uma covarde. Aos vinte anos, estou fugindo do meu pai como se fosse uma adolescente pega fazendo algo errado. Mas sabia que o senhor Connor não ia demorar para aparecer, pois ele sempre vem.

— Estou atrapalhando, princesa? — Ele se senta na minha cama e me puxa para beijar minha testa.

— Não, só estava lendo um pouco antes de dormir.

— Como foi? Você chegou tarde. Eles não estão te explorando, não é? — questiona depois de se afastar.

— Não estão, pai. Fique tranquilo. Eu só…

Não quero falar com ele sobre a grosseria do meu novo chefe, porque tenho certeza de que diria que não posso, e nem devo, aceitar esse comportamento de ninguém. Meu pai me criou como uma princesa e, para ele, a ideia de que o mundo não me trate como uma o deixa louco.

— O que foi? Me conta. Conversa com seu velho.

— Quero fazer o meu melhor, sabe? A Davi’s tem alguns dos melhores profissionais do ramo. Quero fazer as coisas direito. E, como nunca tive experiência com trabalho nenhum, fico com medo de fazer algo muito errado que vai prejudicar a empresa, que vai me fazer nunca mais conseguir trabalhar em lugar nenhum — falo um pouco da verdade, porque parte do motivo que me fez ficar ali até tarde foi para esfregar no nariz do Anthony que posso ser boa e competente. Ao contrário do que ele pareceu pensar à primeira vista.

— Você vai se sair bem, princesa. Sempre foi boa em tudo o que faz. Não há nada e nem ninguém nesse mundo que pode te parar. E você gostou de lá? Eles te trataram direito?

— Eu gostei. Vi um modelo da nova coleção e conheci poucos funcionários ainda, mas é muito legal. — Sigo dizendo a meia-verdade, porque não quero preocupá-lo à toa. E não quero que ele interfira também.

— Fico muito feliz por você.

Espero. Prendendo uma risada, porque sei que ele só está pensando como abordar o assunto sem me afugentar ou sem parecer ciumento demais. Eu o conheço muito bem, e chega a ser engraçado que meu pai não saiba disso.

— E quem era aquele rapaz que te trouxe? Seu amigo novo?

A gargalhada explode alta antes que eu consiga me controlar como faço todas as vezes.

— Ai, pai, eu amo o fato de você ser previsível. Quando vai deixar de ser tão ciumento, senhor Connor? Eu estou grandinha, sabia?

— Não sou previsível nada — resmunga de brincadeira, mas logo sorri abertamente para mim.

O rosto bonito fica radiante sempre que está com a gente, e essa é uma das coisas que mais amo nele. Mesmo com a correria do dia, meu pai sempre tem tempo para a família.

— Respondendo à sua pergunta, ele é meu chefe. Por coincidência, o senhor Davis mora na casa ao lado da nossa. Ele me ofereceu uma carona porque estava tarde, e eu aceitei.

Meu pai franze a testa, pensativo, antes de finalmente acenar.

— Ele parece novo demais para ser chefe.

— Também achei — falo, ainda sorrindo para ele. — Mas pelo que dizem na empresa, é o melhor no que faz.

— Eu imagino… Por que você não vai de carro, minha linda? Já falei que contrato um motorista para te deixar onde quiser.

— Pai, não precisa. Eu vou e volto de táxi.

— Você sabe que é perigoso. Fico preocupado — fala com sinceridade, e solto um suspiro, porque ele não deixa de ter razão.

Mas eu odeio dirigir, porque só tive experiências traumáticas depois que

comecei. Só que também odeio ter que andar com motorista de um lado para outro, porque atrapalha e muito a minha missão de tentar passar despercebida nos lugares.

— Eu vou tomar cuidado, prometo. E sempre posso ligar para meu paizinho lindo para me salvar — bajulo e o puxo para dar um beijo em sua bochecha. Ele franze a testa, sabendo que estou usando bajulação da mais barata.

— Você sabe que me convence com carinho, não é? Vem comer alguma coisa, já que não quis jantar.

— Já desço, senhor Connor. Vai descansar também — falo, e ele dá um beijo na minha cabeça antes de acenar e sair do quarto.

Sobrevivi ao primeiro *round* de interrogatório, mas sei que tem muito mais de onde veio esse primeiro. Sorrindo, volto a ligar o Kindle, com a página de *Suddenly Surrendered* aberta.

Na metade do livro, pego no sono e, ao invés do meu Marcel imaginário, sonho com Anthony ali de joelhos diante de mim pedindo uma nova chance.

***

Meu corpo já está trêmulo, e eu nem cheguei à minha mesa ainda. Pergunto-me se Anthony já chegou, mas a resposta vem quando vejo Kate e

Tony saindo da sala. O homem parece pálido, mas Kate sorri. Só aí que o estalo vem, do homem dizendo que a ruiva elegante é sua ex-mulher. Entre os mistérios de Anthony que tentei desvendar antes de conhecê-lo, um divórcio com certeza não estava no meio deles.

— Ele está bem-humorado hoje — ela ironiza para mim e pisca antes de os dois voltarem para suas mesas na sala ao lado.

Sobressalto-me quando o telefone em cima da minha mesa toca e o atendo trêmula.

— Alô?

— *É assim que vai atender aos telefonemas, senhorita Connor? Como se estivesse falando com suas amigas de faculdade?* — O tom ácido vem do outro lado da linha, e aperto minha mão, querendo xingá-lo dos piores nomes possíveis. — *Venha até minha sala agora.*

— Bom dia, Mila. A senhorita poderia, por favor, vir até aqui na minha sala agora? Custa ser educado? Ogro! — resmungo sozinha enquanto me levanto.

Respiro fundo duas vezes antes de seguir até lá. Agora que sua grosseria não é mais uma surpresa, estou mais preparada para não abaixar a cabeça. Não vou aceitar ser maltratada. Reconhecimento, dinheiro, fama, nada vale dor de cabeça como essa. E ninguém vai me humilhar.

— Bom dia, senhor Davis — digo educada quando entro, porque minha mãe sempre diz que se rebate grosseria com gentileza.

— Bom dia, senhorita Connor. Se sente.

Ora, temos um progresso! Eu obedeço e cruzo as pernas. Anthony franze a testa por alguns segundos e solta um suspiro.

— Você pretende gravar no seu HD interno tudo o que eu disser ou vai pegar algo para anotar? — questiona, passando os dedos entre os lábios enquanto me olha com curiosidade.

— Eu… — Xingo-o mentalmente enquanto me levanto para pegar em cima da minha mesa o *iPad* que me deram para trabalhar. Volto à sala, e Anthony faz um sinal para que eu feche a porta.

— Eu olhei o seu currículo. — Ergo o olhar do aparelho com curiosidade e espero que continue. — Seu vasto conhecimento em línguas vai ser muito útil para a empresa no fechamento de alguns negócios. A maioria dos investidores fala nossa língua, mas eles gostam de negociar no idioma deles. Espanhol, francês, português, italiano… Quando você teve tempo de aprender tudo isso?

Vejo que está com o currículo em mãos, olhando com atenção, como se estivesse subestimando minhas habilidades. Ou até mesmo duvidando delas.

— Desde os meus cinco anos que fico em função de estudar, tive muito tempo de sobra e nada além disso para aprender — respondo curta e grossa, e

Anthony acena devagar.

— Então você está disposta a trabalhar de forma externa? Viagens, jantares, eventos, o que for para fechar negócios?

— Sim, claro — respondo sem pensar, porque não posso fraquejar agora. Se precisam de mim para isso, é isso que vou fazer.

Agora virou questão de honra fazer as coisas bem-feitas para não ter um "a" para esse rabugento reclamar comigo. Mesmo que a vontade de sentar nessa carranca para calar essa boquinha linda ainda esteja presente, a de me realizar profissionalmente é maior.

Perco uns segundos a mais analisando as mangas mais uma vez dobradas e o terno pendurado para não amassar em um cabideiro discreto atrás da sua cadeira.

Ele vai falando uma série de coisas, e digito tudo no aparelho, com cuidado para não me esquecer de nada.

— Mais alguma coisa, senhor Davis? — Foco meu olhar no seu rosto de novo, e ele nega com a cabeça.

— Obrigado, senhorita Connor.

Franzo a testa para o agradecimento inesperado e saio da sala, com um sorriso travesso surgindo no meu rosto. *Gentileza gera gentileza, Mila.* Minha mãe estava certa no final das contas.

Trabalho o início da manhã de forma concentrada, conferindo umas três vezes para não fazer nada errado. Quando me dou por satisfeita, tiro cinco minutos para olhar meu celular. Mas é claro que o homem tinha que sair da sala bem na hora da minha pausa, é óbvio que sim. Para desconstruir o progresso que achei que tínhamos feito, a expressão carrancuda volta quando se aproxima da minha mesa.

— O trabalho está pouco? — pergunta, apontando para a tela do aparelho. — Posso te dar mais funções, se estiver sobrando tempo.

— Já terminei o trabalho, só estava…

— Mexendo no celular na hora do expediente. Faça valer os créditos que está ganhando na faculdade, senhorita Connor — completa seco e solta um suspiro. — Estou indo almoçar. Transfira as mensagens para o Smartwatch se for urgente.

Ele sai, podre de lindo, parecendo que está participando de um comercial de perfume, desfilando o corpo másculo e cheio de veneno. Encosto a testa na mesa e choramingo, dando pequenas batidinhas na madeira.

Aproveito que o homem saiu e ligo para Hailey, porque preciso mesmo de alguém para desabafar neste momento difícil. Minha amiga é a única capaz de me jogar para cima com frases otimistas. Ela é a minha única esperança de me alegrar e não me fazer desistir de tudo.

— Hay, me ajuda — resmungo assim que ela atende, com o aparelho na

orelha e com a testa encostada no braço. — Por que eu não fui para a Nucci com você? Se arrependimento matasse, eu já estaria morta.

— O que aconteceu, menina?

Sinto falta de ver minha amiga no restante do dia, e nós só começamos o estágio ontem, mas sou acostumada a tê-la perto de mim sempre que quisermos. Com as *internships*, os horários da Parsons foram adaptados, e as disciplinas foram distribuídas no decorrer da semana, de acordo com cada empresa escolhida pelos alunos. Vou sentir falta de passar horas teclando com Hailey sobre qualquer fofoca que nos interesse.

— Pior do que isso! Não tem meu vizinho gostoso, perfeito, dos sonhos? É meu chefe!

— O quê? Não acredito! Poxa, Mila. Você fica com os melhores clichês! Por que tinha que sobrar o sugar daddy para mim? A diferença é que aqui o velho rico é velho mesmo!

Ela gargalha do outro lado da linha, e eu rio baixinho, abafando a risada com o braço.

— E por que você parece triste de trabalhar com o gostosão conselheiro?

— Porque ele é o próprio CEO do inferno! Sinto que tenho vontade de chorar cada vez que preciso ir à sua sala. Aqui devia ser um ambiente receptivo, acolhedor, mas só estou desesperada e…

Escuto um pigarro em cima de mim e aperto os olhos com força, sem querer erguer a cabeça.

Ah, inferno. As coisas não podiam ficar melhores.

Desligo o celular no meio da ligação com Hailey e ergo a cabeça devagar, com uma careta formada no rosto, vendo o par de olhos verdes me encarando. Ele parece decepcionado e, neste momento, não tiro a razão dele.

Estou muito lascada.

Capítulo 06



MILA CONNOR

Não fraquejar. Respira e solta. Não tremer de nervosismo. Você consegue encarar isso, Mila. Você é uma garota forte, mesmo que o mundo inteiro te veja como uma princesinha de cristal. Você consegue enfrentar seu chefe sem chorar.

Faço uma espécie de oração motivacional para mim mesma na minha cabeça conforme me levanto da cadeira, tentando com todas as minhas forças não chorar.

— Senhorita Connor…

— Senhor Davis, deseja alguma coisa? — A voz sai mais trêmula do que eu gostaria quando opto por fingir que nada aconteceu, que ele não acabou de me pegar falando mal dele ao telefone, no meio da empresa.

— Venha até a minha sala. — Mal fala e sai andando para lá com passos apressados.

— O senhor não ia…

— Agora — responde rude e com uma careta fechada.

Merda, merda!

Dessa vez, sei que a bronca vai ser merecida, porque fui muito antiprofissional. Ao invés de Anthony, poderia ter sido qualquer outra pessoa me pegando falando mal do chefe. Poderia ser um sócio, um investidor, qualquer pessoa. Quase me sinto sortuda por ter sido ele a me surpreender, pelo menos não estraguei nada.

Assim que o homem some das minhas vistas, sinto minha respiração acelerar, porque não acho que ele vá deixar passar esse meu deslize. Será que vai me dispensar? Não acho que tenha acontecido na história dos *internships* da Parsons alguém que tenha sido dispensado por não fazer o trabalho direito ou por ter sido pega falando mal do chefe. Teoricamente, é um simples estágio para que a gente aprenda, mas não parece ser só isso o que esperam de mim aqui. Eu me sinto uma incompetente, cabeça de vento.

— *Senhorita Connor!* — Anthony grita de lá de dentro, e mordo meu lábio para não chorar.

Vou até lá devagar, aproveitando o caminho para me preparar para os gritos. Quando fecho a porta e me sento, vejo o homem à minha frente. Ali agora não há mais nenhum traço sequer do vizinho simpático. O olhar está frio, a careta faz com que forme pequenas marcas de expressões na sua testa, o corpo

está tenso.

— Não admito comportamentos não profissionais na minha empresa, senhorita Connor. A Davi's tem uma história de mais de dez anos, começamos do zero, construímos nossa marca e nos consolidamos como a melhor empresa do ramo do país. Se isso é difícil para você, aqui não é o seu lugar.

— Eu… — Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, mas não as derramo. Pisco várias vezes e arrumo a postura. Ele está praticamente me dizendo que não me encaixo aqui, e é meu segundo dia! Que merda. — Me desculpe pelo meu deslize, senhor Davis. Não estou acostumada a isso ainda. É tudo muito novo e…

— Isso não é desculpa — interrompe minha fala, e engulo em seco. — Não conhecer do trabalho é compreensível, mas não é aceitável você ficar de fofoca durante o horário de expediente, na sua mesa de trabalho, no telefone, enquanto deveria estar trabalhando.

Não sei o que dizer. Sinto-me envergonhada, com vontade de nunca mais pisar aqui na vida. Acho que nunca fui repreendida assim por ninguém durante todos meus anos de existência. E olha que em alguns momentos eu mereci. Sigo piscando repetidamente para controlar as lágrimas e empino o queixo, enchendo-me de uma coragem que não tenho.

— Você vai me dispensar?

— Não. Por enquanto, não.

Anthony está calmo, apesar da expressão brava, como se fosse acostumado a lidar com esse tipo de reação vinda dos funcionários.

É inevitável me questionar o que o torna tão diferente aqui neste ambiente. Não tem como ser apenas porque não queria o cargo de CEO como me disse. Tem que existir algo mais por trás desse homem grosseiro. Ou talvez a farsa seja o vizinho. Talvez ali que ele estava fingindo simpatia para flertar comigo.

— Você já almoçou? — pergunta de repente, e acho que faço uma careta muito perceptível. — Voltei para perguntar se já tinha comido.

— Não, ainda não — respondo, ainda com a testa franzida de surpresa.

— Vamos.

— É alguma reunião de negócios? Eu não me preparei, não me arrumei.

Levanto-me junto com ele, de olhos arregalados e coração acelerado. Confiro minha roupa e está muito boa para trabalhar, mas não para um almoço mais formal com gente importante. Esse homem é doido? Como me joga na cova do leão assim, sem mais nem menos? Quase começo a hiperventilar de nervosismo.

Tenho a impressão de ver um vestígio de um sorriso fraco aparecer no seu rosto enquanto anda até a porta, o perfume gostoso que combina com ele se espalhando pelo ar. Esse homem é o puro pecado. Literalmente, porque agora que é meu chefe é ultra, mega, super proibido.

— Não é reunião de negócios. Vamos.

Eu o acompanho, mesmo sem entender nada. Pego meu celular em cima da mesa antes de segui-lo até o elevador. Novamente, nós descemos até a garagem em um silêncio constrangedor e torturante. A cada passo que dou ao seu lado, sinto-me mais nervosa.

Odeio como esse homem faz com que eu me sinta uma garotinha assustada. Não sou assim, longe disso. Apesar da aparência ingênua, do jeito doce e meigo que todos acham que tenho, fui criada para ser uma mulher forte, que não se deixa abater por nada. O meio em que meus pais trabalham pede por isso. Foram anos e anos de terapia para me ajudar nesse processo. Anos esses que foram imprescindíveis para que eu não enlouquecesse. Ainda tenho meus momentos de fraqueza e insegurança, como todo ser humano, mas é difícil algo me deixar para baixo a ponto de eu querer chorar. Mas é isto o que Anthony faz comigo. Ele me desestabiliza. Vou colocá-lo para pagar minhas sessões a partir de agora.

Quando abre a porta do seu carro para mim, passo bons segundos assim, parada, sem acreditar no gesto cavalheiresco. Ele indica com a mão para que eu entre, e obedeço, ainda curiosa.

Mando uma mensagem discreta para Hailey, explicando o motivo de ter desligado na sua cara, e ela responde imediatamente, mas não respondo para não dar muita bandeira de que estou fofocando dele. Já me sinto desconfortável

demais aqui, indo almoçar com ele depois de tudo o que falei. Não preciso de nada piorando esse momento.

— Eu não sou perfeito, só para você saber. — Olho para Anthony quando escuto sua voz. Não entendo a fala até que ele continua: — O vizinho gostoso, perfeito, dos sonhos… Não sou perfeito.

— Oh, meu Deus… — murmuro constrangida, com meu rosto prestes a explodir graças ao superaquecimento.

Anthony ouviu tudo! Não bastasse ter ouvido a ofensa, ele chegou a ouvir o meu assanhamento com Hailey pelo telefone.

— Senhor Davis… — falo baixinho, sem saber o que dizer. — Me desculpe. Isso não vai mais se repetir. Podemos esquecer isso? Estou arrependida e morrendo de vergonha. Não estou conseguindo separar o Anthony vizinho da casa ao lado do senhor Davis, CEO do meu trabalho. Eu…

Calo-me quando percebo que entrei em mais uma das minhas falas desenfreadas pelo nervosismo, como sempre acontece.

— Nem eu, para ser sincero. — Eu o estudo com curiosidade, notando o quão sexy ele fica dirigindo. Isso era para ser erótico ou a minha mente está tentando me foder? — Quando você me falou que fazia moda na Parsons, ainda pensei em mencionar a empresa, mas não queria misturar as coisas.

— Que coisas exatamente?

Meu coração dispara no peito com a perspectiva da fala. É inevitável sentir esperança de algo que não devia mesmo estar passando pela minha cabeça. A ideia de me envolver com Anthony enquanto ele era apenas meu vizinho era tentadora, e eu não via a hora de colocar em prática o cavalgamento mental, mas assim que passamos de chefe para funcionária, a ideia imediatamente sumiu da minha mente. Aí passou de Anthony para senhor Davis, e só. A última coisa que preciso é estragar a melhor experiência da minha vida, na melhor empresa de vestuário do país, que consegui sozinha, com uma transa casual que me traria problemas. É um desperdício, eu sei. A vontade existe, mas a noção também.

Anthony não responde, pois logo chegamos a um dos meus restaurantes preferidos, um que frequento muito com a minha família, porque costuma ser discreto e nos traz paz.

Quando descemos, Anthony joga a chave para o *valet* e me guia até a entrada do restaurante. A *hostess* parece conhecê-lo, porque apenas o cumprimenta e o leva até a mesa de sempre, como mencionado por ela. Sinto alguns olhares discretos em minha direção e preciso me lembrar de como se anda, porque fico nervosa. Eu odeio sair em público.

Nós vamos à área de cima do restaurante, onde tem apenas uma mesa bem aconchegante. Nunca tinha vindo até essa parte especificamente, mas é ainda mais discreta do que o resto do estabelecimento.

— Logo o garçom virá atender os dois. Tenham uma boa refeição. — A

hostess sai após agradecermos. Eu me sento e estudo os detalhes daqui; os quadros bonitos na parede, a mesa espaçosa e bem iluminada, a escada grande atrás de nós, as paredes em tom pastel.

— Não conhecia essa parte do restaurante — falo, ainda olhando ao redor. Quando me viro para Anthony, vejo que ele está me olhando atentamente. — Por que você me convidou para almoçar?

— Você acha que sou um chefe ruim a ponto de não te convidar para um almoço? — rebate sem deixar de me olhar, com o cardápio esquecido em cima da mesa.

— Não é isso. Só fiquei surpresa…

— Não tenho segundas intenções, senhorita Connor, se é isso o que está pensando. Foi apenas um convite cordial para ver se você se sente mais acolhida e menos desesperada. — Mais uma vez ele joga as coisas que falei para Hay ao telefone na minha cara, mas dessa vez tenho certeza de que vi um sorriso no seu rosto.

Desvio o olhar do dele até que o garçom chega para fazer nossos pedidos. Escolho o que costumo pedir sempre, e Anthony também parece ter seu prato preferido, porque nem olha o *menu* ao fazer o pedido.

Bato os dedos na mesa, sem saber o que dizer, sem saber se posso ser Mila aqui ou se preciso agir como funcionária. Tudo está muito confuso e perturbador na minha mente.

— Você não precisa ficar tão tensa, Mila. — Anthony quebra o silêncio, e finalmente olho para ele. Mila, não mais senhorita Connor. — A garota que conheci no parque não ficava calada por mais de um minuto.

— Eu não sei o que dizer — confesso baixo.

Ele volta a me olhar, e odeio não saber o que se passa na sua mente. E olha que eu sou muito boa em desvendar expressões. Só me lembro de quando eu tinha uns dez anos e via meu pai ensaiando para seus papéis com minha mãe. Curiosa como sempre fui, prestava atenção em cada detalhe das atuações. Em uma dessas, o senhor Jason me deu uma aula sobre expressões corporais, faciais, sobre como ser um bom observador ajudava a entrar no personagem. Até pensei em ser atriz assim como ele, mas descobri que não era o que fazia meu coração bater acelerado. Mas as lições ficaram na mente.

— O homem que vi em frente à sua casa ontem é Jason Connor, o ator? Ele é seu pai? — ele questiona, e abro um sorriso por ter tocado em um assunto fácil para acabar com o silêncio infernal.

— O próprio. Você o conhece?

— Sim, eu era um adolescente quando ele parou de atuar. Gostava dos filmes de ação mais do que os de romance. Foi um choque quando ele sumiu das telas.

A angústia cresce no meu peito, e fico calada por um tempo. Meu pai ficou afastado do trabalho por muito tempo depois que minha mãe biológica faleceu.

Isso mexeu tanto com ele, que acabou perdendo a minha guarda durante uns meses para os meus avós maternos. Não me lembro muito deles, porque não mantivemos contato. Tudo o que sei é o que meu pai me conta. Mas o fato de eles não terem me procurado nem uma vez durante todos esses anos me diz muito sobre quem eles são. Não faço questão de estar presente na vida de quem não me quer por perto, de quem não abre mão do orgulho para conviver comigo. Tenho vagas lembranças da casa onde morei durante um tempo, mas não sei se são reais ou se criadas a partir do que o meu pai me diz.

— Está tudo bem? — Anthony pergunta depois de alguns segundos do meu silêncio.

— Sim, tudo bem. É que é estranho pensar nisso. Meu pai abandonou as telas depois que a minha mãe faleceu.

— Eu sinto muito.

Sorrio fraco quando uma expressão de pesar cruza seu rosto. Gosto de ver que ele não é um monstro, apesar de tudo. Ainda estamos em um clima de trabalho e pelo menos está sendo agradável e falando comigo ao invés de gritando.

— Tudo bem. Eu tinha só dois anos, não me lembro dela. Tenho uma madrasta maravilhosa. Às vezes parece que nasci dela.

Anthony abre um sorriso fraco, mas que mesmo assim mexe com algo dentro de mim. Ainda bem que não penso muito nisso, porque logo nossos

pratos chegam para interromper minha mente caótica e confusa.

— E você? — pergunto antes de começarmos a comer.

— O que tem eu? — O garfo para no caminho da sua boca.

— E a sua família?

Uma expressão dolorosa passa pelo olhar de Anthony, mas logo some depois que ele abre um sorrisinho. Completamente difícil de desvendar. O que isso significa? Ele tem algum passado difícil e doloroso? Não se dá bem com a família?

— Eles são ótimos.

— Eles moram perto de você? Tem irmãos? De onde vocês veem? — Solto uma série de perguntas de uma vez, morta de curiosidade. Isso parece divertir Anthony de alguma forma, porque ele sacode a cabeça devagar após dar um risinho. — Desculpa, você deu brecha, e eu sou curiosa. Se você perguntou da minha vida, senhor Davis, vou perguntar da sua também.

— Tudo bem, senhorita Connor — diz meu sobrenome com uma voz debochada e grave que me faz cruzar as pernas de leve. Ah, não, Deus, não permita que isso se transforme em algo mais. Estou bem assim. — Eles moram relativamente perto. Eu tenho uma irmã só. E nós somos da Califórnia.

Tenho raiva de gente sucinta demais. Ao invés do relatório completo a partir das minhas perguntas, só recebo o que realmente perguntei. Desse jeito

não dá para defender.

Nós comemos em silêncio durante um tempo, com minha cabeça pensando em mais coisas para perguntar. Anthony come com um sorriso de canto de boca, e me questiono o que está pensando. Como não me aguento, decido perguntar:

— O que foi?

— Seus olhos dizem muito sobre você. Eles faltam sair de órbita quando você está curiosa. — Fico surpresa com o comentário e desvio o olhar. — Pergunte, Mila.

— A Kate, sua ex-mulher… Vocês se dão bem?

Ele parece surpreso momentaneamente. Observo seus movimentos enquanto toma um gole de água na taça e acena.

— Sim, nós somos amigos. Já vi que as notícias se espalham rapidamente ali.

— Não quis ser xereta, só fiquei curiosa — falo baixinho, mas não me arrependo, porque se tem uma coisa que tira meu juízo é coisa sem resposta.

— Não tem problemas. Nosso casamento acabou de forma amigável. Só não demos certo como casal mais. Acho que bem antes de nos casarmos já não dávamos, o erro foi insistir nisso.

Tenho vontade de pedir para ele falar como se estivesse lendo um livro

para mim, contando detalhe por detalhe, mas contenho minha curiosidade, porque até isso tem limite.

Quando terminamos de comer, Anthony pede a conta e a paga mesmo quando insisto para dividir. Assim que saímos do restaurante, o *valet* aparece com o veículo, e vejo movimentações de longe, discretas, mas às quais estou tão acostumada que fica fácil perceber.

Paparazzi tirando fotos de mim. E do meu chefe… Ah, não.

Capítulo 07



MILA CONNOR

Não consegui ir à Parsons hoje, porque eu soube, no segundo em que coloquei meus olhos naqueles fotógrafos, que minha vida seria novamente comentada nos sites de fofoca do mundo inteiro. Como se o meu almoço com meu chefe fosse a maior novidade do país, algo inovador e inútil para a mudança no mundo.

"Anthony Davis, o empresário solteiro mais cobiçado do país, foi visto hoje em um restaurante chique com Mila Connor, a filha do ator Jason Connor e da escritora E. K. Brendon. Será que a princesinha da moda foi a sortuda a fisgar o coração do homem?".

Solto um grito de raiva e jogo o celular na cama, sentindo meu coração saltar no peito. Sinceramente, não sei mais nem como reagir a essas notícias. Normalmente só ignoro, mas quando isso coloca em risco uma coisa que batalhei demais para conseguir, é impossível não me sentir tensa.

O que será que Anthony achou disso? Ou ele não tem tempo para essas coisas? Será que vai me dispensar? A Davi’s nunca é envolvida em polêmicas, porque sempre os acompanhei de perto. Não acompanhava o CEO deles, pois me interesso pelos produtos e não pelas fofocas que rodeiam a empresa. Talvez se tivesse acompanhado, não teria tomado um choque ao ver que Anthony está à frente de lá.

Assim que saímos do restaurante, voltamos para a Davi’s e trabalhei normalmente, sem maiores imprevistos. Ignorei por algumas horas que o caos provavelmente devia estar reinando nas redes sociais. Foi ao olhar para meu celular e ver as infinitas mensagens de Hailey e dos meus pais que tive a certeza de que estava ferrada.

Depois disso, meu pai mandou um motorista me buscar e nem pude dizer não, porque os fotógrafos estavam bem na saída da Davi’s, doidos por uma revelação, um furo de notícia, uma fofoca quente de primeira mão. Entrei no veículo sem dizer nada e vim para casa, porque sei que seria perseguida igualmente se fosse para a Parsons.

Agora estou aqui, deitada na sala de televisão passando canal por canal de fofoca, sabendo que vou achar o que quero. Tremo da cabeça aos pés quando encontro. Vejo gravações minhas e de Anthony chegando e saindo do restaurante. Eles capturaram um momento em que eu estava olhando para ele andando com uma cara de babaca. A legenda sensacionalista desliza o tempo

inteiro abaixo das imagens gravadas e das fotos *“Anthony Davis e Mila Connor são um novo casal?”*. Pelo amor de Deus, era só um almoço! Em que mundo as pessoas vivem que uma simples refeição acompanhada de alguém indica que existe um envolvimento amoroso?

Aumento o volume e escuto os comentaristas do programa famoso de fofoca especulando sobre um possível romance proibido devido à nossa diferença de idade. Eles debatem a minha vida como se fosse um livro aberto, citando nomes de todas as pessoas com quem me envolvi amorosamente, que nunca escaparam das suas garras.

Em seguida, eles mostram vários *printscreens* de *tweets* e de comentários de *Instagram* lamentando o final da solteirice do meu chefe. Quando começam a destrinchar sua vida amorosa também, concentro-me na tela da televisão, mas me assusto e perco o foco quando sinto uma mão tocando meu ombro.

— Como você está, meu amor? — minha mãe pergunta e pega o controle da minha mão, desligando a televisão logo em seguida.

— Cansada. — Solto um suspiro alto e passo as mãos pelos olhos, sentindo as têmporas tremerem de estresse. — Como vocês lidam com isso sem surtar? Eu tenho vontade de dar uma de Britney Spears e atacar todos eles com um guarda-chuva.

— Também foi difícil para mim. — Ela se ajeita no sofá e me puxa para seu colo, como se eu fosse uma criança. Eu vou, porque não existe nada melhor

do que o conforto dos seus braços e a voz calma em momentos como esse. — Enquanto eu era apenas E.K. Brendon, conseguia facilmente viver no anonimato, porque as pessoas conheciam meus livros, e não a pessoa por trás deles. Era raro alguém me parar para pedir foto, autógrafo, mas as coisas mudaram quando comecei a sair com seu pai. Quando me casei então, ficaram insuportáveis. Mas não deixo que isso me impeça de viver, de sair, porque não vou recuperar nunca esse tempo que perdi me escondendo.

— Eles comentam sobre tudo… Odeio me sentir exposta assim — desabafo, e ela começa a acariciar meus cabelos.

— Eu sei, princesa. Eu sei. Lamento por isso, mas não é algo que a gente consiga controlar.

Acalmo-me com o carinho da minha mãe, mas logo somos interrompidos pelo barulho dos meus irmãos, que imediatamente aparecem na sala de televisão como animais selvagens, fazendo a maior bagunça.

— Shh, vocês vão acordar a Ellie desse jeito — minha mãe repreende, e os três se jogam no sofá, agitados como sempre.

— Mamãe, o Nathan não quer me deixar jogar com seu videogame! — Melissa protesta, com o biquinho que costuma tirar o juízo do meu pai. — Eu não quero o meu, porque o dele tem o fone mais legal!

— Filha, foi você quem escolheu — a senhora Connor responde, paciente como sempre.

— É, você quem escolheu, Melissa! Me deixa em paz! — Nathan, o mini Jason, protesta, olhando para nossa irmã com o ar superior que aparece em quase todo pré-adolescente. Não quero nem pensar quando a fase das três meninas chegarem. Meus pais vão enlouquecer, estou até vendo.

— Mamãe, eu quero ir *no* parque — Collie choraminga e se agarra à nossa mãe. Eu aproveito para me levantar do seu colo, porque sei que já bastam os quatro para enlouqueceram Emily.

— Que tal todos nós irmos dar um passeio com os cachorros? — sugiro. Assim eu me distraio e as crianças saem um pouco de casa.

Sei que, assim como eu, elas não são muito fãs de saírem porque ainda têm dificuldade em lidar com o assédio dos paparazzi — com exceção de Nathan, que ama chamar atenção —, por isso que nossa casa e seus arredores são nosso conforto, nosso pequeno lugar de paz.

— Vamos!

— Eu não vou — Nathan protesta e se larga no sofá de qualquer jeito, colocando a expressão entediada no rosto.

— Vai sim, garoto. Levanta daí!

Eu o puxo pela camiseta, e o pentelho protesta, mesmo assim se levanta. O garoto já é maior que eu com apenas treze anos de idade. Já sei que vai dar trabalho, porque seu nome aparece vez ou outra na mídia como o galã mirim. Ao

contrário de mim, Nathan faz uma farra sempre que seu nome é citado. A vez que quase teve um surto foi em uma apresentação da escola, em que se destacou como o *"Filho baterista de Jason Connor"*. Ele amou o título.

Arrasto os três para fora e grito um tchau para minha mãe. Collie, a mais carinhosa de todos meus irmãos, gruda na minha cintura em direção à saída. Ela é doce, meiga, delicada, sensível e superapegada a qualquer um da família, principalmente à Ellie, nossa caçula. Não é difícil ver os olhinhos azuis cheios de lágrimas sempre que alguém fala um tom mais alto com ela.

— A gente pode levar a bola, Mi? — Mel pergunta no caminho da trilha para o parque. Está anoitecendo, mas ainda está relativamente claro.

— Pode sim, Mel. Aproveita e chama os cachorros.

A garotinha agitada e elétrica dá meia-volta e corre em direção aos fundos da casa. Gargalho quando escuto seu grito estridente chamando os cães. Melissa é a mais agitada de todos, com toda certeza. Uma pestinha em versão feminina. Frequentemente se envolve em lutinhas com Nathan, que parece que não cresceu e faz questão de pirraçar a irmã sempre que pode só para vê-la irritada. Mas é o primeiro a ir em sua defesa quando ela se mete em confusão na escola, o que acontece com mais frequência do que nossos pais gostariam.

Ando pela trilha em direção ao parque com Collie agarrada na minha cintura, Nathan resmungando e Melissa atiçando os cachorros com a bola na frente. Quando Mel chama pela irmã, Collie se desgruda de mim e vai atrás.

Escuto as risadas das duas, altas e estridentes, misturadas com os latidos dos cães. Ainda bem que a gente mora quase isolado do mundo. Estranho Nathan quieto ao meu lado, com as mãos nos bolsos da bermuda.

— Por que está calado? — questiono, olhando de lado para ele.

— Não é nada.

Semicerro os olhos para ele, sem acreditar nisso. Ele é tudo, menos retraído e quieto. Como irmã mais velha, acompanhei o nascimento e o crescimento de todos eles. Aprendi a conhecer suas manias, seus medos, seus jeitos. Sei quando algo não está bem com cada um deles.

Dou uma ombrada de leve em Nathan para ele me olhar. Quando o faz, vejo que parece receoso.

— Fala comigo.

Os olhos pequenos me encaram cheios de incertezas antes de ele suspirar.

— Eu beijei uma menina hoje — desabafa, e meus olhos saltam de surpresa com a declaração. Esperava muita coisa, menos isso. — Eu nem gosto dela! Ela é chata, patricinha e tem um cheiro doce que coça meu nariz.

Prendo o riso e tampo a boca, mas ainda assim ele vê e anda mais rápido resmungando. Eu acelero o passo e o alcanço. Passo meu braço pela sua cintura porque não alcanço mais os ombros.

— Meu irmãozinho cresceu — digo emocionada, pensando em como o

tempo voa. Ainda me refiro a ele como uma criança, porque na maioria das vezes me esqueço de que meu irmão já é pré-adolescente. — E como foi?

Não olho para ele enquanto andamos assim, com minha cabeça encostada no seu peito. Sei que para Nathan ter desabafado assim comigo é porque está confuso com o que aconteceu. Ele tem um coração sensível, apesar de ser insuportável em oitenta por cento do tempo, mas não costuma falar sobre coisas que o incomodam se a gente não insistir muito.

— Foi… bom. Foi estranho. Eu saí correndo depois. Será que posso mudar de escola?

Solto uma gargalhada, e ele ri também. Eu me afasto dele e dou um tapa no seu braço em repreensão.

— Você beijou a menina e saiu correndo, Nathan? Pelo amor de Deus! Coitada!

— Foi esquisito, já disse! Ela estava me atormentando, falando e falando sem parar, reclamando sobre como eu ficava batendo a mesa na sua cadeira na hora da aula. E só… beijei.

Faço um biquinho para ele, que esconde o rosto de vergonha. É a primeira vez que fala para mim de uma garota, e sei que esse “não gostar” dele significa muito mais.

— Foi seu primeiro beijinho? — pergunto curiosa, e Nathan acena

devagar, o rosto ficando vermelho. Para descontrair, decido contar para ele do meu também. — Meu primeiro beijo também foi completamente desajeitado. E o pior de tudo, o papai viu.

— Fala sério!

— Pois é, ele não sabia se me gritava, se me socorria ou se me abraçava — falo rindo ao me lembrar da época. Eu tinha quatorze anos, mas me senti como se tivesse cinco com a reação do meu pai. — No final das contas, ele me abraçou depois de chorar. Não entendi na época, mas hoje entendo muito da sua reação.

— Você tinha quantos anos?

— Quatorze. Você era só um pentelho de sete anos. Não que hoje não seja. — Nathan bagunça os meus cabelos de pirraça, e tento fazer o mesmo que ele, mas fico em desvantagem. — Fala com ela amanhã. Ela deve estar confusa com sua corrida pós-beijo.

Ele acena devagar e fica calado. Nós seguimos andando pela trilha, somente vendo as meninas bem mais para frente fazendo a festa com os cães. O silêncio entre nós não é constrangedor, pelo contrário.

A paz só é interrompida quando escuto um grito atrás de nós, mas é tarde demais para fazer qualquer coisa para evitar o que vem a seguir.

Capítulo 08



MILA CONNOR

— Lobo!

Sinto o baque no chão e só não caio de cara porque o reflexo me faz apoiar as mãos antes. Quando me viro, sinto lambidas no meu rosto e solto uma risada pela felicidade do cachorro em cima de mim. Nem me pagou um drink antes e já chega beijando.

— Oh, meninão, você ficou feliz em me ver, foi?

Vejo o homem enorme à minha frente tirar o cão também enorme de cima de mim. Lobo dispara em uma corrida quando escuta os latidos dos meus cães, esquecendo rapidamente a alegria por me ver.

— Tudo bem? Se machucou? — Anthony se aproxima e toca meus braços à procura de ferimentos. Nathan ri ao meu lado, o pentelho.

— Está tudo bem. Foi só o susto.

Anthony me ajuda a me levantar, e limpo a sujeira do short, vendo dois arranhões feios nos joelhos que vão me impedir de usar roupas curtas por algum tempo.

— Você está toda ralada. Me desculpa mesmo por aquele destrambelhado.

O homem se ajoelha à minha frente, apoiando um joelho no chão e mantendo a outra perna curvada, e toca minha pele com cuidado, fazendo-me soltar um gemido de dor porque arde pelo simples toque.

Imediatamente, a cena do meu sonho me vem à cabeça, em que misturei o novo mocinho literário da minha mãe com Anthony, de joelhos, pedindo-me desculpas. Só não foi exatamente assim que imaginei, envolvia um pouco mais de ação. Se é que me entendem… É inevitável soltar uma risada de nervosismo quando as fantasias preenchem minha mente.

O homem se ergue e franze a testa.

— Está bem mesmo? Bateu com a cabeça?

— Não, ela é assim mesmo — Nathan se manifesta, e eu paro de rir para olhá-lo de cara feia.

O homem se vira para o garoto, prendendo um sorriso, e estica a mão para se apresentar. Vejo de cara que Nathan aprecia o gesto. Ele odeia ser tratado como uma criança, então o fato de o tratarem como um adulto o agrada muito.

— Você deve ser um dos irmãos de Mila, os olhos são idênticos. Sou Anthony.

— Infelizmente. Sou Nathan — o sabichão brinca, e olho feio para ele novamente, mas a peste me ignora.

Escuto gritos infantis e me assusto quando vejo Collie e Melissa correndo em nossa direção com os cachorros atrás. Elas param perto de nós, apoiam as mãos nos joelhos e não conseguem falar quando questiono o que aconteceu.

— Collie se assustou quando viu um esquilo — Mel diz ainda ofegante. — E eu me assustei com o grito dela.

— Ai, vocês me matam de susto! — falo, abraçando as duas com o coração acelerado.

A área é muito segura, mas nunca se sabe. Collie me abraça como se ainda sentisse medo do bichinho, e eu a conforto. Minha princesinha frágil. Muitas vezes me esqueço de que ela é mais velha que Melissa, porque normalmente é Col quem precisa de proteção.

— E quem é você? — Mel pergunta, toda enxerida, olhando para Anthony.

— Mel! — brigo.

Anthony gargalha e se aproxima das garotinhas.

— Sou Anthony, e vocês? — ele fala sorrindo, com as mãos no bolso da bermuda.

— Eu sou a Melissa, mas pode me chamar de Mel. Essa é a minha irmã Collie. Mi, ele é um estranho, a gente pode responder, não é?

Escondo meu rosto nos cabelos de Collie com vergonha, porque minha querida irmã não tem freio na língua.

— Ele é meu chefe, Mel. Teoricamente não é estranho.

— Ah, assim tudo bem! — Ela dá de ombros, e segura na mão de Nathan e de Collie para puxá-los para realizar todas as suas vontades. — Eu achei uma casa de formigas, venham ver!

Os dois vão contra sua vontade, arrastados pela pestinha, e grito para que tomem cuidado, mas eles já estão longe.

— Oh, Deus… — murmuro para mim mesma, até me esquecendo da presença do homem ao meu lado.

Ele se aproxima com um sorrisinho de lado, e faço uma careta em um pedido mudo de desculpas. Não tem como controlar crianças no quesito falarem o que querem.

— Eles são uma graça — ele fala, e aceno. São mesmo. Os quatro me deixam de cabelo em pé todos os dias, mas não os trocaria por nada no mundo.

E então, o peso de todo o dia volta para meus ombros quando me lembro de que o nome do homem à minha frente está circulando junto ao meu em uma história descabida e fantasiosa de romance.

— Anthony…

— Você não quer olhar isso? — Ele aponta para meus joelhos, e faço um gesto displicente. Está ardendo, mas vou sobreviver. — Tenho remédio de ferimentos na minha casa.

Arqueio uma sobrancelha quando aponta com o dedo em direção à mansão e mordo o lábio, com milhares de insinuações sexuais pipocando na minha mente sobre tudo o que poderíamos fazer naquela mansão, na calada da noite. Cuidar de ferimentos é a última coisa que penso agora.

Controle-se, Mila! É o seu chefe!

— Não falei com segundas intenções, eu juro! Só estou me sentindo culpado — fala como se pudesse ler minha mente.

— Não precisa, está tudo bem.

O homem acena, ainda olhando para os joelhos com pesar. Procuro pelas crianças e as vejo cutucando alguma coisa no chão, já me preocupando. Eles têm um histórico muito grande de ferimentos causados por mexer com coisas que não deviam.

— Preciso ir para perto deles… — Aponto para os pestinhas.

— Se importa se eu te acompanhar? Estou tirando alguns minutos de descanso antes de voltar para o trabalho.

— Não me importo. — Nego com a cabeça em surpresa.

Nós começamos a andar lado a lado. Se antes fazer isso era relaxante, agora que ele é meu chefe é só estranho mesmo. Ainda mais por vê-lo assim tão informal, com as roupas de exercícios abraçando cada parte do seu corpo.

Espero que seu telefone toque para interromper o momento embaraçoso novamente, torço por isso até, mas não acontece desta vez. Chegamos ao final da trilha e vemos as crianças brincando com o formigueiro.

— Anthony… — Tento começar a conversa novamente, e ele me encara com os olhos verdes escuros agora que a noite chegou. — Nós podemos conversar sobre as… notícias?

— Agora não. Isso é assunto para depois, Mila. Aqui eu não sou senhor Davis, tudo bem?

— Isso é estranho — falo baixinho. — Como consegue separar assim? A Mila funcionária é a mesma Mila vizinha.

— Não é — afirma com tanta certeza que me faz encará-lo. — A Mila vizinha fala muito mais do que a funcionária. Gosto quando você fala.

Anthony me olha de volta, e sinto meu rosto quente. Isso foi um elogio? Não sei dizer se está sendo irônico ou não, exatamente pelo mesmo motivo de todos os outros questionamentos que me deixam frustrada: conheço muito pouco desse homem.

Vou precisar confessar que pesquisei sobre ele. Culpada. Investiguei sua

vida na internet inteira, mas o homem é discreto. Fiquei surpresa ao ver que não tem ele com nenhuma mulher além de Kate. Eles se divorciaram há dois anos, segundo as informações do Google. Sem filhos, várias festas beneficentes, desfiles mundialmente elogiados, índole impecável, beleza invejável. Muito do que eu já sabia.

Por que me sinto tão desesperada assim por informações dele?

— Você está fazendo de novo — Anthony fala com um tom risonho. — A expressão sempre que parece a ponto de explodir para perguntar algo.

— Não estou! — resmungo.

Ele se senta em um banco perto de onde meus irmãos brincam. Eu me sento ao seu lado, tendo o cuidado de manter distância. Ainda assim, seu cheiro almiscarado me atinge e até fecho os olhos para desfrutar. Lindo, cheiroso e misterioso, isso é um pacote perfeito para mim.

— Por que você disse que não queria seu cargo? — questiono e o olho de lado, por cima do meu ombro, com as mãos apoiadas na parte de trás do banco do parque.

— Isso não é algo que eu goste de falar — diz baixo, olhando para os dedos das mãos, que se apertam com força.

— Tem algo que eu possa perguntar, ou você é assim sisudo e calado em todos os assuntos?

Vejo o sorrisinho fraco brincar no seu rosto enquanto ele segue olhando para os dedos, sem me responder.

Vou aproveitar a sessão de confissões para dizer que também busquei um passado sombrio para justificar seu jeito. Não encontrei. Talvez eu esteja fantasiando demais e Anthony só seja assim mesmo.

— Com quantos anos você começou a desenhar? — ele pergunta, voltando a me olhar.

Solto uma risada baixa, porque aparentemente ele acha que pode ignorar todas as minhas perguntas e fazer um questionário sobre mim.

— Negativo, Anthony. Conversa é conversa. Monólogo é monólogo. Não sei nada sobre você além de que é… — Aperto os lábios, prendendo a língua solta.

— Sou…?

— Sério, misterioso, calado.

— E perfeito? E gostoso? — brinca, e meus olhos crescem de surpresa. Quando percebo, estou batendo na sua barriga como costumo fazer com todo mundo.

— Oh, meu Deus. Desculpa!

Ele sorri alto com meu constrangimento, e só descubro que precisava ouvir essa risada depois que a escuto. Anthony devia sorrir muito mais, porque

seu rosto inteiro se ilumina quando o faz.

Mordendo o lábio, o homem olha para o relógio e faz uma careta.

— Deixa eu adivinhar, você precisa trabalhar? — provoco, e ele acena em concordância depois de se levantar.

— Até amanhã, Mila.

— Até, senhor Davis — implico, e ele semicerra os olhos para mim, entendendo minha ironia.

Quando ele sai, balanço a cabeça e o observo sumir de novo, com Lobo o seguindo.

Fico mais um tempinho com meus irmãos, até que os chamo para ir quando dá a hora do jantar. Collie volta abraçada à minha cintura, apenas acompanhando a discussão de Mel e Nathan durante o caminho. Sacudo a cabeça, pois não adianta brigar. Mal entramos na casa, e os três disparam para abraçar nosso pai.

— Pai, por favor, fala para o Nathan parar de encher meu saco! — Mel protesta. — Ele fica falando que sou baixinha.

— Nathan… — senhor Jason repreende só pronunciando seu nome, e retribui o abraço de Collie, que já gruda em seu pescoço.

— Eu não fiz nada, pai!

Tiro meu celular do bolso e sento-me no sofá ao lado de papai após dar um

beijo no seu rosto. As crianças contam sobre o passeio do parque, e o homem escuta como se fosse a história mais interessante do mundo, atento a todos os detalhes da vida deles.

— E aí a gente encontrou o amigo da Mi no caminho. — Travo a mensagem que estava mandando para Hay quando Mel tagarela.

— Chefe, Melissa. É meu chefe — conserto quando sinto o olhar de meu pai em mim.

Não que eu precise esclarecer, mas tudo o que menos preciso agora é que veja coisas onde não tem. Já bastam as coisas reais que ele cisma graças ao ciúme que tem de nós.

— Mila gosta dele — Nathan fala, e eu me levanto de uma vez do sofá. — Ela fica passando o cabelo para trás da orelha assim, rindo baixinho, o rosto todo vermelho. — Meu irmão me imita, arrancando risada das meninas. Minha mãe escolhe bem essa hora aparecer na sala.

— O que aconteceu?

— Mila está gostando do chefe dela — o linguarudo do Nathan fala, e meus pais me olham com surpresa.

— É mentira! — defendo-me. — E se fosse verdade, você não tem nada a ver com isso, seu pestinha!

Eu me aproximo dele para dar um tapa na sua cabeça, e o moleque

abusado ri. Agorinha estávamos cúmplices, trocando lembranças e segredos, e agora ele está aqui sendo filho da mãe. O que falei sobre meu irmão ser oitenta por cento do dia chato?

— Por que não conta para todo mundo sobre seu primeiro beijo? — falo para mudar o foco de mim, e funciona. Todos os rostos se viram para ele, e faço minha melhor cara de vingança quando Nathan fica vermelho.

— Eu vi! É a Kiara Kimi! — Melissa fala e solta uma gargalhada. — Nathan só falta tropeçar quando ela passa.

— Cala a boca, sua idiota!

— Nathan! — meu pai briga, e a confusão de gritos começa.

Eu, que não sou boba nem nada, aproveito para escapar de fininho em direção ao meu quarto antes que o foco volte a ser eu. Sempre costuma funcionar. Respiro fundo e encosto na porta, pensando que sobrevivi a hoje pelo menos.

Não sei o que será de mim se todos os meus dias forem agitados assim.

Capítulo 09



ANTHONY DAVIS

A empresa está um caos há duas semanas. Falta pouco mais de quatro meses para o Natal, e os funcionários estão enlouquecendo com os ajustes da nova coleção de inverno. Perdi as contas de quantas ligações recebi, de quantos papéis assinei, de quantos e-mails com problemas tive que responder. O telefone da empresa não para de tocar, meu celular vibra literalmente a cada segundo e acho que vou ficar louco a qualquer momento. Com o aparelho na orelha, converso com um dos fabricantes e respondo aos e-mails ao mesmo tempo, enquanto escuto o outro telefone tocando.

— Senhor Davis… — Escuto a voz de Kate e ergo a cabeça, apontando para o celular. Ela entra na sala e encosta a porta antes de andar até mim para se sentar na cadeira em frente à minha mesa.

Minha ex-mulher espera bons dez minutos, paciente, até que eu encerre a

ligação.

— Pois não, senhora Scott? — zombo e escuto sua risada escandalosa.

— Acompanhando as fofocas, Anthony? Você pode tirar os olhos do computador por um segundo para conversar comigo, criatura? — Eu o faço depois de um tempo e me encosto à cadeira, ignorando as vibrações dos celulares em cima da mesa.

— Meus assessores me informam de tudo, não é como se eu estivesse atrás de fofoca da sua vida. *"Ex-mulher de Anthony Davis se casa novamente em Las Vegas"* estava estampado em cada jornal de fofoca.

— Me desculpe por isso, mas eles não te esquecem por nada — fala, ajeitando uma mecha do cabelo ruivo que se solta do coque elegante que costuma usar com bastante frequência. — Como você está? Estou preocupada com você, Anthony.

Não entendo o motivo da pergunta, então apenas arqueio uma sobrancelha.

Não menti para Mila quando disse que eu e Kate temos uma relação amigável, que coincidentemente melhorou muito depois que passamos a ser só amigos. Kate é do tipo de mulher que quer declarações sem motivo no meio da noite, flores, gestos românticos e grandiosos, viagens surpresas de final de semana, e nem preciso dizer que isso não é para mim.

O trabalho de presidente de uma companhia como a Davi's não me

permite essas regalias, a não ser que eu começasse a delegar pequenas tarefas que já aliviariam bastante a minha agenda, mas não estou disposto a isso. E foi por isso que nosso casamento acabou, pois Kate queria mais. E eu não queria vê-la infeliz ao meu lado sabendo que jamais poderia dar as coisas que ela queria.

Nós nos casamos exatamente assim, com essa dinâmica, nunca tivemos uma rotina diferente. Provavelmente ela aceitou tudo isso na esperança de que eu mudasse, que fizesse concessões, só que não aconteceu. A paixão inicial, quando eu era apenas um jovem designer, esfriou muito cedo, as brigas começaram a virar rotina. E então, quando pedi o divórcio, Kate pareceu aliviada, como se eu tivesse feito o que ela não tinha coragem.

Desde então, nossa relação profissional e pessoal anda muito bem, melhor do que nunca. Fico muito feliz que ela tenha arrumado um novo marido, que provavelmente dá tudo o que quer e merece.

— Anthony, há quantos dias não se alimenta direito? Não dorme? — ela insiste, e solto um suspiro, apertando os olhos.

— Eu preciso trabalhar, Kate.

— Todos nós precisamos, mas do que adianta se você morrer no processo? — Faz um gesto exagerado com a mão, e reviro os olhos com o drama que sempre fez parte da sua personalidade.

— Todos nós vamos morrer um dia, está tudo tranquilo — brinco, e os olhos castanho-claros ficam pequenos, fuzilando-me. — Quando estiver tudo

certo com a coleção de inverno, aí tiro uns dias de descanso. Satisfeita?

— Até vir a próxima coleção e você falar a mesma coisa. E depois de novo. E de novo. Eu conheço você… — Ela se aproxima da minha mesa e segura minha mão. O olhar incisivo me encara, parecendo estar verdadeiramente preocupada comigo. — Você precisa ter uma vida fora daqui, nem só de trabalho vive o homem. Quando foi a última vez que saiu com alguém?

Solto uma risada alta e me afasto do seu toque. Não tenho tempo nem para me alimentar, e ela aparece falando sobre relacionamentos. Não mesmo. Terminei um de anos por não dar conta de conciliar com o trabalho na Davi's, imagina me preocupar com isso agora.

Sinto meus ombros tensos, meus olhos pesados pelas poucas horas de sono e minha mente quase zumbindo, pedindo arrego pelo estresse, mas não posso parar.

— Aqui tem muita gente competente para te ajudar com boa parte do seu trabalho. Seu vice-presidente está aí, use-o.

Após o sermão de sempre, Kate se levanta e alisa a saia antes de andar até a porta.

— Mandei algumas peças para o seu e-mail para você aprovar. Qualquer alteração me chama.

Acena um tchau, e imediatamente volto ao trabalho, sem perder um

minuto, porque cada segundo de trabalho conta. Antes de olhar o que Kate me mandou, leio uns projetos da equipe de Recursos Humanos para implantação de novos benefícios para os funcionários. Sinto uma pontada de dor na cabeça e me afasto um pouco da tela, apertando os olhos que ardem. Escuto uma batida de leve na porta antes que possa me concentrar de novo no que preciso fazer.

— Agora não! — grito, porque se receber pessoas o tempo inteiro, o trabalho não rende.

— Senhor Davis…

Ergo o olhar quando escuto a voz doce e meiga de Mila. Os cabelos loiros caem em cachos pelos seus ombros, e os olhos marcantes me encaram com receio. Porra, por que sempre que ela aparece, uma infinidade de coisas que não devia também aparece na minha cabeça?

— É urgente, senhorita Connor? — Volto a apertar os dedos na testa e escuto-a se aproximar receosa.

— Está tudo bem?

— Sim. Pode falar o que quer… — respondo, piscando várias vezes para tentar amenizar a ardência nos olhos. Em seguida, fecho-os e começo uma espécie de massagem com os dedos nas têmporas para tentar aliviar o incômodo.

— Ligaram para confirmar duas reuniões para hoje, uma às três horas e outra às seis. A primeira é dos visitantes do Canadá, que vieram olhar a empresa.

A segunda é por videoconferência com Isabelle Lavigne, a dona da agência contratada para o desfile de inverno.

— Pode confirmar as duas.

Sei, sem olhar para ela, que acena e segue me encarando com os olhos curiosos. Quando os abro, confirmo minha teoria de que estou conhecendo bastante a garota à minha frente. Mais do que deveria.

— Mais alguma coisa?

Mila prende o lábio superior com os dentes, querendo falar alguma coisa, e agita o corpo, tentando se conter. Mas ela nunca consegue.

— O senhor está com dor de cabeça? Por seus olhos vermelhos e marejados, eu diria que é problema de vista.

Inclino a cabeça para o lado, vendo a expressão preocupada no seu olhar. Como pode alguém ser tão transparente e ao mesmo tempo ser uma caixinha de surpresas?

— Me desculpa, eu falo demais — ela sussurra e faz uma careta. — Se precisar de algo, pode chamar.

— Obrigado, senhorita Connor.

Ela abre um sorriso fraco antes de sair apressada da minha sala, e balanço a cabeça, soltando um suspiro alto.

Já parei para analisar o tipo de relação que temos e não consegui chegar

em um consenso comigo mesmo. Quando me peguei pensando nela em momentos aleatórios do meu dia, descobri que gosto da sua companhia. Gosto de conversar com ela, de ouvi-la preencher o silêncio que sempre se instaura entre nós dois com suas perguntas curiosas. Eu espero por elas sempre. A garota ainda tenta se controlar aqui na empresa, mas não dura muito tempo. A curiosidade parece ser algo que ela não consegue lidar nem controlar. É engraçado vê-la tentando.

Também gosto de vê-la conversando com os cachorros e o carinho que tem pelos irmãos. Eu me encontrei com eles muitos dias durante as últimas duas semanas. A família inteira parece ser uma graça, assim como Mila. Gosto de como ela parece tentar a todo custo separar a funcionária da vizinha, de como nem sempre consegue.

Sacudo a cabeça quando noto que estou há tempo demais pensando em motivos para gostar dela, quando na verdade não preciso. Ela é minha funcionária e vai se manter assim.

— Foco, Anthony.

Concentro-me no trabalho e adianto tudo o que preciso antes das reuniões, que duram mais do que planejei, o que significa que terei que ficar além do horário aqui.

O corpo e a cabeça protestam depois de longas horas de ligações. Quando tiro o foco do computador, olho através das cortinas abertas e vejo que já está

muito escuro lá fora. Só aí que vejo que são quase onze da noite. Estico o pescoço e me levanto, alongando o corpo para ir embora.

Saio da sala e fecho a porta, tendo apenas o silêncio ali, porque todos os funcionários já foram para suas casas. Estou seguindo o caminho para a saída, mas sou tomado pela curiosidade quando vejo uma pasta preta em cima da mesa de Mila.

Aproximo-me, com o paletó apoiado no braço, e abro-a, vendo vários desenhos de peças de vestuário ali, principalmente sapatos de todos os tipos. Embaixo, a assinatura do seu nome em uma caligrafia delicada me confirma que são dela. Passo um a um, surpreso com o talento e com a quantidade de detalhes que consegue colocar nos esboços. É inevitável me lembrar de quando comecei.

Assim que o aperto no peito surge, fecho a pasta e a coloco no lugar para ir embora.

As ruas estão vazias a essa hora, então não demora mais do que vinte minutos para chegar em casa. Assim que estaciono, escuto o latido alto de Lobo e o som das suas patas arranhando a porta. O sem-vergonha gosta de ficar dentro de casa, deitado em qualquer lugar que o cabe. Mal abro a porta, e ele pula em cima de mim, lambendo com facilidade meu queixo graças ao tamanho.

— Calma, garoto. Calma.

Tiro a gravata no percurso para minha suíte, com Lobo latindo atrás de mim, pedindo pelo seu passeio. Desfaço-me dos sapatos e da roupa e tomo um

banho demorado, deixando a água quente amenizar a tensão do corpo. Tomo um remédio quando a cabeça ainda dá indícios de dor a cada vez que escuto meu celular vibrar feito louco.

Enquanto seco meu cabelo, com Lobo me rodeando, vejo marcações nas redes sociais e já sei que não é coisa boa. Quase nunca é.

Estranho quando vejo que a notícia não é sobre mim, mas sobre Mila. Franzo a testa e leio a notícia em que estão me marcando.

“A princesinha da moda já trocou de par?”

Vejo as fotos de Mila com um garoto da sua idade e solto um suspiro. Como se não bastasse ter de lidar com as fofocas sobre mim, ainda preciso ser conectado com minha funcionária.

Não me importo com isso, porque tenho coisas muito mais importantes para me preocupar, então faço o que sempre faço: ignoro. É o que venho fazendo desde que nos clicaram juntos no restaurante.

Mila parecia desesperada, prestes a ter um colapso, achando que isso prejudicaria sua função na Davi’s. Se fosse outra pessoa, talvez sim, mas a senhorita Connor está se esforçando para merecer o lugar que alcançou. Não sou cruel a ponto de tirar isso dela por uma fofoca em que ela também é vítima.

Quando Lobo late mais alto, ando com ele até o quintal da casa, em direção à beira do lago, onde ele gosta de brincar. Levo meu celular e respondo

às mensagens de trabalho e às dos meus pais, preocupados porque sumi por dias.

Estranho ao ver um número desconhecido e abro a mensagem, vendo a imagem de Mila aparecendo na tela.

Sei que você não me pede para lidar com assuntos pessoais, mas tomei a liberdade de marcar uma consulta com o oftalmologista para você amanhã às oito da manhã. Ele atende aos sábados. Boa noite, senhor Davis

Franzo a testa em surpresa, e um sorriso se estende no meu rosto em seguida com o gesto enxerido, preocupado e inesperado de Mila. Essa garota é mesmo uma caixinha de surpresas.

Capítulo 10



MILA CONNOR

O sol quente bate na minha pele enquanto estou estendida na cadeira ao lado da piscina, aproveitando os vinte e seis graus que fazem para me bronzear. Com a pele cheia de protetor solar, os óculos de sol no rosto, os únicos barulhos que escuto são os de Hailey cantarolando ao meu lado.

— O que nós vamos fazer? — ela pergunta, deitada na mesma posição que eu, com o corpo extremamente branco coberto por um biquíni à brasileira que ela ama comprar de fora. Só de pensar em usar uma peça assim morro de vergonha. Não sou insegura com meu corpo, mas também não sou tão segura quanto Hay.

— Nós já estamos fazendo. Tomando sol, descansando do estresse das últimas semanas, mais tarde podemos ver um filme.

— Chaaato — resmunga. — Pela primeira vez em muito tempo, meus pais

me liberaram sair sem os seguranças. Pela primeira vez em muito tempo, os seus pais deixaram a casa livre para você por dois dias inteiros e quer fazer o que sempre faz?

Ela se agita e se senta na cadeira de sol. Olho para ela de lado, tampando os raios que batem pelas laterais dos óculos quando me viro.

— E para que mudar? Você sabe que odeio sair.

— Eu sei, eu sei. — Minha amiga arruma os fios extremamente pretos e lisos no topo da cabeça, empolgada demais com as ideias que sei que estão passando na sua cabeça. — Mas nós podemos trazer a diversão para cá.

— Não sei, Hailey. Você sabe que não dá simplesmente para trazer qualquer pessoa para minha casa — falo, voltando a me concentrar na minha paz mental.

Preciso desse momento para relaxar, porque faz tempo que não tenho o prazer de descansar assim desde que comecei o *internship* na Davi's. Está sendo legal trabalhar lá, sinto que estou aprendendo muita coisa, mas é cansativo e ainda me sinto frustrada por não poder estar trabalhando diretamente com a área de criação.

— Por favorzinho, Mi. Uma festinha pequenininha. Quando foi a última vez que foi a uma? Se divertiu, riu, dançou? Sem fotógrafos, sem aparecer na mídia? Só a… paz. A gente chama a galera da nossa turma da Parsons e só. Dez pessoas, no máximo.

Solto um suspiro e encaro minha melhor amiga pidona. Nós sempre gostamos muito de festas. Teve uma fase que demos muito trabalho para nossos pais. Mas quando a mídia começou a infernizar minha vida, fui parando de sair aos poucos, cada vez mais incomodada de ser o centro das atenções, até passar a odiar a ideia.

E aqui, nunca me animei de fazer nada também. Mas Hailey parece querer aproveitar que meus pais e irmãos foram visitar meus avós, os pais de Emily. Não quis ir, pois estou cansada. E viajar é o que menos preciso agora. Meus pais queriam desistir de ir quando falei que não ia, mas os convenci de que ficaria tudo bem. As crianças queriam muito visitar os avós e primos, então após mil e uma recomendações, eles foram.

— Tudo bem, Hailey. Se der merda, a culpa é sua.

Ela grita e me agarra pelo pescoço, batendo palmas de empolgação. Imediatamente, pega seu celular largado no chão, ao lado da cadeira, e começa a mandar mensagem para seus convidados.

— Dez pessoas, Hailey. Ninguém mais. E vamos restringir o acesso à casa, porque se quebrar alguma coisa ali, estou ferrada.

— Tudo bem, deixa comigo.

Meu medo é exatamente este, deixar com ela. Minha amiga não tem medo do perigo e ama se enfiar em qualquer coisa que gere diversão, sem pensar nas consequências. Eu ainda gosto de me divertir também, claro que sim, só que sou

um pouco mais ajuizada do que a criatura empolgada ao meu lado.

— Já pedi as comidas e bebidas para mais tarde! — comemora, teclando rápido na tela do celular. — E chamei a galera! Ai, estou tão empolgada.

Rio do ânimo exagerado de Hailey e volto a pegar meu sol até que ele se torna quente demais e começa a queimar. Nós entramos em casa e damos um salto de susto quando a campainha toca, porque ela nunca toca. Quem quer que queira entrar no condomínio muito bem protegido, precisa se anunciar em duas portarias antes, então se já estão tocando, ou é alguém do condomínio mesmo ou conseguiram invadir.

— Já pensou se é seu vizinho gostosão querendo participar da festa? — Hailey provoca e corre em direção às câmeras, enxerida. — Eu disse!

— Oh, Deus, o que ele quer? Hoje é sábado! — Arregalo bem os olhos, e Hailey me empurra.

— Vai lá saber! Anda, vai assim mesmo, de biquíni! Já aproveita e tenta seduzir o gostoso.

— Pirou, Hay? Ele é meu chefe!

Corro em busca de um vestido para colocar rapidamente e arrumo os cabelos do melhor jeito que posso, porque estão bagunçados depois de secos naturalmente após eu entrar na piscina. Estou nervosa! O que Anthony quer aqui, na minha casa, em pleno sábado? *Minha nossa*, será que aconteceu alguma coisa

grave?

Conforme percorro todo o caminho longo até o portão, preparo-me para ouvir tudo, porque assim não serei pega de surpresa se for notícia ruim. Respiro fundo e abro o portão, surpreendendo-me ao vê-lo de óculos de grau.

— Boa tarde, Mila — fala, sorrindo fraco.

— Boa tarde, senhor… — Ele arqueia uma sobrancelha em zombaria quando estou prestes a chamá-lo formalmente. — Anthony. Está tudo bem?

Tento me esconder o máximo que posso, porque o vestido não é nada comportado, meus cabelos estão uma bênção e meu rosto não tem nada maquiagem.

— Espero não ter interrompido algo importante. Só passei para agradecer pessoalmente pela dica. — Ele arruma a armação no rosto, parecendo desconfortável com o novo objeto. — Minhas dores de cabeça frequentes eram pelo excesso de tela.

— Ah, fico feliz que tenha ido! — digo sorridente, saindo de trás do portão para ficar de frente para ele. — Não precisa me agradecer.

Fico calada quando seu olhar percorre meu corpo. É rápido, mas o vejo me analisar com curiosidade.

Para minha infelicidade, porque olha, sendo bem sincera, está sendo impossível conter minha mente. Eu tentei, juro que sim. Estava certa de que as

coisas seriam fáceis, de que o desejo que senti inicialmente por ele, desde o primeiro dia em que o vi, ia ser facilmente apagado pela versão de CEO do inferno. Mas não foi. Até porque vi pouco dessa versão nas últimas semanas, porque Anthony está ocupado demais até para gritar com alguém.

— Você… — Solto um pigarro quando a voz sai rouca. — Precisa de algo mais?

— Ah, não. Era só isso mesmo… Obrigado de novo, Mila.

Aceno, constrangida, e abro um sorriso fraco, sendo forte em não olhar para a forma como seu corpo fica bem em uma camiseta, em como os braços ficam apertados nas mangas.

Por que tinha que ser meu chefe, Anthony? Por quê?

Ele se afasta em um aceno e um sorriso de quem sabe o que está passando pela minha cabeça. Sinto falta do beijinho que costumava dar na minha bochecha quando ia embora, mas ele parou de fazer isso por motivos óbvios.

Quando ele entra no seu carro e se afasta, fico feito uma boba parada no portão por muito tempo antes de ir de volta para casa. Hailey me ataca assim que entro, apertando meu braço e me encarando com os olhos curiosos.

— Nem um beijinho? — pergunta, apontando para as câmeras de segurança.

— Hay, você estava vendo? Para de ser curiosa!

— Claro que estava — diz, fazendo uma expressão de obviedade que me faz revirar os olhos. — O que ele falou? Veio te chamar para sair?

— Claro que não! Ele não me vê dessa forma. Só veio agradecer pela consulta marcada. — Jogo-me no sofá de forma preguiçosa.

— Ah, não, Mila. Não venha me dizer que você está dando uma de tapada para cima de mim! Olha para aquele homem, veja a forma como ele olhou para você agorinha. Ele quer te comer! Muito forte, várias vezes. Provavelmente só não fez ainda porque você está trabalhando para ele. Falei que devia ter dado assim que o conheceu.

Solto uma risada e jogo uma almofada no seu rosto. Mas ela tem razão. Vontade não me faltou, mas Anthony nunca tomou iniciativa nesse sentido, sempre foi gentil e cordial enquanto meu vizinho. Na época, achei que íamos ter muito tempo para aquilo. Aí comecei na Davi’s e desisti da ideia, pois sei a implicação que um envolvimento sexual com uma secretária traria.

Não sou ingênua, vejo o jeito que me olha, rápido demais, intenso demais, mesmo que talvez nem ele mesmo perceba. A forma como seus olhos vão de baixo a cima quando entro na sua sala, ou como caem por dois segundos no meu decote discreto quando chego mais perto, ou como às vezes olha para minha boca mais tempo do que o recomendado enquanto falo.

Mas a situação é estranha demais para que qualquer coisa ocorra. E estava tudo bem com isso, até conviver ainda mais com ele. Participei de algumas

reuniões e almoços, e é muito excitante vê-lo em modo CEO sério, direto.

Sou uma humana fraca, cheia de desejos e que não transa há meses. Ninguém pode me culpar.

— Preciso transar hoje — declaro para Hay, que arregala os olhos de surpresa. — Só assim para eu tirar esses pensamentos pecaminosos que estou tendo com ele. Estou sonhando com o homem direto, Hailey. Isso é culpa dos livros da minha mãe.

— Por que você não convida Anthony para a festa?

Olho para Hay como se ela tivesse ficado louca. Qual a parte do “preciso ficar longe do meu chefe” que falei tantas vezes a criatura não entendeu? Quando digo isso a ela, a maluca dá de ombros.

— Vocês não estão em ambiente de trabalho. Podia só rolar uma rapidinha e vocês manteriam segredo. Só para tirar o fogo na bunda dos dois.

— Você perdeu o juízo?

— Vai acontecer, eventualmente. Você sabe disso. — Hailey faz uma expressão safada e me puxa pela mão, levando-me em direção ao meu quarto. — Agora vamos escolher uma roupa linda. Ou melhor, duas, porque você vai me emprestar.

Nós ficamos nessa por boas horas, experimentando as peças novas que comprei e nunca usei. Minha amiga experimentou todas as roupas e desfilou

pelo meu quarto inteiro até escolher um macacão amarelo confortável e fresco.

Sem me preocupar em me vestir para ficar em casa, coloco um presente que ganhei da minha mãe, um vestido rodado no mesmo tom de azul dos meus olhos. Com os cabelos lavados e secos, aliso-os para não ficarem com frizz. Nem me dou ao trabalho de fazer maquiagem e colocar salto. Ao contrário de Hailey, que se arruma como se fosse encontrar o presidente.

Quando as comidas e bebidas começam a chegar, nós recebemos tudo. Não demora muito para os convidados chegarem também. As dez pessoas se transformaram em trinta, reunidas ao redor da piscina. Pensando em aproveitar, desligo-me de tudo e me divirto com a galera da Parsons. Todos são divertidos, então não é nenhum sacrifício me entrosar com eles, apesar de lá serem muito mais sérios.

— Experimenta. — Hay me entrega um copo, e eu cheiro, sentindo o odor forte de álcool. — Cuidado! É for… te.

Tarde demais. Já virei o líquido inteiro. Tusso de leve pelo teor alcoólico, mas logo sinto o sabor gostoso de limão.

— O que é? — pergunto.

— Caipirinha, bebida do Brasil, feita especialmente pela Maria. — Ela aponta para uma das alunas da Parsons, que está em uma mesa amassando uns limões para preparar mais bebidas.

Eu me aproximo e perco a noção de quantas bebo. Sei que fico animada demais, e olha que costumava ser forte para bebidas. Eu e Hailey começamos a dançar, mas logo ela me troca por um dos estudantes em que está de olho há meses. Aposto que essa festa foi um pretexto para ter coragem de se aproximar dele.

Tiro algumas fotos da galera se divertindo, de mim, de Hailey se atracando com o garoto para chantageá-la depois. Faço caretas e gravo *reels* para o *Instagram*, sem me preocupar com nada.

Quando uma foto de Anthony surge na tela, de terno, com um texto motivacional sobre alcançar o objetivo, dou um *like* e, sem prever as consequências, mando uma das fotos minhas para seu *direct*, rindo. Sei que provavelmente nem é ele quem cuida das suas redes sociais, por falta de tempo, mas a minha mente embriagada não pensa nisso. Nem nas consequências disso parar nas mãos da pessoa errada.

Danço com o copo em uma mão e o celular na outra, quando ele vibra.

Isso é um convite para diversão? Está com tempo de sobra? Se quiser, tenho trabalho para você aqui

Preciso piscar duas vezes para enxergar a mensagem respondida

rapidamente. Oh, Deus… O que eu fiz? Ao invés de pedir desculpas e dizer que enviei errado, não. Meu corpo quente, a mente safada e o coração acelerado decidem piorar tudo para ver até onde vai.

Pode ser um convite, se você quiser. Se você tiver tempo para algo que não seja o trabalho, senhor Davis

Solto uma risada alta e viro o resto da bebida. Ele visualiza, mas não responde. Provavelmente deve ter voltado ao trabalho. Duvido muito que o homem saiba se divertir, que tenha tempo para isso.

Quando outra música começa, todos gritam e dançam, bêbados demais para ligar para qualquer coisa ao redor. Rio quando vejo Hay ainda aos beijos com o *crush*, puxando-o para sumir das vistas de todos, e o celular vibra de novo.

Estou indo

A sobriedade quase me atinge, e preciso me equilibrar na primeira pessoa perto de mim para não tropeçar.

O que foi que eu fiz?

Capítulo 11



ANTHONY DAVIS

Se for parar para pensar direito, perdi completamente o juízo. Não sei se foi o cansaço mental, as palavras de Kate e de Bonnie, minha irmã, insistindo para eu largar o trabalho um pouco, ou simplesmente os goles de uísque que bebi para trabalhar melhor que me fizeram aceitar vir para cá, para a festa da minha vizinha.

Uma festa de jovens que só se importam com diversão, da minha funcionária, quinze anos mais nova do que eu, que eu deveria manter distância.

Mas aqui estou eu, bebendo uma bebida horrível, olhando para a criatura ao meu lado, que parece muito sem graça com a minha presença. Seus cabelos estão lindamente bagunçados, o rosto branco está corado, e sei que parte disso é pela bebida, e o maldito vestido a deixa com uma aparência terrivelmente sexy.

Por que eu vim, porra? Por que, sabendo que nada de bom pode sair disso,

eu me torturei aparecendo aqui?

Eu realmente não sei.

— Não imaginei que você fosse vir — Mila fala, tomando um gole de água em um copo de plástico. — Quer dizer, eu queria que viesse. Muito. Mas não imaginei que fosse aceitar.

— Você queria? — pergunto com curiosidade, ao invés de simplesmente ignorar o comentário. Eu deveria ignorar!

Estamos sentados no deck do lago, olhando para absolutamente nada, porque a água está muito escura a essa hora. Tudo o que dá para ver à frente são as luzes das três casas ao redor. Consigo ver meu deck daqui, iluminado pelos *spots* da mansão.

— Sim… — Mila sussurra e esconde a face atrás do copo, provavelmente para disfarçar o rosto vermelho.

Nós ficamos em silêncio novamente, contemplando o breu e a calmaria. Só nos viramos quando ouvimos gritos empolgados vindos de trás de nós, da sua casa, e daqui dá para ver os jovens inclinados para beber cerveja de um galão.

— Você devia estar aproveitando a sua festa. — Aponto com o copo para trás, e ela ri baixinho ao observar seus amigos comemorando. — Sou velho demais para me inclinar em um galão, mas você ainda pode aproveitar.

— Para de dizer que você é velho — ela resmunga, revirando os olhos. —

E prefiro ficar aqui.

Sustento seu olhar, só que preciso desviar porque vejo coisas demais ali. Mila costuma ser bem transparente quando diz respeito ao que está pensando, só costuma me surpreender em algumas atitudes, mas é isso o que faz dela uma pessoa interessante.

Não deveria *mesmo* estar aqui.

Não quando vejo tanto desejo no olhar da garota ao meu lado, não quando estou a um fio de eu mesmo parar de ignorar os meus próprios e sucumbir aos lábios chamativos que imploram pelos meus. Caralho, não posso. Preciso resistir, porque aí sim as coisas se complicariam para o meu lado.

Nunca me envolvi com funcionária nenhuma. Quando comecei na empresa, Kate já era minha mulher. Nós dois éramos designers antes de eu assumir o cargo de CEO. Pouco depois, nosso casamento acabou, mas nunca me relacionei com ninguém da Davi's. Não tive interesse e, mesmo se tivesse tido, não teria ido à frente com isso.

Então, por que parece ser tão difícil resistir à Mila?

Nunca me envolvi com mulheres muito mais novas também, porque nunca tive compatibilidade em nada com nenhuma. Provavelmente por isso que estou tão curioso a respeito dela, porque é a primeira vez que me sinto atraído e tentado por uma garota.

Abandono o copo de plástico na beirada do deck, desistindo de beber.

— No que você está pensando? — ela pergunta e deixa o seu copo de lado também, pegando algumas pedrinhas para jogar na água.

— Você não vai querer saber, Mila.

A garota morde o lábio e se aproxima de mim, o olhar curioso indo para minha boca, onde passa muito tempo apreciando com um desejo descarado nos olhos. Sem resistir, toco sua sobrancelha com a ponta do polegar, e Mila fecha os olhos, entreabrindo os lábios cheios.

— Me beija, Anthony — pede baixinho, impaciente.

— Eu não posso, Mila.

— Por que não? Ninguém vai saber… Nunca quis tanto sem beijada por alguém como agora.

Os olhos azuis me encaram de um jeito desesperado, quase implorando para que eu atenda ao seu pedido. Encosto minha testa na sua e respiro fundo várias vezes, lembrando-me de todos os motivos pelos quais não posso tocar nela. Descubro que sou muito determinado neste exato momento, quando resisto e paro de tocá-la.

— Eu iria saber e ia ficar remoendo isso. Não quero nos colocar em uma situação difícil depois. Você sabe o que costuma acontecer, não sabe? As pessoas falam, você é minha subordinada, e não quero me aproveitar de você. Não quero

que fique falada, nem na empresa e muito menos na mídia. Sem falar que agora não está muito sóbria — justifico, e ela resmunga, encostando a testa no meu ombro. O cheiro de pêssego dos seus cabelos me atinge, e me permito senti-los antes de Mila se afastar novamente.

— Você está certo. É que… — fala, olhando nos meus olhos. — Você me deixa com muito, *muito,* tesão. Não conta para ninguém, mas quero dar para você desde o primeiro dia em que te vi.

Seguro uma risada pela fala honesta demais até para ela. Percebo que está ainda pior do que eu pensava no quesito bebida, porque está contando sobre o tesão que sente por mim exatamente para mim, a última pessoa que deveria saber. Mordo o lábio com força quando ela segue me dando descrições muito detalhadas do que gostaria de fazer comigo.

— Eu imagino sua barba deslizando pelo meu pescoço, passando pelos meus seios, barriga, até chegar… lá. — A risada que estava prestes a soltar é esquecida quando a voz dela fica rouca, falhada.

Sexy pra caralho.

Por que vim?

— Mila, não faz isso.

A minha própria voz sai rouca, e preciso me controlar muito para não deixar minha mente vagar para lugares que sei que não terá volta. Consegui me

manter muito bem até agora, evitei pensamentos sacanas com ela, mas está muito difícil seguir firme.

— Eu não consigo me controlar, Anthony. — Meu nome dito em um biquinho triste me causa reações.

— Amanhã isso vai estar melhor, eu prometo. Você vai acordar e provavelmente vai se sentir muito envergonhada de ter me dito tudo isso.

Ela funga, ameaçando chorar, e mais uma vez seguro o riso pelas mudanças de humor e de estado de espírito causadas pelo excesso de álcool. Mila se aconchega no meu peito novamente, e estaco no lugar, com os braços abertos, sem tocá-la, mas dessa vez permito que fique.

— Você é do tipo de bêbada que se esquece de tudo?

— Eu me lembro de tudo, *tudinho* — fala pausadamente antes de soltar uma risada.

— Então vamos ter problemas.

Quando vejo que fica quieta demais por longos minutos, ergo seu rosto e vejo que dormiu. Solto uma risada baixa e me afasto para erguer seu corpo tão pequeno. Ela imediatamente se aconchega em mim, e é a primeira vez que a tenho tão perto de mim assim, em um gesto tão íntimo.

Levo Mila de volta para casa, vendo seus amigos farreando no jardim. Tenho dificuldade de achar a porta que dá acesso à mansão enorme, mas consigo

depois de algumas voltas.

Penso na inconsequência dos jovens, porque eu poderia muito bem ser um maníaco levando Mila para me aproveitar dela, e eles nem estariam cientes disso.

Se tive dificuldade em achar a porta de entrada, para achar seu quarto então, é uma missão quase impossível. Entro em três infantis antes de achar o seu, no final do corredor. É organizado e cheio de quadros de desfiles antigos na parede. Coloco-a deitada na sua cama e ajeito os cabelos que caem no seu rosto. Tiro seus sapatos e a viro de lado para o caso de querer vomitar. Observo a garota que parece um anjo dormindo e passo a mão pelos cabelos, pensando que porra estou fazendo aqui. De novo.

Mato a minha curiosidade observando o cômodo grande por inteiro, olhando cada detalhe com atenção. É muito diferente do que eu poderia imaginar.

— Anthony… — Viro-me quando escuto meu nome, mas vejo que ainda está dormindo. — Por que você não me fode?

Solto uma risada e aperto os olhos. Ela se contorce na cama, agoniada, até descobrir a bunda, deixando à mostra o fio de calcinha. Aproximo-me rapidamente e ajusto o vestido, cobrindo seu corpo com o edredom dobrado na ponta da cama de casal. Após cobri-la toda, inclino-me e beijo sua bochecha.

— Boa noite, senhorita Connor.

Saio dali com o celular vibrando no bolso da calça e ignoro a chamada. Ando até a garota que Mila me apresentou assim que cheguei e interrompo sua fala animada com a turma.

— Mila apagou. Eu a coloquei na cama. Depois você pode olhar se está tudo bem com ela?

— Ah, muito obrigada! — fala preocupada e séria, enquanto acena freneticamente. Provavelmente efeito da bebida também. Eu me preocupo em deixar Mila aqui, mas pelo menos está em casa. — Muito obrigada, Anthony, por ter cuidado dela. Acho que desacostumou a beber.

— Já estou indo. Boa noite. — Aceno para todos e abro um sorriso fraco, sentindo-me deslocado agora que o motivo para eu ter vindo está dormindo e aparentemente tendo sonhos eróticos comigo.

Sorrio para mim mesmo e atendo o celular quando volta a vibrar. Penso que é trabalho, mas reviro os olhos quando vejo que é Bonnie de novo.

— Você não tem nada melhor para fazer em um sábado à noite, Bonnie? — pergunto enquanto ando de volta para minha casa.

— *Eu preciso me certificar de que você está se lembrando das necessidades básicas, Ant. Não sei se você está vivendo.*

— Você exagera demais. Para sua informação, acabei de voltar de uma festa — confesso para ver se ela me deixa em paz durante os próximos dias.

Sei que ela está certa, mas essa cobrança só me deixa nervoso ao invés de me fazer frear nas atividades da empresa.

— *Festa de trabalho não conta.*

— Não foi de trabalho, para sua informação.

Entro em casa e acaricio a cabeça de Lobo novamente, porque parece que não me vê há anos, quando só saí há poucas horas.

— *Huuuuum, então tem mulher envolvida. Quem é?* — Ela parece empolgada demais do outro lado da linha, e trato logo de acabar com a sua animação.

— Ei, ei, não tem mulher nenhuma. Só saí para me distrair. Não foi isso o que você pediu?

— *Não me culpe por ter sonhos. Nunca perco a esperança de que vai aparecer uma mulher que vai te deixar tão louco a ponto de você abrir mão um pouco da sua empresa para estar com ela.*

Solto uma risada alta e irônica pela fala sonhadora de Bonnie. Até parece que não me conhece. Quando me disponho a fazer algo, não tem ninguém que me faça mudar de ideia. Ninguém que me pare. Não queria o cargo, mas já que fui obrigado, dou o meu melhor para ser o melhor.

Bonnie passa dez minutos falando sobre como estão as crianças, sobre como estão com saudade do tio. Faz quase um ano que não os vejo, porque é

mais difícil para minha irmã viajar com eles do que eu ir para lá, apesar de ser relativamente perto. Mais uma vez, o trabalho me impede de ter momentos com a minha família como gostaria.

— Diga a eles que, em breve, vou visitá-los.

— *Promessas são só promessas, Anthony. Não vou mais iludir meus filhos, porque eles sempre ficam decepcionados quando você precisa remarcar* — fala séria, e sei que tem uma crítica envolvida ali.

— Preciso ir, Bon. Ainda tenho trabalho para fazer.

Minha irmã suspira de forma audível através da linha e desliga em seguida. Sentindo meu estômago protestar de fome, esquento a comida que a funcionária que cozinha para mim deixou e como rapidamente antes de subir para meu quarto. Tiro a roupa e visto somente uma bermuda antes de ir para o escritório.

Coloco os óculos que estavam em cima da mesa e ligo a tela do computador, pronto para me esquecer de todo o resto e focar no trabalho. Abro as planilhas, mas o foco não vem, porque minha mente se distrai pensando na garota que deixei na casa ao lado.

Pela primeira vez em muito tempo, não é o trabalho a minha principal preocupação.

Capítulo 12



MILA CONNOR

Sempre vai existir algum momento da sua vida em que você vai se perguntar quando começou a perder o controle das coisas, o meu é agora.

As memórias de sábado estão passando repetidamente na minha cabeça, com o intuito exato de me torturar mesmo, em um *looping* vergonhoso que queria acreditar que foi um sonho. Passei o domingo enterrada na cama, constrangida, aproveitando que Hailey estava desmaiada com ressaca ao meu lado. Nem pude contar com isso como punição, porque nunca tive. Então, tive muito tempo para pensar nas coisas que falei para Anthony do que o homem poderia fazer comigo.

Agora, segunda-feira, ainda não superei. Estou distraída batendo a caneta no caderno, esperando a aula de *marketing* começar, quando sinto uma presença ao meu lado.

Ergo meus olhos devagar, achando que é Hailey, mas dou de cara com um Jake sorridente ao meu lado. Eu estranho, porque ele não falou comigo desde nosso término muitas semanas atrás.

— Oi, Mils. Quanto tempo que a gente não se fala.

Porque você agiu como uma criança, tenho vontade completar graças ao meu mau humor, mas apenas sorrio fraco e aceno, sem saco para lidar com mais isso agora.

— Está tudo bem?

— Tudo ótimo, Jake — respondo seca, e Hailey me salva chegando no momento certo, como sempre. Ela dá um tapinha nas costas dele para que se levante do lugar que costuma ocupar, e o garoto sai.

— Ei, ainda está remoendo aquilo, Mila? — Hailey pergunta baixo, olhando para mim com preocupação. — Ou você está mais preocupada com o fato de a festa ter ido parar na mídia por você mesma?

Gemo alto e encosto a testa no braço, querendo chorar. Só me recomponho quando o professor entra na sala e começa a palestra. Não presto muito atenção, minha mente vagando entre as notícias da festa da *princesinha do papai* e Anthony.

Ainda bem que só tenho essa aula hoje, porque não sei se conseguiria me manter firme até o final sem conseguir me concentrar em uma palavra do que o

professor está me dizendo. Hay me cutuca quando me distraio demais, e juro que tento focar, mas essa é minha última preocupação agora.

Quando os minutos se arrastam e nós saímos dali, Hailey para na minha frente e me segura pelos braços, forçando-me a olhar para ela.

— Mi, você está tratando tudo isso como se fosse o final do mundo! Você estava bêbada, falou demais, acontece com todo mundo. Ele não vai brigar contigo, te dispensar ou nada disso. Só respira.

Queria acreditar nisso, e até acredito, porque Anthony já teve muitos motivos para querer me ver longe da Davi's e mesmo assim não chutou minha bunda. O problema é a vergonha que eu estou sentindo por ter me esquecido completamente de que estava na frente do meu chefe. As coisas que eu disse…

— Não vou voltar lá — declaro com firmeza, e minha amiga me encara como se eu estivesse louca.

— Ah, você vai! Perdeu o juízo?

— Não vou, Hailey. Ele vai me falar um monte, vai ser grosso e dizer que cruzei limites. Não me lembro do que ele me disse quando… você sabe. — Enfio os dedos nos cabelos e solto o ar com força. Por que fui beber? — Aposto que me repreendeu feio e eu nem estou me lembrando de nada.

— Resolve isso, Mila! Mas vá lá. Eu preciso ir agora, estou atrasada. Depois me conta!

Ela entra no carro quando seu motorista particular estaciona em frente à Parsons e aceno para ela, desanimada. Entro em um táxi e penso muito bem antes de dar meu destino para o homem. Opto pela escolha mais covarde e vou para casa.

Assim que entro ali, minutos depois, escuto os latidos animados dos cachorros. Minha mãe aparece com a expressão preocupada, as ruguinhas na testa acentuadas em cima da armação dos óculos.

— Meu amor, está tudo bem? Não era para ter ido ao estágio?

— Era… — Mordo o lábio, constrangida. — Acho que não vou mais, mãe.

— O quê? Por quê? É tudo o que você sempre sonhou, Mila.

Ela me pega pela mão, e coloco a bolsa em cima do sofá antes de me sentar ao seu lado. Pondero muito a situação, porque sempre contei tudo para minha mãe, mas isso me envergonha demais.

— Mãe, preciso te perguntar uma coisa.

— O que quiser, querida.

Acaricia meu braço e me olha com atenção, pronta para dizer as palavras de conforto que sempre parece haver ali para me acalmar.

— Como a senhora soube, quando conheceu o papai, que valia a pena misturar o trabalho com o… envolvimento amoroso? — pergunto baixinho, e ela

parece surpresa com o rumo da conversa.

Puxa as pernas para cima do sofá e se ajeita, com um sorrisinho no rosto.

— É o seu chefe, não é? O que Nathan falou que você estava gostando… Então era verdade?

— Não! Não estou gostando, *gostando*, sabe? Só… — Faço uma careta e encaro o resto.

— Quer transar com ele.

Escondo o rosto nas mãos e aceno devagar, constrangida, mesmo que já tenha tido conversas como essa com ela antes. Quando me senti à vontade para transar pela primeira vez com um namoradinho meu, aos quinze anos, foi Emily quem eu procurei para me ajudar.

Nunca me esqueço da forma como ela me tranquilizou e me orientou, sem me julgar ou surtar. Desde então, sempre a procuro quando tenho dúvidas sobre meus sentimentos em relação a qualquer coisa. Não tenho vergonha de contar com meus pais com o que preciso. Nesse aspecto, com Emily, porque sei que infartaria meu pai se precisasse falar sobre isso com ele.

— Quando conheci seu pai, você sabe, a química foi inegável. Ele era um safado, e eu fiquei atiçada no primeiro dia.

Faço uma careta, porque conheço muito bem essa história. Minha mãe a detalhou muito bem em um dos seus livros, que li escondida quando tinha uns

quinze anos sem saber que se tratava da vida dos dois, até me deparar com muitas semelhanças. Meu maior arrependimento… As imagens ainda estão vívidas demais na minha mente, e me recuso a aceitar que meus pais fazem aquilo.

— Em um primeiro momento, eu não quis misturar as coisas. Ele ia trabalhar ao meu lado durante meses e seria estranho se as coisas se complicassem, mas não consegui resistir por muito tempo. — O sorriso apaixonado sempre que fala dele aparece no seu rosto, e é inevitável sorrir também. — Quando tem que ser, não tem nada que possa impedir. Cedo ou tarde, vai acontecer.

— Mesmo se isso significar perder algo importante?

— Se ele quiser também, não vejo motivos para você perder nada, meu amor.

Ela toca meus cabelos com carinho, e faço um bico, aninhando-me ao seu corpo. Não demora muito para meu pai chegar da rua, de uma das suas gravações.

— Está tudo bem? — ele me pergunta ao me ver aninhada com minha mãe. — Por que você não está na empresa, princesa? Está doente?

Quando o tranquilizo, ele ainda me olha com preocupação, como se soubesse que tem muito mais no que estou contando. Mas ele não insiste, apenas dá um beijo na minha testa quando digo que vou descansar um pouco. Vou para

meu quarto e me tranco ali, como se assim pudesse me proteger do resto do mundo.

Minutos depois, meu celular vibra e o afasto de mim quando vejo o nome de Anthony na tela. Toca por alguns segundos até que ele desliga, mas volta a chamar pouco depois novamente.

Eu me afasto do aparelho como se ele estivesse pegando fogo. Pela tela acesa, vejo que mensagens de Anthony estão chegando, mas não tenho coragem de ler. Estou com medo da sua reação depois de tudo. Desligo o celular e o escondo embaixo do travesseiro, porque não quero lidar com nada agora.

Só saio do quarto muitas horas depois, quando já escuto as crianças voltando da escola no final do dia, porque estou morta de fome. Collie corre em minha direção e me dá um beijo e um abraço apertado. Em seguida, a pequena Ellie estica os braços do colo da minha mãe para vir para mim. Eu a pego e fungo no seu pescoço, sentindo o cheiro gostoso de bebê.

Ando com minha irmã caçula nos braços e vejo que é meu pai quem está cozinhando o jantar. Ele sempre gostou de fazer isso. Momentos como esses são muito importantes para o senhor Connor, e sei que parte disso é porque gosta de viver cada segundo ao lado da sua família como se fosse o último.

— Está melhor, princesa? — ele pergunta para mim, enquanto minha mãe o ajuda cortando as verduras.

Escuto o barulho de Nathan e Mel brigando e correndo em algum lugar da

casa e só respondo depois que minha mãe grita para repreendê-los.

— Melhorei.

— *Quer* cenoura. — Minha irmãzinha caçula estica os dedinhos gordos e aponta para a vasilha. Pego um pedacinho para ela e a entrego, vendo-a comer devagar.

Fico aqui com Ellie e Collie, observando a dinâmica gostosa dos nossos pais na cozinha, sempre em sintonia e com olhares apaixonados um para o outro.

Todos nós franzimos a testa quando ouvimos a campainha tocar alta, estridente, fazendo meu corpo entrar em estado de alerta. Meu pai seca as mãos no pano de prato e estica o pescoço quando meu irmão o chama da sala de estar.

— Pai! É o chefe da Mila nas câmeras! Pode abrir? — Nathan grita de longe, e me apresso com minha irmãzinha no colo.

— Não! Não abre!

— Por que não? — Escuto a voz da minha mãe atrás de mim. — É falta de educação, Mila. Convide seu chefe para jantar com a gente.

— Mãe, pelo amor de Deus! Não precisa.

— Por que não, Mila? Ele te fez alguma coisa? — Logo meu pai aparece atrás de Emily, com os olhos me escrutinando em busca de qualquer sinal de que fui violada ou magoada por alguém.

— Não, pai, só é estranho. E ele deve estar muito ocupado e…

— Um jantar não atrasa ninguém. Bom que nós o conhecemos melhor.

Peço ajuda à minha mãe com os olhos quando o senhor Jason se aproxima do interfone e pede para Anthony entrar.

Deus, começo a me questionar se foi uma boa ideia eu não ter ido à empresa hoje. Se eu tivesse ido, meu chefe não estaria aqui na minha porta, provavelmente achando que morri. A cada minuto que passa, meu corpo treme mais. Tanto que coloco Ellie no chão, porque estou com medo de deixá-la cair a qualquer momento.

Meus pais vão recebê-lo na porta, e a voz grossa me atinge.

— Perdão aparecer sem avisar, senhor e senhora Connor.

— Boa noite, não tem problema. Pode entrar, fique à vontade — meu pai diz, simpático.

— Seja bem-vindo, senhor Davis. Pode se sentar, por favor. — Escuto minha mãe de longe, pensando na melhor forma de escapar daqui, de fugir sem ser notada. Mas antes que possa pensar em algo, a senhora Emily me chama. — Mila, querida, cadê você?

Ando até lá com pernas tremidas e dou de cara com o homem lindo de viver vestindo um terno preto, a gravata vermelha se destacando na roupa.

— Boa noite, senhor Davis — cumprimento baixinho, sem olhar demais para seu rosto.

— Boa noite, senhorita Connor. Está tudo bem, eu espero.

Não sei dizer se ele está bravo ou se só está sendo formal demais por estar na frente dos meus pais, mas confirmo quando os dois pedem licença e saem dali de volta para a cozinha. Olho rapidamente para Anthony, vendo a expressão fechada.

Quase grito as crianças quando eles saem dali também, indo para a área em mais uma brincadeira que não entendo, só sei que envolve muitos gritos e provocações vindos de Melissa.

Não quero ficar sozinha com Anthony aqui.

— Seu telefone estragou? — ele pergunta baixo, com a voz ácida. — Ou você considerou em algum momento brincar de sumir?

— Eu… — Sou salva por minha mãe, que volta rapidamente com um sorriso simpático no rosto, interrompendo-nos.

— Anthony, você vai jantar com a gente, não é?

— Obrigado, senhora Connor. Não quero incomodar. Só vim saber como Mila estava, tenho muito trabalho. — Ele se levanta e arruma o paletó, mexendo no que já estava perfeitamente arrumado. — Agradeço o convite, mas fica para outro dia.

— Ah, não, querido, não vou aceitar essa desfeita. — Acho graça do jeito como minha mãe fala, tão maternal, tão madura, parecendo muito mais velha do

que Anthony, quando eles só têm cinco anos de diferença.

Torço muito para que a sua simpatia e o seu jeitinho de convencer as pessoas não funcionem com Anthony.

— Mila ia adorar, não é, filha?

Os dois me olham de jeitos completamente diferentes, e só me resta acenar e sorrir.

— Tudo bem então, vou aceitar.

Puta merda, mãe, por que tão simpática?

Capítulo 13



MILA CONNOR

Reunidos em volta da mesa, para mim, isso aqui está parecendo um filme de terror dos mais assustadores. Tudo parece passar em câmera lenta. Meus irmãos fazendo pergunta a Anthony sem piedade, meu pai simpático e desconfiado também perguntando coisas indiscretas, minha mãe tentando amenizar o clima falando sobre mim, mas me fazendo participar da conversa também.

Tomei a tarefa de alimentar Ellie para ter alguma coisa para fazer além de comer, para ter uma fuga dos olhos escrutinadores que sinto em mim vez ou outra.

— A senhora escreve, não é? — Anthony pergunta quando minha família interrompe o interrogatório.

— Emily, por favor… Sim, eu escrevo. Mila é a primeira a ler meus livros

assim que saem, não é, filha?

Suspiro fundo e coloco um sorriso no rosto antes de olhar para eles e acenar. Vejo senhora Emily fazer um sinal com a cabeça para mim, para eu interagir, mas como interage?

Aqui na mesa está o homem que eu quis que me comesse muito, várias vezes, desde que o vi pela primeira vez, mas que fui impedida porque ele se tornou meu chefe cedo demais. Um CEO bruto, mal-humorado e rude que aparentemente me odeia agora que faltei ao trabalho depois de falar putaria para ele. O primeiro homem que já desejei na vida que pisou aqui na minha casa com meus pais aqui, o último homem que deveria estar aqui.

Anthony nunca foi só meu chefe para mim, porque o desejo sempre esteve presente. Aceitar isso significa aceitar que vou passar todo o meu período de estágio com essa vontade presa aqui. Isso se ele não me jogar na rua assim que esse jantar acabar.

— Sobre o que são os livros, Mila? — Surpreendo-me quando Anthony pergunta direto para mim e vejo o segundo em que minha mãe ri e coça o nariz para disfarçar.

— Hã. São romances.

— Romances eróticos daqueles escritos para inspirar casais — mamãe fala, e me viro para dar uma colherada da comida para Ellie e esconder o rosto vermelho de quebra. — Com uma história de amor intensa, muitas vezes

proibida ou dificultada, mas que, no final das contas, a mocinha se rende nos braços do mocinho romântico, sedutor.

O que minha mãe acha que está fazendo? Eu sei que ele está me olhando, porque minha nuca quase queima, mas justo hoje, minha irmã caçulinha decidiu comer rápido e tudo, então volto para minha missão de comer tentando não ser notada.

— Eu adoraria conhecer o seu trabalho, Emily — Anthony diz, e minha mãe se empolga falando dos livros.

Busco os olhos do meu pai disfarçadamente e noto que ele me observa com a curiosidade de quem sabe o que está se passando comigo. Era tudo o que eu precisava no momento, o senhor Jason percebendo que meu interesse pelo meu chefe é muito maior do que deveria.

— Você é casado, Anthony? — ele pergunta quando a senhora Emily dá uma folga para meu chefe.

A água que eu estava bebendo quase volta, e Nathan me ajuda, dando tapinhas nas minhas costas. Quando me recomponho, sorrio para dizer que está tudo bem, e meu irmão se aproxima da minha orelha.

— Você está muito ferrada agora — tripudia, e o fuzilo com o olhar.

— Não sou, senhor Connor. Sou divorciado — o homem responde com uma calma invejável, como se não estivesse minimamente abalado com o

questionário de toda a minha família sobre a sua vida.

— Ah, e posso saber o motivo?

— Pai! — protesto, participando ativamente pela primeira vez além de sorrir, acenar e concordar. — Não seja indiscreto.

— Tudo bem, Mila. Não tenho problema em falar disso. — Meu chefe se vira para mim, e não entendo o que vejo no seu olhar, porque esse homem é muito difícil de desvendar. — Meu trabalho exige muito de mim e não estava conseguindo dar a devida atenção que minha ex-mulher precisava.

Surpreendo-me com essa informação, porque ele só me disse que não deram certo como casal, mas não explicou o motivo.

— Então você não tem tempo para novos relacionamentos também? — meu pai continua, e arregalo os olhos para ele em desespero, pedindo para que encerre a sessão de constrangimentos.

— No momento, não. A prioridade é a minha empresa, senhor.

Meu coração se aperta, porque isso significa de que não existe chance de ter nem mesmo um envolvimento sexual com ele. Sua prioridade é a empresa, e Anthony nunca vai ultrapassar uma barreira que prejudique isso minimamente. Eu sabia disso, mas agora saindo da sua boca de forma tão direta faz meu castelinho lindo de areia terminar de ser desmanchado de vez.

Meu pai parece satisfeito com a resposta. Sei que essa é a sua forma de

saber se Anthony tem interesse em brincar comigo e com meus sentimentos. Ah, se ele soubesse que o homem ao seu lado me rejeitou depois de uma oferta nada decente vinda de mim…

— O jantar foi ótimo, mas eu preciso ir. — Anthony olha no seu relógio e já se levanta, pegando o celular do bolso. — Me desculpe pela falta de educação de sair assim, mas estou em uma época crítica na empresa.

— Ah, é uma pena, querido. Nem comemos a sobremesa ainda — mamãe diz com a simpatia de sempre.

— Fica para uma próxima, Emily.

Ele se levanta, e eu fico sentada quietinha, agradecendo mais uma vez pelo fato de o homem ser ocupado e me livrar de mais constrangimento.

— Mila, acompanhe o Anthony até a saída, meu amor — minha mãe fala, e eu a encaro, questionando só com esse gesto o que ela pensa que está fazendo.

Para não fazer desfeita e deixar meu pai ainda mais desconfiado, eu me levanto e os deixo à mesa para terminar de jantar. Ah, merda. Anthony anda calado ao meu lado durante todo o percurso até o portão.

— Anthony… — falo baixinho.

— Te vejo no trabalho amanhã às oito horas, Mila. Nós precisamos ter uma conversa sobre responsabilidades. Se certifique de comparecer — ele fala, encarando-me com os olhos frios novamente, o homem simpático do jantar

sendo rapidamente substituído pelo chefe.

— Eu não…

— Boa noite, senhorita Connor.

O homem some e me deixa com o coração retumbando no peito, mas dessa vez de medo pelo que está por vir.

***

Não preciso dizer que não dormi. Passei a noite inteira revirando na cama, as palavras de Anthony me torturando. Levantei-me mais cedo para conseguir me deixar apresentável para esconder as bolsas que apareceram debaixo dos olhos pela noite mal dormida.

Às sete e quarenta, eu já estou aqui na mesa, vendo os funcionários chegando aos poucos. Nem mesmo Anthony chegou ainda. Mexo nas planilhas que deixei pendentes e na agenda do meu chefe, vendo que ontem tinha uma reunião com um dos investidores internacionais, justamente a que ele precisava da minha ajuda com o francês.

— Ah, merda, merda!

Enfio as mãos nos cabelos e me arrepio inteira quando escuto sua voz se aproximando.

— Eu não tenho tempo para isso, Arnold. Sim, resolva. Acabei de dizer! — Com o celular na orelha, impecavelmente bem-vestido, o perfume másculo chegando nas minhas narinas sem que eu precise chegar muito perto, Anthony está a própria cara da fúria.

Vejo pessoas se aproximando dele, dispostas a lutarem para poucos segundos de atenção do homem. Quando ele desliga o aparelho, rumo à sua sala, Margareth aparece rapidamente, como se já tivesse sido solicitada antes.

— Margareth, assuma o lugar da senhorita Connor — ele fala, e sinto os funcionários que estão por perto, e até os da outra sala, olhando para mim com pena e empatia.

Abaixo a cabeça depois de ver Margareth olhar para mim com tristeza no olhar.

— Sim, senhor Davis.

Ele não me olha por um segundo, nem mesmo quando entra na sala e me grita pelo sobrenome para que eu entre atrás. Se antes eu já tinha medo dele aqui, agora estou aterrorizada, porque sei que o que quer que o homem queira me falar, vai me destruir por dentro.

Vou rapidamente para que ele não me grite novamente.

— Tranque a porta, senhorita Connor — ele fala, sentado na mesa, buscando os óculos dentro da gaveta.

Obedeço com os dedos trêmulos e me aproximo, mas não me sento, porque vou sair daqui com a cabeça erguida.

— Se sente.

— Estou bem assim — respondo, olhando para ele, mesmo que não me olhe.

Quando seu olhar me atinge, aperto meu maxilar, porque Anthony parece a ponto de explodir de ódio.

— Todos nesta empresa possuem responsabilidades, senhorita Connor. Tarefas diárias, carga horária puxada e muitos compromissos — ele começa a falar com o tom ácido. — E você assumiu um papel aqui quando a aceitamos para seu estágio. Você não pode simplesmente sumir quando bem desejar e achar que isso é algo profissional a se fazer, porque não estou aqui para brincadeiras.

— Eu sei que não — falo baixo, mas me espanto quando a voz sai firme. — Me desculpe.

— Isso não se resolve com desculpas! — ele fala alto, e me assusto com o rompante. Vejo que se controla, mas as veias saltam do seu pescoço, entregando que não está nada calmo como quer aparentar. — Isso é um trabalho sério. Eu te perguntei se estava pronta para isso no seu primeiro dia, você disse que sim. Se você não quer ser tratada como a princesinha do papai que foge sempre que as coisas não saem como quer, não aja como uma, senhorita Connor.

As palavras me atingem em cheio, mais do que imaginei, e preciso piscar para não chorar quando meus olhos se enchem de lágrimas.

— Não estou agindo como uma — falo baixo, ainda abalada.

— Está. Eu contava com você para uma reunião importante, te dei responsabilidades além do que precisaria, para que sua experiência aqui fosse completa, mas preciso me dizer que me arrependi. Precisei ficar atrás de você, que teve a imaturidade de desligar o celular a porra do dia inteiro!

Sei que seus gritos estão sendo ouvidos do lado de fora da sala, porque eu mesmo já o presenciei em sermões com outros funcionários. Sinto-me envergonhada como nunca estive em toda a minha vida.

— Você não precisa gritar, estou aqui na sua frente! — grito também, munida de uma coragem que surge do além. — Você não vai falar assim comigo.

— Por que não, senhorita Connor? Por que não aguenta obedecer a autoridades? Não aguenta que as coisas não sejam do seu jeito? — provoca com o rosto travado.

— Isso não é autoridade! Isso é grosseria e falta de educação desnecessárias. Eu sei receber bronca, *senhor* — ironizo. — Só não estou acostumada à mudança de humor diária. Eu não sou um robô que desligo meus sentimentos para me dedicar à sua empresa! Me desculpe por não ser como você!

Os olhos de Anthony se arregalam de surpresa, mas logo ele se recupera.

— Você está ultrapassando os limites, senhorita Connor.

— Senhorita Connor o inferno, Anthony! Diz logo o que precisa me dizer de uma vez. Quer saber? Não diga! Eu facilito as coisas para você.

Dou as costas para ir embora daqui, disposta a nunca mais pisar nesse lugar na minha vida. Que se dane que sou imatura! Dei duro por semanas aqui, tentando aprender coisas que nunca fiz para agradá-lo, para fazer tudo certo mesmo com minhas limitações de nunca ter trabalhado na vida. Mas em um deslize, o homem anula todo o resto e ainda por cima é grosseiro comigo. Estou fora!

Anthony se aproxima muito rápido de mim e bate a porta quando a abro, trancando-a novamente. A posição o deixa muito perto de mim, e me desestabilizo por alguns segundos.

— O que pensa que está fazendo? — pergunta baixo, encarando meus olhos.

— Vou embora. Você não está satisfeito com meu trabalho, e eu não estou satisfeita com o seu jeito de gerir sua empresa com o chicote nas mãos. — Minha respiração se acelera, e evito olhar para sua boca, porque não vou falhar e nem abandonar meus princípios pelo tesão que sinto por ele. — Ninguém vai me humilhar, Anthony. Ninguém. Eu posso ser uma princesinha do papai, mas pelo menos aprendi com ele como se trata as pessoas. Tenho a consciência de que fiz

meu trabalho direito. Errei por sumir ontem e peço desculpa por isso, só que está difícil separar tudo isso. Não posso continuar aqui.

— Não existe o que separar, senhorita Connor. Você é minha funcionária, e eu não posso…

— Ótimo. Com licença.

Seco uma lágrima que desce no meu rosto e me viro para abrir a porta novamente. Sinto sua respiração quente na minha nuca e o espero tirar a mão dali para abrir.

Quando se afasta, ando até minha mesa, onde Margareth está sentada trabalhando. Ela me olha com empatia, e sorrio fraco, segurando as lágrimas que sei que vão descer ainda. Recolho as poucas coisas que trouxe para cá e aperto o ombro da mulher.

— Obrigada por tudo, Margareth.

— Você foi dispensada?

Aceno com a cabeça porque não consigo falar sem desabar agora. Eu me afasto dali sem olhar para trás e dou um tchau para Tony e Kate de longe quando os dois me olham com curiosidade. Sorrio fraco e só espero entrar no elevador para deixar as lágrimas descerem sem controle.

Assim que saio do prédio, viro-me e encaro a entrada linda e grandiosa atrás de mim, como o próprio CEO. Mas assim como o homem, aqui também

não está mais disponível para mim.

Capítulo 14



MILA CONNOR

As últimas semanas passaram voando e foram desesperadoras, porque precisei ir atrás de um novo lugar para fazer meu estágio. Estou começando a ficar desesperada porque não fui chamada nem mesmo para uma entrevista.

Sentada no deck, jogo as pedras no lago, vendo-as quicarem até afundarem na água. O sol queima minhas costas há bons minutos, mas não quero entrar em casa. Estou envergonhada e me sentindo um fracasso, porque a única coisa que consegui sozinha, foi um fiasco.

Às vezes, eu só não sirvo mesmo para grandes responsabilidades e só tenho potencial para conseguir as coisas por ser filha de quem eu sou. Chorei tanto nas últimas semanas, escondida de todos, que houve um momento que não sabia mais pelo que estava chorando, porque tudo se misturou na minha cabeça de uma forma que estava doendo mais as palavras de Anthony do que o próprio

estágio perdido.

Eu o odeio, cheguei a essa conclusão. Odeio por ele ter aparecido naquele parque todo maravilhoso, charmoso. Por ter me enganado de que era um bom moço. Odeio pelas palavras duras e tão reais, por ter atingido o ponto que mais doía. Eu me odeio também, porque essa minha necessidade de odiá-lo me faz pensar que não o odeio tanto assim.

Não o vi mais desde aquela discussão na empresa, há cerca de quinze dias. Nem quero vê-lo. Estou até evitando sair de casa para não me encontrar com ele.

Aumento o volume da música no celular e arrumo os fones sem fio nos ouvidos, ouvindo *Baby It's You* dos The Beatles para relaxar. O aparelho vibra na minha barriga e pego-o com preguiça, tampando a tela do sol para ler a mensagem. Meu corpo inteiro entra em alerta quando vejo que é de Anthony. O que ele quer comigo depois de tanto tempo? Meu lado orgulhoso, que é bem pequeno, quer ignorar, mas minha curiosidade domina cada parte de mim.

Pode me encontrar no parque agora?

Mordo o lábio e me sento, erguendo o olhar e vendo que ele está no seu deck. Nem posso fingir que não o vi, porque ele me pega olhando. O coração se agita de graça, o traiçoeiro.

Do que se trata?

Vejo-o digitando depois que envio a mensagem.

Só vai, Mila

Ainda é abusado, achando que pode me dar ordens ainda.

Você não manda mais em mim

Só quero conversar com você

Suspiro e me jogo de novo no deck antes de me levantar. Eu e a minha curiosidade. Vou sem hesitar porque quero saber do que se trata. Mas não vou fraquejar e nem deixar que ele grite comigo novamente.

Ando em direção à entrada do parque com mais pressa do que devia e me sento no banco à sua espera. Não demora para eu sentir sua presença atrás de mim.

Anthony se senta ao meu lado no banco, de frente para mim, e eu não me viro para ele.

— O que o *senhor* deseja?

— Sem ironias, Mila, por favor — fala com a voz grave e finalmente o encaro com mágoa.

Espero, porque Anthony que me chamou, então ele que fale. Noto que o homem parece desestabilizado e um pouco perdido. É a primeira vez que o vejo sem toda aquela pose de rei da selva, sem aquela altivez que está presente em cada gesto dele.

— Quero te pedir desculpa pela forma como falei com você naquele dia — fala, e me espanto com a sinceridade. — Eu estava estressado, puto da vida e com a cabeça cheia. Não devia ter sido tão rude com você.

— Não está um pouco atrasado? Você costuma pedir desculpa para todo mundo que é rude? — pergunto com curiosidade.

— Não — assume, passando as mãos nos fios castanhos, fazendo vontade em mim, que quero fazer isso desde que os vi bagunçados pela primeira vez. — Mas peguei pesado com você, porque misturei as coisas. Não foquei só no seu lado profissional, envolvi também sua vida pessoal.

— Tudo bem, eu te desculpo.

Sou sincera, porque orgulho nunca foi meu forte. A mágoa dura pouco

tempo, ainda mais quando recebo pedidos de desculpas sinceros. Nunca consegui ficar com raiva de ninguém mais do que alguns dias.

— Jura?

— Sim, o passado ficou no passado. Mas, Anthony, se me permite uma dica… Não seja assim, procure um equilíbrio. Tenho certeza de que a sua vida também ficaria mais fácil se tratasse os funcionários com mais… simpatia. Não precisa ser amigo e dar tapinha nas costas para ser um bom chefe, mas não precisa rosnar como uma fera.

Ele ri e acena devagar, pensativo. Vejo seu olhar estudando meu rosto por tempo demais.

— Se você quiser voltar, a empresa está aberta para você. Em um lugar diferente dessa vez. — Franzo a testa e inclino a cabeça de leve, curiosa com a proposta. — Pensei que você poderia trabalhar na área de designer. Não sei como você foi parar como minha secretária, mas acho que existem lugares que vão ser melhores para você.

Meus olhos brilham, e tampo a boca com as mãos.

— Não brinca! Era o que eu queria desde o início!

— A Kate é a chefe do setor de criação, você pode trabalhar com ela, porque…

Eu grito e me aproximo dele, jogando meus braços ao redor do seu

pescoço de empolgação. Desde o início, meu sonho sempre foi ir para essa área, nem que fosse só para ver as criações, saber como surgem as ideias para as próximas coleções, como são feitas as peças.

— Muito obrigada pela nova chance, Anthony! Juro que não vou te decepcionar!

Eu me afasto de olhos arregalados ao ver que ele está parado, com as mãos apenas pairando em cima da minha cintura, como se estivesse muito dividido em me tocar ou não.

— Você torna tudo o que decido na minha cabeça muito difícil, garota — diz baixinho, os olhos escuros olhando para minha boca.

— Me desculpa. Isso não foi muito profissional da minha parte. — Fico quente e chego mais para trás do banco a fim de manter uma distância novamente. — É que fiquei feliz.

— Não tem problema. Acho que me acostumei com a sua espontaneidade. Gosto dela.

— Obrigada, eu acho.

Ele semicerra os olhos para mim e se levanta, olhando o relógio, como sempre. A frase a seguir é preenchida na minha mente antes que Anthony possa dizê-la:

— Preciso ir. Estou trabalhando de casa hoje.

— Tudo bem.

Eu me levanto também, sorridente e feliz pelo rumo da conversa. Jamais pensei que ele fosse se desculpar. Isso se saiu muito melhor do que nos meus sonhos.

— Anthony, eu não te prejudiquei muito ao faltar na reunião, não é? Fiquei pensando nisso esses dias todos — pergunto receosa, apertando os dedos. — Eu me esqueci, senão juro que não teria sumido.

— Não prejudicou, fique tranquila. — Suspiro de alívio.

— Que ótimo. Precisa de ajuda em algo? Posso tentar te ajudar em alguma coisa. Sou boa com organização. Você trabalha demais, e eu posso te ajudar a otimizar algumas coisas. Percebi que algumas pastas do sistema estão bagunçadas e dificulta para achar os arquivos.

Ele franze a testa de surpresa e semicerra os olhos pequenos para mim.

— Na minha casa? Agora?

— É… É uma péssima ideia? Tudo bem — falo nervosa. — Só estou tentando ajudar. Me sinto culpada por tudo e…

— Tudo bem. Você já almoçou?

Nego com a cabeça, e ele acena, fazendo um gesto para que eu o siga. Ando quase saltitante atrás dele, doida para conhecer o lugar em que Anthony mora. Sim, talvez minha oferta tenha sido completamente interesseira.

— Eu vi mais dos seus esboços — fala no caminho, e arregalo meus olhos. — Desculpa se invadi sua privacidade, mas fiquei curioso. Você é muito talentosa.

— Você acha? Nunca mostro para ninguém se não for tarefa da Parsons.

— Tenho certeza. Se você se dedicar, vai longe na carreira — confirma, abrindo um sorriso de lado.

Seu elogio me agrada demais. Vindo dele então, me deixa em êxtase.

— Obrigada.

Quando entramos no grande quintal, escuto os latidos de Lobo vindos de dentro da casa. Mal chegamos à porta, e ele choraminga, doido para ver o dono. O cachorro enorme quase me derruba novamente, mas dessa vez Anthony o freia.

— Oi, amigão. Que saudade de você. — Coço a cabeça grande, e ele pula em mim de empolgação.

— Nunca vi esse cachorro tão assanhado com ninguém.

Solto uma risada e olho ao redor, a curiosidade no pico. Os móveis são poucos, todos pretos e brancos. O lugar fica ainda mais espaçoso pela pouca quantidade de mobília. Não tem nada fora do lugar aparentemente, tudo meticulosamente organizado.

— Não passo muito tempo aqui — Anthony fala, parecendo ler meus

pensamentos.

— É muito bonita.

Sigo Anthony pelos corredores da casa e, na última porta, vejo um escritório confortável, com vários sofás e poltronas. É bem iluminado graças as grandes janelas de vidro que preenchem o cômodo inteiro. Há uma estante enorme em uma parede, lotada de livros.

— Bem-vinda ao lugar mais frequentado da casa.

Rodo o cômodo investigando tudo com atenção, percebendo os detalhes metódicos que também notei na sua sala da empresa; os livros organizados por cores e tamanhos, nada além do seu computador em cima da mesa, como se todo o resto o desconcentrasse.

— Pedi comida japonesa, espero que goste. Logo mais chega.

— Gosto. — Eu me aproximo da janela, que mostra a vista da área coberta da piscina. — A vista daqui é linda.

— É. Pena que nunca foi usada desde que me mudei.

— Mentira! Como você não desfruta disso tudo? — pergunto com os olhos arregalados.

— Tempo.

Solto um suspiro pelo desperdício e me aproximo da sua mesa quando Anthony liga o computador.

— Com o que precisa de ajuda? Me delegue coisas, senhor Davis.

Sorrio abertamente, sentindo-me mais relaxada perto dele agora que as coisas foram consertadas. Quer dizer, quase todas as coisas… Porque ainda sinto o formigamento do meu corpo sempre que ele está perto demais de mim, quando sinto seu cheiro, mas não há nada que eu possa fazer com isso.

Anthony puxa uma cadeira para mim ao seu lado da mesa grande. Mando uma mensagem para meus pais para avisar onde estou, para que não pensem que fui sequestrada, e desligo o aparelho para não ser interrompida.

Estranho por ver Anthony mais leve aqui na sua casa, mesmo que esteja falando de trabalho.

— Eu gosto de fazer isso, mas com o próximo desfile cada vez perto, não estou tendo tempo. Decidi aceitar a sugestão de delegar isso, mas enquanto não acho ninguém, você vai me ajudar.

O homem me explica tudo, apontando para a tela do notebook, mostrando os e-mails que preciso separar em importante e não importante e o sistema que preciso preencher para filtrar as coisas com prazos apertados para ele.

— Tudo certo?

— Sim, eu consigo fazer isso.

Observo-o de lado se arrumando, colocando os óculos de grau que o deixam uma graça, antes de se concentrar na tela do computador. Diferente da

empresa, ele está informal, usando uma camiseta e uma bermuda. Isso tudo me faz ter noção de que estou na sua casa, trabalhando ao seu lado, em pleno sábado.

Um sorriso pequeno aparece no meu rosto pela confiança que está colocando em mim novamente. Trabalho com atenção para não errar nada. Só paramos quando o almoço chega, mas comemos ali mesmo na mesa, envolvidos nos e-mails, planilhas e relatórios, e Anthony nas milhares de ligações que atende por hora. Não sei como a orelha não dói. Rapidamente voltamos ao trabalho e passamos muito tempo em silêncio, que felizmente não foi desconfortável dessa vez.

— Acabei… — falo boas horas depois de organizar os mais de três mil e-mails sem ler. — Tive a liberdade de criar *tags* para facilitar. Quando forem respondidos, automaticamente eles vão ser separados pelas *tags* de urgente e não urgente. As coisas que não entendo, separei pela *tag* chamada conferência para você dar uma olhadinha depois.

— Muito obrigado, Mila. Vai me ajudar bastante.

— Por nada, já disse que sou boa em organização. Precisa de ajuda em algo mais?

Viro-me para ele e vejo seu olhar indo para meus lábios. Anthony solta um pigarro e desvia, voltando a se concentrar na tela.

— Não quero explorar. Você já me ajudou muito, nem imagina.

Sorrio abertamente para ele, que sorri de volta para mim. Eu me levanto, pronta para ir embora agora que meu trabalho acabou, mas sem querer ir. Gostei de trabalhar com ele assim, longe daquele ambiente onde Anthony fica muito mais engessado e estressado.

— Então… Acho que eu já vou. Se precisar de ajuda mais vezes, pode me chamar. Gosto de ser útil.

— Obrigado. Vou fazer uma pausa. — Ele se levanta e alonga o pescoço, estalando-o para o lado. — Você quer ficar um pouco mais? Para eu tentar te compensar pelo seu sábado perdido.

Sei que meu rosto fica vermelho, porque minha mente não me ajuda em nada. Ao invés de fugir daqui, ciente de que a tensão sexual está presente no ar, eu me vejo aceitando o seu convite com um sorriso no rosto. Sem saber que isso mudaria minha vida inteira.

Capítulo 15



ANTHONY DAVIS

Sei que Mila não devia estar aqui, que apenas a sua presença na minha casa torna as coisas nada profissionais, mas está impossível manter a distância que eu deveria manter.

As últimas semanas foram um inferno de estresse, que só pioraram porque me peguei pensando nela mais vezes do que deveria, na sua expressão chateada, nos olhos marejados com uma mágoa que nunca pensei que doeria tanto ver nos olhos dela. Aquilo me deixou puto comigo mesmo, porque eu também não fui nada profissional, pela primeira vez em muito tempo, quando joguei a título dado pela mídia na sua cara.

Porra, não quero admitir que senti falta da garota, da leveza que ela traz, de ouvi-la falando de forma animada na sua mesa com quem quer se seja, porque

ela não percebe, mas Mila atrai as pessoas como luz com seu jeito doce, delicado e sempre prestativo. Senti falta de chegar e vê-la ali na mesa, pronta para fazer o que fosse preciso. Sei que fui injusto. Ela errou, mas não foi motivo suficiente para eu explodir daquela forma.

— Tenho uma ideia de como você pode me compensar — ela fala, olhando para mim com uma expressão de quem está aprontando.

Estamos sentados no sofá há alguns minutos, e não me lembro de qual foi a última vez que fiquei sentado sem fazer nada ao invés de estar trabalhando.

— Sou todo ouvidos — falo, vendo-a à vontade no sofá.

— Você vai estrear a sua piscina! — Rio da sua empolgação quando bate palmas e abre um sorriso propositalmente exagerado enquanto isso.

— Agora? Com você?

— Agora! Comigo não, só você. Mas vou te acompanhar nesse momento importante, porque acho um pecado você desperdiçar aquilo. — A determinação me faz jogar a cabeça para trás em uma risada descrente, mas Mila parece falar sério. — Você me deve, senhor Davis.

— Tudo bem. — Levanto-me, e Mila parece surpresa por eu ter aceitado tão rápido.

Eu poderia pensar em mil motivos para não sucumbir aos seus desejos, mas estou cansado de tentar forçar meu cérebro, pois ele age sozinho desde que

ela apareceu à minha frente pela primeira vez. Assim como o meu corpo.

— Vamos?

Mila se agita ainda mais de empolgação conforme andamos em direção à piscina. Descubro que gosto muito do sorriso aberto que ela me dá, como se o simples fato de a levar para a piscina a deixasse em êxtase. O local é coberto por um teto de vidro, que agora é iluminado pela luz da lua e dos *spots* do quintal.

A água da piscina está limpa, porque é feita a manutenção semanalmente, mesmo que eu realmente nunca tenha entrado aqui. Aproximo-me com Mila atrás de mim e confiro a temperatura, agachando-me.

— Realmente é aquecida.

— Não acredito que você nunca estreou a piscina da própria casa. O que mais tem aqui que você nunca usou?

— Sala de jogos, de banho, cinema. Só uso a academia — falo, e ela parece chocada.

— Meus irmãos desfrutam muito de cada lugar da nossa casa. — Mila tira as sandálias e se senta na beirada da piscina, colocando os pés na água e os balançando de forma displicente. — Eu uso muito mais a piscina do que qualquer canto, mas pelo menos uma vez no mês meu pai inventa maratona de filmes com a família.

— Sua família parece bastante unida.

Eu me sento ao seu lado e repito seu gesto, afundando os pés também. Mila sorri abertamente e concorda com a cabeça, prendendo os cabelos soltos em um coque.

— Nós somos. Não imagino minha vida sem nenhum deles. Eles me deixam louca, todos eles, mas são a melhor parte de mim. E você? É apegado à sua família?

— Sou. Mas não costumo os ver muito agora que me mudei para cá. Eles vêm sempre que podem — murmuro, focando nos movimentos dos pés delicados de Mila. — Sinto falta deles, só não tenho…

— Tempo — ela completa, e aceno, abrindo um sorriso fraco. — E a sua irmã? Como ela é?

— Uma pentelha — digo rindo, e Mila me acompanha. — Ela tem dois filhos, é dois anos mais nova do que eu. Nós nos unimos mais depois da morte do meu irmão.

Vejo o rosto de Mila virando rapidamente para mim, surpresa com a informação.

— Eu não sabia que você tinha um irmão. Sinto muito.

A expressão de empatia e pesar em seu rosto é tão grande que preciso apertar a beirada da piscina com força para não a tocar, para não tentar desfazer a tristeza que aparece ali.

— Foi uma época difícil. Mas está melhor agora…

Mila sorri fraquinho e fica pensativa durante alguns segundos.

— Você está me enrolando. Isso não é aproveitar a piscina.

— Tudo bem. Mas você tem que entrar também. Não tem graça aproveitar sozinho — provoco e vejo seu rosto corado de vergonha.

Levanto-me e tiro a camiseta puxando pela parte de trás. Os olhos curiosos de Mila se voltam para mim, mais especificamente para a tatuagem na minha costela, mas logo desviam.

— Você vai entrar de bermuda?

Não respondo, apenas pulo na água de uma vez e escuto seu gritinho fino e em seguida a risada quando emerjo. Ela passa as mãos pelos braços para secá-los, e eu sorrio. Arrumo o cabelo e me aproximo dela, nadando devagar.

— Sua vez.

— Anthony, eu não tenho biquíni… — fala baixinho.

— Você não precisa dele — provoco só para vê-la corar mais e rio quando seu rosto parece um pimentão. — Vai mesmo perder a diversão por causa de uma peça de roupa?

Vejo-a morder o lábio, pensativa, ponderando uma alternativa.

— Posso pegar sua camiseta emprestada? Senão vou ter que voltar

molhada para casa.

Aceno em concordância e a vejo se levantar para pegar a peça jogada em cima da cadeira. Ela olha ao redor e acha o trocador no canto da área da piscina. Vai até lá e sacudo a cabeça em um riso com a empolgação.

Nado de uma borda à outra da piscina, tentando me lembrar de quando foi a última vez que entrei em uma. Não me recordo. Quando escuto Mila voltando, eu a olho.

Puta merda… Isso foi uma maldita ideia ruim. Com a camiseta azul cobrindo mal as suas coxas, ela vem acanhada em direção à água, os fios de cabelos loiros agora bagunçados ao redor dos ombros.

Ela coloca os pés primeiro antes de dar um saltinho para molhar o corpo inteiro.

— Está uma delícia! — fala animada, e não consigo para de olhar para ela.

— Está.

Mila mergulha e emerge segundos depois, jogando os cabelos para trás. Não consigo me mexer mais, porque sinto meu corpo reagindo. Consegui controlar a porra do pau duro durante semanas, porque nunca me permiti pensar no seu corpo dessa forma. Mas não faço milagres, e é inevitável reagir ao vê-la assim.

— Isso é estranho? Eu aqui, na sua piscina, a essa hora da noite? —

pergunta baixinho, encarando-me um pouco aflita. — Isso não me parece muito profissional, senhor Davis.

— Não é nada profissional, senhorita Connor. Mas não vamos pensar nisso agora.

Mila parece gostar muito da ideia, e sei que estou ferrado quando *aquele* olhar aparece de novo. Não sei quanto tempo mais vou resistir a ele.

Para fugir da sua expressão travessa, mergulho e me arrependo imediatamente, pois consigo ver a minha camiseta colada no seu corpo. Nado para o lado oposto ao dela, mantendo uma distância segura, tentando deixar as coisas menos excitantes do que já estão. Não adianta. Mila nada com a bunda empinada, mostrando o fio de calcinha com o movimento.

— Vamos fazer um jogo, senhor Davis. Uma corrida de uma ponta a outra. Vale um pedido. Qualquer coisa — diz com o maldito sorriso travesso no rosto.

— Que tipo de pedido?

— Pode ser qualquer coisa. — Ela dá de ombro e nada até mim, até se posicionar ao meu lado. — Fechado?

— Fechado.

— No três. — Sorri abertamente como uma vencedora e começa a contagem. — Um… Dois… Três.

Seu corpo salta bem mais na frente do que o meu, criando uma vantagem

sobre mim. Parecendo uma sereia, Mila chega facilmente até o outro lado com um sorriso de orelha a orelha.

— Essa foi fácil — comemora.

— Não vale. Estou há muito tempo sem prática — defendo-me, e ela revira os olhos.

— Você não sabe perder?

— Eu odeio perder, senhorita Connor. Qual o seu pedido?

Mila fica pensativa e se aproxima de mim devagar, como uma predadora. Fica frente a frente para mim e olha meus lábios com desejo.

— Eu quero… — sussurra e volta a olhar com meus olhos. — Que você tente tratar os funcionários melhor a partir de hoje.

— Eu… O quê? Esse é o seu pedido?

Ela gargalha e acena, nadando de costas até o lado oposto. Então, percebo que Mila está me provocando desde que encerramos o trabalho de hoje. A garota me provoca de forma discreta e retrocede em seguida, deixando meu corpo em chamas.

— Quero uma revanche — falo, e ela me olha da outra borda. — Mesmas regras.

— Você ainda vai atender ao meu pedido? — Aceno em concordância. — Então fechado.

Mila nada até mim novamente, para dar largada na corrida. Preparo-me melhor dessa vez e, quando ela conta o três, impulsiono meu corpo e nado até a outra ponta, com ela um pouco atrás de mim. O biquinho quando perde me faz gargalhar, como há muito tempo não rio.

— Você não sabe perder? — repito a pergunta em zombaria, e ela faz uma careta.

— O que você quer?

Revira os olhos e aproveito a minha vingança. Eu me aproximo dela devagar e vejo seu peito subir e descer quando a prendo na borda da piscina, sem tocar em seu corpo.

Aproximo minha boca do seu ouvido e respiro ali, ouvindo-a ofegar.

— Eu quero que você seja minha… ajudante pelos próximos meses aos finais de semana.

Afasto-me e sorrio abertamente, vendo seus olhos arregalados.

— Você não vale nada, Anthony.

Ela me dá um tapa no peito, e seguro sua mão ali, encarando seu rosto de perto, olhando os detalhes que nunca tinha visto, como as pintinhas que tem no nariz, a covinha disfarçada que tem em um só canto da boca.

Volto a me aproximar, deixando seu corpo preso na borda da piscina, e estico a mão para acariciar seu lábio inferior. Percorro a carne devagar, e Mila

me olha concentrada. Quando passo para o de cima, ela suga meu dedo de leve, fazendo-me apertar os olhos com força.

— Mila…

— Até quando você vai resistir, Anthony? Porque eu posso muito bem continuar com a provocação — diz baixinho.

Aproximo-me devagar dos seus lábios, ainda lutando contra mim mesmo. Quando sinto a maciez, eu me perco.

Minhas mãos vão até sua nuca, puxando-a para mim, prendendo seu rosto à minha mercê. Encosto meu corpo no seu, perdido no tesão descontrolado que prendi em mim por tanto tempo. Empurro meu pau na sua barriga, e Mila geme, deslizando as mãos pelas minhas costas, arranhando-as com delicadeza. Subo as palmas pelas suas coxas, cintura, até chegar na lateral dos seios, por dentro da camiseta.

Sua língua invade minha boca com o mesmo desejo reprimido que o meu, e eu a mordo de leve, fazendo-a gemer. Afasto-me dos seus lábios e beijo seu pescoço molhado, indo até o lóbulo da sua orelha. Chupo-o, e Mila treme em meus braços.

Hesito, e ela parece sentir, porque me encara.

— Não para, Anthony. Não pensa em nada. Só sente — implora, com os olhos suplicantes. Mila se aproxima da minha orelha e a lambe, como fiz com

ela. — Estou ardendo de desejo por você. Por favor, me fode.

Seguro seus cabelos com força e abandono de vez o último vestígio de sanidade que restava. Que se fodam as consequências. Puxo sua cabeça para trás e chupo seus lábios, seu queixo, seu pescoço. Livro-me da camiseta colada no seu corpo e jogo para longe. Impulsiono Mila para que se sente na beirada e tiro a calcinha pequena, dando a ela o mesmo destino da camiseta. Aprecio seu corpo nu durante um tempo, e ela parece tímida com meu olhar. Arreganho suas pernas, e o gesto a assusta, ainda mais quando encaixo minha boca na sua boceta. Passo o dedo pela tira fininha de pelos loiros enquanto chupo seu clitóris.

Mila enfia os dedos nos meus cabelos e puxa-os com força, fazendo-me acelerar os movimentos com a língua, deslizando-a de leve no nervo gostoso que preenche minha boca.

— Eu vou gozar, Anthony. Oh, merda.

Aperto um mamilo com a ponta dos dedos, e as pernas de Mila tremem com força, enquanto ela inclina o corpo para trás. Quando tenta se afastar, deslizo dois dedos para dentro dela, sentindo os anéis da boceta apertando-os.

— Você me provocou, não foi? Agora vai gozar para mim de novo, e de novo. Até eu dizer que acabou.

Ergo meu corpo de leve para abocanhar o seio avermelhado, o bico eriçado de excitação e frio. Deslizo a boca por toda a pele, deixando as marcas por onde passo. Quando encontro o ponto certo em que ela se contorce, estoco

meus dedos nela enquanto chupo cada parte de pele que meus olhos enxergam. Demora para Mila chegar perto do orgasmo novamente, mas não desisto, vendo todas suas reações, absorvendo todos os seus gemidos, tomando tudo para mim.

— Anthony… — geme e encosta sua testa na minha quando estimulo seu clitóris com a ponta dos dedos ao mesmo tempo. O corpo treme de leve quando finalmente goza, de um jeito gostoso que me deixa a ponto de explodir.

Deixo-a se apoiar em mim, fraca, com um sorriso bobo no rosto.

— Você acabou comigo sem me foder. Não vale — murmura no meu ouvido, e solto uma risada pela sonolência.

— Objetivo atingido então. Vem, vamos esquentar você antes que fique doente, garota safada.

Ela ri do apelido, e impulsiono meu corpo para sair da piscina. Ajudo-a a colocar a camiseta novamente, e Mila veste a calcinha, tremendo de leve mesmo que o lugar esteja quente.

Minha consciência ameaça me condenar, mas eu a ignoro por completo. Sei que cruzei muitos limites hoje com ela. Queria ter cruzado todos, mas seu cansaço veio a calhar para que eu freasse minhas ações. Independentemente de ter ido até fim ou não, sei que não vou conseguir apagar essa garota da minha mente nem tão cedo.

Capítulo 16



MILA CONNOR

Desperto assustada até meu corpo assimilar que não estou na minha cama, muito menos na minha casa. Acostumo-me com a claridade da luz que entra pela janela e limpo meus olhos.

O lugar ao meu lado está vazio, e nem sei dizer se Anthony dormiu aqui, porque depois de gozar como uma louca na sua boca e nos seus dedos, eu apaguei. Droga… Meu sonho de transar até o sol raiar foi frustrado.

Vejo que meu celular está na mesa de cabeceira ao lado e o pego, ligando-o. Mil mensagens de preocupação explodem, e xingo baixinho, porque não avisei que iria dormir fora. Nem era meu planejamento, na verdade. Noto que minha roupa também está dobrada ao lado da cama e me visto. Após tranquilizar meus pais, visto as peças e vou até o banheiro para dar um jeito na minha cara. Lavo o rosto e passo uma água na boca. Arrumo os cabelos com os dedos e olho

com curiosidade para os produtos de Anthony espalhados pela bancada, tudo muito organizado.

— Anthony? — chamo após sair do quarto, procurando-o pela casa. Quando vou até a cozinha, pensando que ele pode estar preparando algo para o café da manhã, frustro-me ao ver que está vazia.

— Senhorita? — Escuto uma voz atrás de mim e salto, dando um grito. — Me desculpa, não queria assustar você. Mila, não é?

— Sim — respondo com a mão no coração, que ainda salta.

— O senhor Anthony pediu para avisar que precisou fazer uma viagem de última hora. A senhorita deseja comer alguma coisa?

Frustração é tudo o que me atinge. Como assim uma viagem? Assim, do nada? Sinto-me mal por ter sido largada na calada da noite, ou da manhã, não sei. Sem nenhum bilhete, nenhuma mensagem, apenas um recado pela sua funcionária.

— Muito obrigada… Como é o seu nome?

— Mary.

— Obrigada pelo recado, Mary. Não desejo comer nada, obrigada. Eu já… — Aponto para a saída e abro um sorriso fraco para ela.

Não sei ao certo o que sentir. Pode ter sido uma emergência que não deu tempo de me avisar, mas é inevitável me sentir triste depois da noite de ontem.

Mesmo que não tenhamos chegado até o fim como eu queria, Anthony foi um doce depois de ter me feito gozar duas vezes. Sinto que ele me enrolou para não transar comigo, porque se deitou ao meu lado e passou a conversar, a voz grossa embalando meu sono.

Achei que estávamos tendo um momento. Fiquei feliz por ele estar abrindo partes da sua infância para mim, mas parece que o homem só queria um motivo para me fazer dormir para se afastar sem culpa. Enquanto vou para casa, seco as lágrimas sorrateiras que descem porque a última coisa que preciso é chegar assim, toda desestruturada. Mais uma vez quebrando todo o meu orgulho, abro o WhatsApp e mando um “tudo bem?” para Anthony, mas a mensagem nem chega.

Solto um suspiro e respiro fundo enquanto cruzo o portão da minha casa após colocar minha digital ali.

Os cachorros correm em minha direção e, segundos depois, meu pai abre a porta de entrada, com uma expressão de preocupação estampada no rosto.

— Princesa, está tudo bem com você? O que houve? Estava morrendo de preocupação! — Ele me abraça e me aconchego nos seus braços.

— Estou bem, pai. Desculpa não ter avisado que ia dormir fora, acabei esquecendo.

Ele beija minha testa e me afasta para me examinar com atenção. Sorrio na intenção de tranquilizá-lo, mas se eu o conheço bem, Jason Connor me conhece

melhor ainda.

— Por que estava chorando? O que fizeram com você?

— Nada, pai. É bobagem minha.

— Vem, vamos entrar para você me contar tudo. Você está gelada. — Ele me abraça de lado, e mordo os lábios com força, para não chorar por bobagem e preocupá-lo à toa. — Sua mãe parecia tranquila demais quando disse que você não tinha dormido aqui. O que vocês estão escondendo de mim?

Mamãe aparece na porta com o Kindle nas mãos, olhando para mim com atenção. O sorriso sereno morre no seu rosto quando vê minha expressão.

— Princesa, o que houve? Está tudo bem?

Os dois me cercam, cheios de preocupação, e aceno de leve. Não quero chorar, mas é tão difícil quando os vejo assim tão preocupados.

— Só estou cansada. Não aconteceu nada sério, eu juro. Sem surtar.

Dou um beijo no rosto de cada um e me afasto, dizendo que preciso de um banho. Não preciso me virar para ver que as expressões de preocupação ainda estão ali.

— Mila, Mila! — Mel me intercepta no corredor. — Você pode me ensinar a desenhar uma roupa de rockeira? Eu fiz esse aqui, mas está muito feio.

— Ensino. Vou só tomar um banho e já te ajudo. — Sorrio para ela mesmo que só queria me deitar na minha cama e dormir por dias.

Ela sai correndo na mesma velocidade em que chegou em direção ao seu quarto. Quando entro no meu, tranco-o e vou em direção à sala de banho, porque preciso de uma banheira relaxante para poder chorar em paz.

Derramo tudo o que tem dentro de mim sem saber o motivo exato. Tem um aperto no meu peito que me diz que as coisas com Anthony não vão retornar de onde pararam. É inevitável me sentir preterida, abandonada. Sei que seria apenas uma noite que nos entregaríamos aos desejos sem pensar no amanhã, que não daria para termos nada mais do que isso, mas não precisava ser assim.

Com o controle, ligo o som da sala de banho e mergulho na banheira após enchê-la. Fico ali até a água esfriar e me sinto mais calma para enfrentar minha família, porque sei que o interrogatório vem.

Quando desço, minha mãe está servindo o almoço para as crianças, que se agitam ao me ver. Dou um beijo em cada um, e Nathan faz um careta quando é a sua vez.

— Chato! — Bagunço os seus cabelos e me sento à mesa, com o olhar curioso da minha mãe em mim.

— Está tudo bem mesmo? Depois você vai me contar tudo o que houve. Despistei a curiosidade do seu pai achando que você estaria bem, porque senão ele ia bater lá.

— Depois eu te conto — murmuro quando papai entra na cozinha, ainda olhando para mim com preocupação.

Nós almoçamos na barulheira cotidiana, e agradeço por tê-los ao meu lado. No bem ou no mal, eles sempre estão aqui comigo.

***

Anthony não aparece na empresa há cinco dias. Toda a euforia da minha nova função como assistente de Kate perde um pouco do brilho conforme os dias vão passando e não tenho notícias dele.

— Você parece triste nos últimos dias. Sente falta dos gritos do chefe? — Kate fala ao meu lado quando me distraio mais uma vez.

— Não! Eu… — Fico vermelha e abaixo o olhar.

— Você sente falta do chefe! — afirma dessa vez, e olho ao redor para ver se estão nos ouvindo, mas a maioria dos funcionários está na hora de almoço, e outros trabalham de fone. — Mas… Como? Ah, não. Não me diga que… Você está vermelha. Isso não é à toa.

— Não é isso o que está pensando. Não aconteceu nada.

— Oh, querida. — Ela segura a minha mão e me aperta. — Não sei o que houve, e não é da minha conta, mas não vá por essas águas. Anthony é complicado. Vai por mim, sei o que estou falando.

Aproveitando que ela tocou no assunto, ajeito-me na cadeira, cheia de

curiosidade. Tudo o que descobri sobre seu relacionamento com ele foi que não deu certo por falta de tempo, mas o homem não me deu detalhes. Como se conheceram? Quem terminou com quem? Como foi? Quando foi?

— Vocês foram casados por muito tempo? — pergunto com curiosidade, e ela sorri sabida.

— Nós nos conhecemos desde a faculdade, mas nos casamos muito tempo depois.

— Você… ainda tem sentimentos por ele? — questiono com medo da resposta, e Kate gargalha, sacudindo a cabeça como se a ideia fosse absurda.

— Ah, não. Estou muito bem casada de novo. — Ela levanta o anel que não tinha percebido antes, provavelmente por estar com a cabeça no mundo da lua.

— Fico feliz por você — digo sincera, e Kate sorri abertamente, com a felicidade estampada no olhar.

Ela me pede ajuda com alguns desenhos, e passamos bons minutos concentrada na tela do computador.

A mulher ficou feliz quando cheguei no início da semana. Disse que viu potencial em mim, até me pediu para desenhar algumas peças. Em poucos dias, Kate já me ensinou tanta coisa que sinto que já valeu a pena o estágio. Quando os funcionários começam a voltar do almoço, aperto a minha barriga porque

ainda não comi. Digo a Kate que vou sair para almoçar, e ela apenas acena, focada nos ajustes da peça em que está trabalhando.

Pego a minha bolsa e estou indo em direção à saída quando vejo Anthony vindo, com o celular na orelha. Os óculos no rosto não me permitem saber se está olhando para mim, mas todo meu corpo parece consciente da sua presença.

— Boa tarde… — Ele se aproxima de onde estou, na entrada da área dos designers, e diz para todos após desligar a ligação.

O silêncio que se forma entre os funcionários é imediato. Alguns respondem rapidamente, outros só o olham em choque, como se o simples cumprimento fosse absurdo.

— Boa tarde, senhorita Connor. — O corpo grande se vira em minha direção, mas logo vai para sua sala, deixando-me para trás sem falar nada.

Olho para os funcionários de novo com a boca aberta. Até Kate parou o que estava fazendo.

Sem saber o que fazer, se sigo para almoçar ou se vou até lá, fico parada no meio do corredor para decidir. Pensando que talvez Anthony queira almoçar comigo, opto por ir até lá. Bato na porta de leve e escuto a voz grossa vinda de lá, mandando-me entrar.

Ele ergue a cabeça para ver quem é, e eu me aproximo devagar.

— Está tudo bem? — pergunto baixinho.

— Tudo ótimo. Está tudo bem na sua primeira semana? — questiona sem olhar para mim.

— Está. Estou gostando muito de trabalhar com a Kate. — Anthony acena, concentrado na tela do seu computador e nos papéis espalhados sobre a sua mesa. — Você… O senhor… Está tudo bem mesmo?

Ele ajeita os óculos no rosto e me olha, com a cabeça inclinada. Acena devagar, como se eu fosse lenta e estivesse perguntando algo absurdo.

— Você não vai falar nada, Anthony? Só sumiu e não me disse nada desde sábado — falo baixo, para não correr o risco de ninguém chegar perto da porta e ouvir.

— Senhorita Connor, aquilo foi… — Ele aperta a mão em frente à boca, e meu coração se comprime, sabendo o que vem a seguir.

— Por favor, não fala que foi um erro. Odeio esse tipo de desculpa, quando nós dois sabemos que estava bem consciente do que estava fazendo. Eu sou muito idiota!

Viro-me de costas e ando em direção à porta.

— Senhorita Connor! — chama e me viro, com o maxilar apertado. — Para de me virar as costas. Venha até aqui, por favor.

Controlando a vontade que tenho de xingar esse homem, aproximo-me da sua mesa e fico em pé novamente, lembrando-me da nossa última discussão.

— Por que está agindo assim?

— Por que eu estou… Você está mesmo me perguntando isso, Anthony? Para de me chamar de senhorita Connor, estamos só nós dois aqui. Você esteve com a boca no meio das minhas pernas — falo baixo, aproximando-me dele. — Está mesmo me perguntando por que estou magoada por você me fazer gozar e me deixar na sua cama sozinha? Que tipo de relação você tem com as pessoas, Anthony? Você me tratou como uma… prostituta. Só faltou deixar o pagamento.

— Eu não… — Seu tom aumenta, mas ele aperta a mão novamente e o diminui em seguida. — Jamais te trataria assim.

— E não foi o que fez? Custava responder às minhas mensagens? Custava um bilhete?

— Estive ocupado, Mila. E eu não devia satisfação para você. — Ele parece bravo enquanto se levanta, mas não me intimida. Não mais. Não quando ele esteve com a boca na minha boceta. — Odeio que me cobrem. É exatamente por isso que não entro em relacionamentos, porque odeio cobranças.

Solto uma risada fria e dou as costas de vez, indo em direção à porta. Escuto seus passos atrás de mim, mas acelero para que não me alcance.

Ele que se exploda.

Vou almoçar, voltar para trabalhar e fingir que o Anthony nunca esteve entre as minhas pernas, porque o CEO ainda vai ter que me engolir por longos

meses.

Capítulo 17



MILA CONNOR

— Eu vou afogar a cara dele em um aquário de águas-vivas! — Rabisco meu caderno de desenho com força, criando um sapato esquisito influenciado pelo meu humor. — Você tem noção do que é querer socar a cara de alguém que não pode, Hailey?

Sentadas em uma cafeteria discreta perto da Davi's, minha amiga segura a risada para não chamar a atenção. Faço uma careta para ela e sigo furiosa, mostrando meu esboço com o molde cheio de espinhos, trevoso, a cara do meu coração agora.

— Sua raiva dura uma semana no máximo, Mila — implica, e resmungo, afastando o caderno de desenhos para tomar um gole do café gelado.

— Não nesse caso. Ah, não mesmo. Já faz o quê? Oito dias? Estou com a raiva intacta aqui, bem guardada para o momento certo. Sinto que metade do

tempo estou de bem com ele, e na outra metade estou vendo os dias passarem com a raiva queimando viva. Chega dessa montanha-russa!

Hailey ri mais alto e sacode a cabeça, achando o máximo me ver assim. Eu sou uma pessoa pacífica mesmo, mas Anthony consegue me irritar como ninguém. Acho que nunca fiquei com tanta vontade de praticar umas lutas para atingir aquela cara cínica dele.

— Odeio cobranças, Mila — imito seu tom de voz grave. — Como se ele me tratar como um ser humano fosse cobrança. Ele que enfie aquela língua, aqueles dedos e aquele pau, que nem cheguei a ver, no rabo.

— Mila, amiga, pensa pelo lado dele.

Eu a fuzilo com o olhar antes que ela continue falando, porque não preciso de ninguém o defendendo. Quero odiá-lo em paz. Estou bem com meu ódio, porque assim não fico pensando na sensação do seu toque no meu corpo.

A cada vez que repasso todas suas falas em minha mente, sinto-me com mais vontade de me vingar dele. E olha que nunca fui vingativa na minha vida. Estou dizendo que aquele CEO dos infernos desperta o pior em mim.

— Você está de TPM? Quer um chocolate?

Faço uma cara feia para Hay e jogo o saco do canudinho em seu rosto, fazendo-a rir da minha expressão. Proíbo-a de falar de Anthony durante o tempo seguinte, porque logo vou ter que voltar para lá. Já basta ter que ignorar sua

presença.

Nessas horas, mais do que nunca, agradeço por ter mudado de setor, porque assim não trabalho diretamente com ele. Eu consegui evitá-lo durante todos os dias. Meu olhar não cruzou com os seus nenhuma vez durante esses oito dias. Sigo firme, forte e imatura na minha tarefa de ignorá-lo.

Olho as horas no meu celular e solto um resmungo, porque só tirei alguns minutos de lanche para espairecer com a minha amiga senão iria enlouquecer. Nós temos nos visto pouco nos últimos dias, porque estamos focadas nos *internships*. Sempre que nos vemos, são horas de fofocas.

— Tenho que ir, Hay. Me deseja sorte para terminar o expediente.

— Boa sorte, gatinha. Cuidado para não tropeçar no colo do CEO do inferno.

Ela bate na minha bunda quando me afasto, e solto uma risada alta, sacudindo a cabeça enquanto atravesso a rua para voltar para a empresa.

Na volta, tenho o azar imenso de encontrar com ninguém mais, ninguém menos, do que o próprio homem.

— Senhorita Connor — ele fala, cordial demais, simpático demais. — Tenho te visto pouco nos últimos dias.

— Boa tarde. — É tudo o que digo, voltando a me concentrar na tela do meu celular, ignorando a sua fala e a sua presença.

— Mila?

Permaneço calada, torcendo para que o elevador chegue logo. Aliás, o que ele está fazendo aqui? Anthony não tem o próprio elevador exclusivo para ele? Quando as portas se abrem, vou a passos rápidos em direção à minha mesa.

Kate olha de mim para algum ponto atrás de mim, que sei que é Anthony.

— Você percebeu como ele está educado ultimamente? — ela pergunta assim que me sento.

— Está? Não notei.

Ah, notei, porque foi o assunto da semana aqui na empresa. Não tem um funcionário que não esteja especulando sobre a mudança súbita no comportamento do homem. Exceto eu. Primeiro porque estou evitando pensar nele, segundo porque tenho uma noção de que é ele cumprindo aquele acordo que fizemos na piscina. Eu não cumpri o meu, porque não apareci na sua casa para ajudá-lo no sábado. Nem vou. Quero distância.

— Ah, Mila, não me diga que não tem curiosidade — Kate fala. — Ei, Tony. O que você acha que fez Anthony ficar assim?

Eu me concentro na tela do computador, fingindo não prestar atenção na conversa dos dois.

— Mulher. Com certeza. Um homem só muda assim quando a paixão chega no coração.

— Você acha, Mila? — A ruiva volta a me incluir na conversa, e olho para os dois, que sorriem abertamente para mim.

— Não acho que seja. O senhor Davis não parece ser do tipo que ama.

Eles explodem uma gargalhada alta demais, que chama a atenção de todos ao redor. É inevitável sorrir também. Para eles pareceu uma brincadeira, mas para mim é apenas a realidade amarga saindo da minha boca.

— Continuo achando que é mulher. Quem sabe não foi a pessoa certa que apareceu e acalmou seu coração? É a primeira vez que isso acontece — Tony fala debochado, cutucando Kate, que só ri e volta a trabalhar.

É difícil eu me concentrar após as palavras deles, que martelam na minha cabeça sem parar. Só preciso que o expediente acabe para sobreviver a mais um dia.

Horas depois, Kate se levanta e se alonga.

— Mila, o senhor Davis pediu para que você pessoalmente fosse deixar isso aqui para ele. — Ela me entrega os papéis, e arregalo os olhos de desespero.

— Ah, não, Kate… Por favor. Não tem como dizer que estou impossibilitada?

— Ele não vai te morder. Só se você quiser. — Ela se levanta, pega a bolsa e me dá um beijo no rosto antes de sair. — E preciso ir, que meu marido está me esperando lá embaixo. Quando terminar o relatório que pedi para você e entregar

isso, pode ir embora.

Solto um resmungo e olho ao redor, pensando em uma forma de alguém entregar isso para mim. Mas só ficaram aqui algumas pessoas com quem não tenho intimidade. Solto um suspiro e termino o trabalho que Kate me pediu. Depois que enrolo até o limite, esperando que ele vá embora, vigiando de longe sua porta, desisto e me levanto. Desligo o computador e pego minha bolsa.

Ando até lá e arrumo a postura derrotada antes de bater na sua porta.

— Boa noite, senhor Davis. Vim trazer isso como pediu.

Entro com passos confiantes e coloco a pasta em cima da sua mesa antes de me virar para me sair.

— Senhorita Connor.

— Sim? — Viro-me novamente para ele, tentando manter o profissionalismo apesar da raiva.

— Já estou indo para casa, se quiser uma carona.

— Obrigada, senhor. Não quero. Tenha uma boa noite — respondo e abro um sorriso falso, voltando a andar para porta.

— Mila…

Amaldiçoo o tom de repreensão na sua voz que me causa arrepios. Estou brava, mas a minha mente continua sendo a de uma leitora de literatura erótica. É inevitável pensar nessa voz grossa me dando ordem, mandando-me ficar de

joelhos para que eu o chupe, me engasgue e volte a chupar novamente.

Assusto-me quando sinto sua presença perto de mim depois do meu momento de distração.

— Não quero que fique esse clima esquisito entre nós. Me desculpa se magoei você, não foi a minha intenção.

— Desculpas são apenas palavras jogadas ao vento, senhor. Elas não servem para mim — digo firme, e ele inclina a cabeça para o lado, surpreso. — Posso ir?

Ele apoia uma mão na porta e chega perto de mim, mas me afasto.

— Por que você está tão irada assim?

— Não estou. Só trato as pessoas como elas me tratam. Preciso mesmo ir. — Viro-me de volta para a porta, ainda mais brava por ele achar que as coisas que me disse são normais. Só na cabeça dele.

— Eu te levo. Está tarde.

— Não quero. Sei me virar sozinha.

Olho para ele e não desvio o olhar quando me encara de forma dura, tentando me intimidar. Anthony despertou meu lado furioso, que não vai adormecer enquanto continuar agindo feito um babaca.

Quando se afasta após um suspiro, vendo que não vou ceder, abro a porta e corro para fora dali, indo para a segurança do meu lar.

Solto o ar com força quando piso na calçada e olho para os lados em busca de um táxi, mas não vejo nenhum próximo. Saí mais tarde do que planejei graças à minha enrola para não ir à sala de Anthony. Passo bons dez minutos ali, quando o carro para na calçada à minha frente.

— Mila, entra.

— Qual a sua dificuldade em ouvir um não? Não quero ir com você. Prefiro pegar um táxi. — Olho para ele de cara feia quando abaixa o corpo para me enxergar. Escuto seu suspiro impaciente.

— Garota teimosa… Não me faça descer, Mila.

— Senhorita Connor para você — digo pirracenta, e ele ri amargo.

— Você vai ser fotografada no meio da calçada, discutindo comigo. Amanhã vai sair nos jornais que estávamos brigando — argumenta, e fraquejo quando vejo algumas pessoas nos olhando.

Xingo-o baixo por ele ter pegado no meu ponto fraco e entro no maldito carro, olhando para a janela o tempo inteiro. Ainda bem que o percurso é curto mesmo com trânsito. Viro-me de lado com curiosidade e vejo seu olhar nas minhas pernas, que ficaram de fora pelo vestido que subiu.

— Perdeu alguma coisa nas minhas coxas? — questiono e arrumo a peça.

— Onde essa língua afiada estava escondida esse tempo inteiro? Cadê a garota doce? — pergunta genuinamente curioso.

— Foi esquecida na sua casa naquela manhã — murmuro baixinho para mim mesma, sem me importar se ele ouviu ou não.

Anthony passa o caminho todo tentando puxar assunto, mas me mantenho quieta até que estacione em frente à minha casa.

— Obrigada pela carona, senhor.

— Mila… — Ele segura a minha mão antes que eu possa sair. — Não quis ser rude ou desrespeitoso. Eu…

Anthony se cala e aperta o osso do nariz, fazendo os óculos subirem.

— Não gosto de te ver brava ou magoada.

— Vai passar, Anthony. Eventualmente. Mas não se preocupe, não vou desaparecer da empresa. Você ainda vai ter que me aguentar até o estágio acabar.

Ameaço sair mais uma vez, mas ele segura minha mão com delicadeza de novo, fazendo-me parar, gostando do toque.

— Não é só isso. Eu gosto da sua companhia, do seu carisma, da sua leveza. É que…

— Por favor, não. Não estou em busca de desculpas. Odeio incertezas, enrolas. A gente começou a se envolver, você me magoou, não deu certo e acabou. É isso. A partir de agora, sou a sua funcionária, e você é o meu chefe. Boa noite, senhor Davis.

Entro em casa com a certeza de que fiz a coisa certa. Eu me conheço

muito bem e sei que isso o que estou sentindo por Anthony está longe de ser ódio, é uma mágoa por ele ter me negado o que meu coração deseja tanto: a sua paixão e a sua entrega.

Capítulo 18



ANTHONY DAVIS

Eu preciso de um manual de como entender as mulheres, porque no momento meus conhecimentos adquiridos ao longo dos anos não parecem funcionar com Mila.

Ao invés de estar trabalhando, estou parado olhando para o nada, tentando entender por que existe tento ódio ali dentro. Tudo bem, sei que não é muito legal sair na manhã depois de quase transar com alguém, mas eu não a deixei sem informações e foi uma emergência em uma das filiais. Precisei correr para lá, porque houve alguma sabotagem que necessitou da minha atenção. Não respondi às suas mensagens porque aproveitei o tempo para me distanciar dela, para ver se valia a pena nos colocar em uma encrenca por um envolvimento sexual casual. Sei que Mila merece mais do que isso, mas é tudo o que consigo dar. Tudo o que tenho tempo. Mal para isso.

Bufo e jogo os óculos em cima da minha mesa ao pensar na forma como a garota está me tratando. Depois da fase raivosa que durou um pouco mais de uma semana, ela passou para uma ainda pior, um modo formal e educado demais, que beira a ironia. O profissionalismo que sempre gostei nos meus funcionários ali, na minha cara, mas que só me fez ficar com raiva por vir dela. Não estou acostumado a esse seu lado. Sei que deveria ficar feliz, porque isso é tudo o que eu queria depois de ter chupado a mulher e feito gozar para mim duas vezes. Depois de ter adorado cada segundo disso e ter me segurado feito um filho da puta para não pegar mais, pegar o que ela desesperadamente queria que eu tomasse dela.

Puto porque não consigo me concentrar, pego meu celular e disco para alguém que talvez consiga me ajudar a entender a mente feminina.

— *Roubaram o celular do meu irmão? Anthony Davis não me liga há meses* — a palhaça debocha do outro lado da linha e ri da própria piada.

— O que fazer para saber o que uma mulher quer quando você já esgotou todos os pedidos de desculpas? — Vou direto ao ponto, sabendo que ela vai pisar em cima.

— *Espera aí. Você me ligou para… pedir conselhos amorosos? Quem é você, estranho?*

— Bonnie, não tenho tempo para suas gracinhas. Vai me responder ou não? — falo, apertando as têmporas cansadas depois de um dia cheio.

— *Ok, me conta o que aconteceu.*

Narro tudo para ela, desde o primeiro dia em que a conheci até agora. Bonnie solta interjeições do outro lado da linha, não sei se de surpresa ou de empolgação pela narração. Bons minutos depois, ela solta um “uau” e respira fundo.

— *Essa foi a coisa mais empolgante que você me disse na vida. Primeiro, você é um imbecil! Que tipo de pessoa abandona alguém no meio da noite para viajar? Sem avisar nada? Recado pela Mary? Jura, Anthony? Você passa tanto tempo trabalhando que perdeu a noção das coisas?*

Não tenho tempo para me defender do bombardeio de acusações nem da bronca, porque Bonnie não para por aí.

— *E você é burro? Ela está magoada, porque você é um tapado sem iniciativa! Quando ficou tão frouxo e covarde?*

— Ei! Me respeita, pentelha.

— *Respeita nada.* — Escuto o barulho das coisas que faz do outro lado da linha. — *Sei que nunca quis se envolver com ninguém depois da Kate, mas a vida não para. Você vai ter que deixar alguém invadir essa parede aí se não quiser morrer sozinho depois de deixar escapar o amor da sua vida.*

— Você não acha que está exagerando, Bonnie? Eu a conheço faz pouquíssimo tempo. Ela só…

Penso em Mila, em todos os sorrisos, suspiros, olhares, falas apaixonadas sobre tudo o que ama no mundo, sua espontaneidade, o jeito bravo, doce, impetuoso, sensível.

— Porra…

Bonnie gargalha do outro lado, como se pudesse ler meus pensamentos. Não estou apaixonado. Só beijei a garota uma vez! Não tem como se apaixonar assim, de repente.

— O que eu faço? — pergunto, perdido, mais para mim mesmo do que para ela. — Mandei flores com pedido de desculpa, mensagem com mais pedido de desculpa. Estou menos… bruto.

— *Você precisa mais do que isso, irmão. E vai ter que pensar sozinho, tapado. Não deixe a paixão escapar, Anthony. Preciso ir agora. Depois me conta como foi.*

— Eu não estou apaixo… — Bonnie desliga na minha cara antes que eu possa terminar, e deixo o celular de lado. Enfio a cabeça nas mãos e suspiro alto.

Sem conseguir mais trabalhar daqui, desligo o computador e recolho minhas coisas para ir para casa para pensar melhor. Estranho quando vejo a luz do setor de criação ainda ligada. Não consigo controlar quando meu coração erra uma batida ao ver Mila ali, com a cabeça apoiada nos braços como se estivesse dormindo.

Quando me aproximo mais é que confirmo que ela está de fato dormindo

— Mila? — Toco seu braço, e ela salta, confusa.

— Onde…? Oh, meu Deus.

Seus olhos buscam pelo celular em cima da mesa para olhar as horas.

— Você já devia ter ido para a aula hoje — digo, porque seus horários são flexíveis de acordo com o programa da Parsons.

— Eu sei. Droga, as últimas semanas foram puxadas e…

Ela parece se lembrar de que está falando comigo, porque imediatamente volta à postura séria.

— Vamos, te dou uma carona para casa.

Mila abre a boca para negar, mas o cansaço parece vencer a briga dessa vez, porque acena devagar e solta um bocejo. Guio-a com a mão apoiada nas suas costas, dizendo a mim mesmo que é para que não caia de sono no chão, mas sei que meu corpo busca o contato mínimo com ela depois de vários dias sem tocá-la. Parece que sempre fui acostumado a tê-la perto de mim, mas isso é tudo muito recente. Por que parece que a conheço há muito mais tempo do que realmente é?

Abro a porta do carro para ela, que me olha como se eu fosse um louco, mas entra. Dirijo rápido, com Mila calada ao meu lado. Esse seu silêncio me incomoda tanto que quero preenchê-lo de alguma forma.

— Como está sua família?

— Bem — responde baixinho, sem me olhar.

— Mila…

Ela não fala nada. Quando estaciono, descubro que não quero me afastar dela. De novo. Parece que a cada vez que me despeço dela, meu corpo protesta e chuta minha própria bunda por deixá-la ir.

Afrouxo a gravata que me sufoca e seguro seus dedos nos meus novamente.

— Não aguento mais ver você assim comigo, Mila — falo a verdade, e ela franze a testa. — Sinto saudade de conversar com você como antes. Me deixa… consertar as coisas. Janta comigo?

— Agora?

Aceno devagar, e ela parece considerar.

— Estou cansada. Deixa para depois.

— Um jantar, Mila. Você vai jantar na sua casa de qualquer jeito. Vai ser rápido, prometo — argumento, e ela suspira, acenando e fechando a porta ao seu lado. Sorrio fraco e dirijo para minha casa.

— Nós não vamos jantar? — Franze a testa sem entender, e aumento meu sorriso.

— Eu vou cozinhar para você. Não faço isso há anos, mas acho que ainda sei.

A surpresa fica estampada em cada traço do seu rosto, e mais uma vez me espanto em como gosto de ver isso nela. Estaciono em frente à minha casa e a vejo mandando mensagem para alguém, provavelmente seus pais. Eu a guio até o interior da mansão e pego suas coisas, colocando em cima do sofá.

— Quer beber alguma coisa? Suco? Água? — Desfaço-me da gravata, e Mila acompanha meus movimentos, negando com a cabeça. — Você me espera tomar um banho rápido?

Ela acena fraquinho com a cabeça de novo, e vou rápido, com medo de que mude de ideia. Só porque não quero nenhum envolvimento mais profundo com Mila, não significa que queira usá-la e descartá-la como parece pensar. Gosto dela, mais do que achei que fosse gostar. Quero que a garota sorridente volte a dar leveza para minha vida e vou me esforçar para que isso aconteça.

Após o banho rápido, visto uma bermuda e uma camiseta e volto para onde a deixei. Encontro-a olhando para os poucos porta-retratos da minha família, vendo uma foto minha e do meu irmão.

— Ele era muito bonito.

— Ele era — confirmo, e ela abandona o objeto ali. — Vamos?

Levo-a para a cozinha e tento me localizar na minha própria cozinha,

porque faz muito tempo mesmo que não cozinho, então nunca fiz nada nessa casa nova.

— Quer ajuda? — Mila pergunta com um riso disfarçado no rosto ao me ver perdido.

— Não, hoje você é minha convidada.

Tento puxar papo com ela enquanto cozinho, e Mila vai cedendo aos poucos, mesmo que ainda pareça reticente. Quando vamos comer na varanda, seus olhos se arregalam de surpresa.

— Está bom!

— Sua surpresa me ofende — falo rindo, e ela cora, voltando a comer.

Minha garota que fica vermelha está de volta.

Minha garota…

Que porra estou pensando?

Bebo um gole do vinho que peguei para acompanhar. Quando termina de comer, ela elogia novamente e beberica a água.

— Preciso dizer que estou surpresa.

— É a primeira vez que cozinho para alguém em muito tempo — confesso, bebendo mais um gole de vinho. — Fico feliz que tenha gostado.

— Gostei, obrigada. Agora eu preciso ir, Anthony — diz baixinho,

desviando o olhar do meu.

— Fica.

Seguro sua mão quando faz menção a levantar, e Mila morde os lábios.

— Não posso.

— Tem algum compromisso agora? — Ela nega com a cabeça. — Então fica.

— Fazendo o quê? — questiona baixinho, olhando para minha mão ainda na sua.

— O que você quiser. Que tal você estrear comigo a sala de cinema? Mais uma estreia minha com você.

Sorrio para ela, e a porra do coração salta quando ela sorri de volta. Quando Mila concorda com um sorriso ainda maior, eu a pego pela mão e a levo até cômodo, sem querer me desfazer do toque.

Eu deveria conseguir que me desculpasse, mas quero… mais. Meu corpo grita desesperadamente por mais dela. Mila observa tudo com atenção, com o sorriso ainda brincando no rosto apesar de estar mais calada, como se estivesse estudando o território inimigo.

— Qual seu filme preferido?

— Um do meu pai, escrito pela minha mãe — confessa rindo. — *I forgive you*. É romance. Você não vai querer ver.

— Esse não conheço, vamos ver.

Eu a guio para um dos bancos enquanto procuro o filme na plataforma de *streaming*. Aparece rapidamente nas sugestões e coloco no controle para projetar na tela enorme à frente. Ajusto as luzes e pergunto se ela quer ar-condicionado. Mila acena devagar e o ligo também, sentando-me ao seu lado quando o filme começa. Ela se ajeita e inclina a poltrona em que está sentada, para que fique deitada.

Mal me concentro no filme, porque sinto o cheiro de pêssego chegando até mim quando mexe no cabelo. Aperto os olhos e tento focar na tela. Quando cenas de sexo começam, Mila se remexe desconfortável ao meu lado.

— Você não acha estranho ver seu pai assim? — pergunto curiosa, e ela ri.

— Acostumei. Até me esqueço de que é ele, porque a história é linda. Minha mãe também ama, mas ela é suspeita.

Contorço-me quando meu corpo começa a ser estimulado pelas imagens à frente. Sinto o olhar de Mila em mim e olho de volta para ela. Não desviamos os olhares, esquecendo-nos do filme.

— Anthony…

Não espero. Quando vejo, somos uma bagunça de mãos quando a puxo para meu colo e a beijo. Chupo seus lábios com vontade, matando a vontade que estava do seu gosto. Levanto-me com ela no meu colo, deixando o filme

passando ali sozinho enquanto a levo para meu quarto. Deito-a na cama e me encaixo por cima dela, que rapidamente tira minha camiseta, com pressa.

Beijo seu pescoço e o colo dos seus seios, os dois avermelhados pela excitação do seu corpo quente.

— Porra, garota. Como eu quis foder você cada segundo do meu dia…

— Então, fode. Por favor, Anthony. Eu não aguento mais.

Tiro sua roupa rapidamente e chupo os seios com força, afastando a calcinha para o lado para senti-la completamente molhada nos meus dedos. Gemo quando sua mão apalpa meu pau por cima da bermuda e começa a descer a peça de roupa. Ao ver que estou sem cueca, os olhos de Mila crescem, e ela lambe os lábios de desejo.

— Você me quer na sua boca, Mila? — pergunto, afastando-me da sua boceta para segurar meu pau e esfregar na sua boca. Ela acena devagar. — Quer, safada? Abre para mim então.

Os lábios cheios de fecham em um bico em volta do meu pau, e gemo, empurrando de uma vez.

— Mais forte? — pergunto, e ela acena.

Junto os fios de cabelo e os envolvo na mão, empurrando mais rápido conforme se acostuma com meu pau tocando na sua garganta.

Quando meu corpo apresenta sinais de gozo, eu me afasto e pego uma

camisinha na mesa de cabeceira ao meu lado. Visto-me com o preservativo com Mila me olhando com cara de safada.

— Como você quer, Mila?

— Deita aqui. — Bate na cama, e arqueio a sobrancelha, mas obedeço às ordens da garota.

Mal me deito no colchão, e Mila se encaixa em mim devagar, apenas afastando a porra da calcinha fina para o lado na cena mais sexy que já vi.

— Caralho…

— Você gosta de ouvir coisas sujas, Anthony? — pergunta no meu ouvido após se inclinar, e sorrio. — Eu sei uma coisa ou outra.

— Adoraria ouvir, Mila.

Ela sai completamente de mim para voltar a sentar, gemendo alto, apertando os seios com força enquanto me fode. Mila conquista o próprio prazer. Já falei que é a cena mais linda de se ver?

Deixo-a comandar, em êxtase e perdida, e a puxo pelos cabelos para mais perto de mim. Com a outra mão, aperto sua bunda com força e a ajudo a meter quando enfraquece os movimentos.

— Fala para mim o que quer que eu faça com você hoje ainda.

— Eu gostaria que me fodesse até que a gente se cansasse.

— E depois? Diz.

Estoco com mais força, excitando-me com o som da sua voz inebriada de desejo.

— Depois queria experimentar uma coisa…

— O quê, Mila? Detalha para mim — sussurro, mordendo seu queixo antes de puxar seu corpo para mais perto de mim para chupar um seio que salta no meu rosto com seus movimentos.

— Queria sentir seu pau se apertando no meu cu, me fazendo gozar feito louca.

— Caralho, garota.

Tiro-a de cima de mim e a jogo com a barriga no colchão. Empino sua bunda e me enfio nela novamente, sentindo-a me esmagar enquanto geme alto.

— Tão fundo, Mila. — Espalho seu líquido no buraco que me chama e brinco com o polegar ali. — É aqui que me quer? Todo? Fodendo você até o talo?

— Sim.

Mantenho o dedo ali e com a outra mão esfrego seu clitóris, segurando o orgasmo que ameaça vir para esperar por ela. Não demora para Mila gozar para mim, apertando-me tanto que vou no mesmo segundo que ela, fodendo o buraco que aperta a ponta do meu dedo.

Mila desaba ao meu lado, os cabelos bagunçados, a calcinha ainda no corpo todo vermelho. Deliciosa *pra* caralho.

Tiro a camisinha e a coloco na ponta da cama para descartar depois.

Mila parece receosa logo em seguida. Deito-me ao seu lado e puxo-a para mim, sem me importar que estamos suados.

— Você vai ficar? — pergunto baixo para ela, que ergue os olhos transparentes para me olhar.

— Você vai estar aqui pela manhã?

— Vou. Eu prometo.

Capítulo 19



MILA CONNOR

Sabe aqueles filmes de *loop* temporal em que o personagem vive um mesmo dia várias e várias vezes? É assim que me sinto assim que acordo nua na cama de Anthony. O lugar ao meu lado está frio, indicando que o homem se levantou faz tempo. Meu coração se comprime no peito ao pensar que tudo vai acontecer de novo, depois de todo o desespero que me tomou com o descaso.

Afundo o rosto nas mãos com o choro preso na garganta, até que escuto passos se aproximando do quarto. Puxo o lençol rapidamente para me cobrir e tenho a melhor visão do mundo quando vejo Anthony com uma bandeja de café da manhã e um sorriso safado no rosto, apenas com uma *boxer* branca vestindo-o.

— Bom dia, dorminhoca.

— Bom… dia — falo, surpresa. Ele coloca a bandeja no meu colo, e me

arrumo na cama ao ver a variedade de coisas ali: panquecas com mel, frutas, sucos de dois sabores e uma taça de iogurte. — Você está aqui.

— Eu estou. Você parece surpresa que eu tenha cumprido minha promessa, Mila.

— Você quem preparou?

Ele acena com um sorriso aberto, como nunca vi, e se senta ao meu lado, observando-me com atenção e curiosidade. Quem é esse homem à minha frente? Quando passo vários segundos feito uma idiota olhando dele para a bandeja, Anthony pega um garfo e corta a panqueca, levando-o à minha boca.

Mastigo devagar, ainda chocada com o gesto tão… delicado vindo dele. O homem se aproxima e desliza a língua no canto da minha boca, tirando o mel restante ali.

— Eu nem escovei os dentes. Ai, meu Deus, nem penteei meus cabelos. Devo estar horrível… Nunca acordei na cama de ninguém antes.

Cubro-me de vergonha com o lençol branco, tampando meu rosto e corpo. Anthony solta uma risada, e sinto o peso da bandeja saindo do meu colo. As mãos me descobrem e vão para a minha nuca, os polegares alisando as minhas bochechas com um carinho que me espanta.

— Você é linda de qualquer jeito. Até mesmo depois de parecer que se envolveu em uma briga com uma leoa.

Solto uma risada e bato no seu peito, deixando o lençol cair. Seus olhos vão em direção aos meus seios pontudos, e não demora para os dedos descerem, deslizando de leve pelos mamilos, atiçando-me. Mordo os lábios de desejo ao me lembrar da noite de ontem.

Anthony é ainda melhor do que nos meus sonhos mais sacanas. Eu me senti desejada, poderosa, excitada no nível máximo, e ao mesmo tempo me senti subjugada, rendida aos seus encantos e às suas ordens. Quero mais dele, mais do seu corpo no meu, mais dos seus olhares, mais das suas palavras safadas no meu ouvido. Mais dele do que deveria querer.

— Não me olhe assim, Mila. Porque me faz querer ficar o dia inteiro com você aqui, mas preciso trabalhar.

Uma mão esmaga um seio meu com força, e me inclino para frente, encostando a testa no seu ombro. Mordo ali de leve quando roda o mamilo com o polegar e indicador.

— Fica… — peço com a voz rouca. Ele ergue meu rosto e me dá beijos lentos demais nos lábios.

— Não posso.

— E hoje à noite? Nós podemos jantar de novo… — Solto um suspiro frustrado, porque se pudesse passaria o dia todo com ele aqui, esquecendo o resto do mundo.

— Tenho uma videoconferência com investidores do Japão. — Anthony parece tão frustrado quanto eu. Estica o dedo e desfaz o biquinho que se forma nos meus lábios. — Come. Você também está atrasada.

Aumento o bico e como desanimada enquanto ele toma banho. Nem me animo de entrar lá, porque não daria tempo de fazer tudo o que imagino. Apenas belisco uma panqueca e visto a minha roupa antes de Anthony sair do banho. Com uma toalha secando os cabelos e outra presa na cintura, o homem à minha frente é o pecado em pessoa.

Quando ele se vira de costas para vestir a roupa, sorrio pequeno ao ver as marcas de unhas avermelhadas na pele bronzeada. Ao me ver sorrindo, Anthony arqueia uma sobrancelha sem entender.

Sento-me na cama e espero-o se vestir, observando o quão sexy ele é mesmo assim. Ainda que eu prefira vê-lo se despindo, não deixa de ser erótico observá-lo arrumar a manga da camisa social e a gravata com uma expressão concentrada.

— Que foi? Você está me desejando, senhorita Connor? — provoca, sorrindo safado.

— Desde o primeiro dia em que vi você, senhor.

Chamo-o com o dedo e Anthony se aproxima da cama. Fico de joelhos no colchão e puxo-o pela gravata, com a desculpa de arrumar o tecido ao redor do pescoço, mesmo que esteja perfeitamente no lugar.

— Por que agora só consigo te imaginar de joelhos na minha frente, com a boca aberta me chamando de senhor?

— Porque é como nós dois estaríamos se você não fosse tão ocupado — respondo com um sorriso fraco e dou um beijo de leve na sua boca.

Não quero pensar em consequências e nem no futuro, porque não sei se conseguiria lidar com alguém tão atarefado como Anthony para mais do que relações sexuais casuais. Muitos dos meus envolvimentos acabaram quando a minha carência falava mais alto e eu percebia que os caras não estavam na mesma sintonia que eu. Eu preferia sofrer sozinha a rastejar por alguém que claramente não me queria por perto. Além de todas as complicações normais de relacionamentos, ainda tenho o fator mídia como *plus* para fazer com que qualquer um desista de tentar.

Enquanto Anthony termina de se arrumar, lavo meu rosto e dou um jeito no meu cabelo antes de sairmos. Ele me faz entrar do carro para me deixar na frente do portão, mesmo que moremos lado a lado.

— Tenha um bom dia, senhorita Connor.

— Você também, senhor Davis. — Inclino-me para dar um selinho nele e saio do carro, com um sorriso no rosto ao entrar pelo portão.

A noite de ontem foi inesperada, devo admitir. Na verdade, os últimos dias todos foram. Não imaginei que Anthony fosse se desculpar comigo, muito menos de forma tão insistente com flores na minha casa, cartões, mensagens. Eu

me fiz de dura, porque a chateação foi grande. Só que nem preciso dizer que ela acabou assim que ele me propôs um jantar feito pelas próprias mãos. Não precisa de muito para me agradar, apesar do que todos parecem pensar. Apesar de ser isso o que é espalhado por aí pelas más línguas.

Entro em casa e demoro a achar minha família, todos reunidos no salão de jogos. Assim que entro, minha mãe me olha com um sorrisinho aberto, mas meu pai me olha com algo parecido com decepção.

— Você abandonou o celular, Mila? Deu para deixar seus pais preocupados com essa idade? — ele pergunta, jogando corrida com Nathan no videogame.

Minha mãe está sentada no chão pintando com as meninas e faz uma careta de leve para mim.

— Eu avisei que ia jantar fora, papai — defendo-me.

— Jantar fora não é o mesmo que dormir fora, Mila. É a segunda vez que nos deixa preocupados em menos de um mês.

— Desculpa, prometo que não vou fazer mais isso. Eu me esqueci — falo, sem conseguir ficar brava ou triste com a situação. — Vou tomar um banho, já volto.

Corro para meu quarto e me livro do cheiro de sexo que ainda está no meu corpo. Lavo os cabelos e escovo os dentes, arrumando-me para ir para a Parsons.

Hoje vai ter várias palestras com profissionais do mundo da moda, e estou superempolgada, por isso não vou à empresa. Estou prendendo o cabelo em um rabo de cavalo porque não tenho tempo para secar. Escuto vozes alteradas na entrada da casa e franzo a testa, imaginando que deve ser Nathan e Melissa mais uma vez brigando. Calço os sapatos e arregalo os olhos quando percebo que a voz é de papai. Ele nunca se altera.

Corro em direção à entrada para ver o que é e dou de cara com Anthony ali, segurando meu celular nas mãos. Um que nem me lembrei que tinha deixado no seu carro.

— Anthony… O que está acontecendo aqui? Por que você está gritando, pai?

Eu me aproximo dos dois e pego o aparelho que Anthony me estende.

— Então era por isso que você tinha se esquecido de avisar. Você perdeu o juízo, Mila? — Arregalo os olhos para o meu pai, porque é a primeira vez que ele parece tão bravo assim. — Ele é seu chefe! Você é uma garota ainda. Como…

Ele passa as mãos pelos fios, parecendo desesperado. Respira fundo e olha de um jeito ameaçador para meu chefe, que trava o maxilar e não abaixa a cabeça. Eu não queria me meter nessa briga de galos, mas tenho medo de o ciumento ao meu lado estragar as coisas.

— Pai! O que está acontecendo com o senhor? Eu tenho vinte anos, não

sou mais a criança que parece pensar que sou.

— O problema não é você, princesa. Você é uma menina, ele é muito mais velho e…

— Não, pai. Por favor, você não… Você me criou para fazer as minhas próprias escolhas, para saber cuidar da minha vida. Eu já deixei você interferir em muita coisa com seu jeitinho, mas não vou admitir que se meta nisso!

Minha mãe aparece assustada ali, sem entender o que está acontecendo. Ela olha para meu pai e aperta seu ombro, questionando com o olhar.

— É isso o que você acha que eu faço? Interfiro na sua vida? — Ele parece chocado com minha fala, e eu suspiro. — Cuido de você para que não te falte nada, para que você não sofra.

— Mas o mundo não é perfeito, pai! Você cuida, mas o resto do mundo não te acompanha. Eu preciso quebrar a cara, sofrer se tiver que sofrer. Não estou fazendo nada de errado… Foi a minha escolha! Anthony não me forçou a nada, se é isso o que está pensando.

— Jason… O que você falou? — minha mãe pergunta ao meu lado, e ele nega com a cabeça, saindo dali sem dizer nada.

Prendo o choro enquanto minha mãe me dá um beijo no rosto e vai atrás dele. Nunca briguei com meus pais antes, não mais do que uma revolta adolescente de umas horas pelo menos. Nunca tive coragem de dizer que às

vezes a sua proteção me prejudicava, que as suas interferências em todos os âmbitos da minha vida me deixavam louca.

Viro-me para Anthony e seco uma lágrima que desce.

— Me desculpa por isso. Não é pessoal com você, é que… Ele é preocupado demais.

Anthony está sério, pensativo.

— Ele está certo. Eu não devia ter me aproximado de você, não quando sou tão mais velho, não quando sou seu chefe — fala baixo, passando a mãos pelos fios de cabelo.

— Você também não, Anthony. Por que vocês me tratam como se eu fosse uma pessoa sem consciência que não tivesse escolha? Eu quis me envolver com você! — Aproximo-me e puxo seu paletó, encostando minha testa no seu queixo. — Quero continuar me envolvendo.

— Ei, calma. Quis dizer que não devia, mas não consegui resistir a você. Contrariando tudo o que sempre achei, você invadiu minha vida, senhorita Connor.

Sorrio fraco pelas palavras e faço um bico quando ele beija minha bochecha para se despedir cedo demais. Quando sai, já com o celular no ouvido, meu coração murcha um pouquinho. Primeiro pela situação chata com o meu pai. Segundo porque parece que independentemente de como eu e Anthony

estejamos, ele sempre parece me dar as costas.

Capítulo 20



MILA CONNOR

A cada dia que o desfile de inverno se aproxima, mais a empresa fica surtada com a pressão e cobrança de Anthony. Ele está estressado no limite, mas tem se esforçado para não descontar em ninguém. Admiro muito o homem focado que Anthony é, sempre abrindo mão do próprio lazer para fazer seu trabalho com perfeição. Mesmo que isso na maioria das vezes seja prejudicial para a relação gostosa e sem rótulos que estamos construindo. Saímos poucas vezes nas últimas duas semanas, nossos encontros são rápidos e logo interrompidos por alguma ligação ou por algo urgente para fazer. Mesmo com pesar nos olhos e com o suspiro de quem não queria ir, meu CEO coloca sua capa e vai salvar o mundo.

Estou animada hoje, porque finalmente teremos um jantar e passaremos a noite inteira juntos ao invés de darmos rapidinhas entre um compromisso e

outro. Estamos tentando ser discretos na empresa para evitar o falatório, mas fica cada dia mais difícil esconder nossos olhares sempre que chega. Vejo seu olhar me buscando enquanto discute alguma coisa com um dos funcionários. O sorriso discreto que dá em alguma reunião ou a piscadinha safada quando ninguém está olhando.

Aproveito que tem mais coisas para entregar para ele e vou até sua sala, com o olhar atento de Kate em mim. Sei que ela está desconfiada e tenho medo da sua reação quando ficar sabendo, afinal de contas, ele é seu ex-marido. Não quero perdê-la como supervisora e nem como amiga, que foi o que nos tornamos desde que comecei a trabalhar diretamente com ela.

Controlo-me para não correr e cumprimento algumas pessoas com um aceno e com um sorriso no caminho, porque esse lugar se transformou em um excelente ambiente depois que tudo se ajeitou. Bato na porta e demora para Anthony autorizar minha entrada. Abro-a devagar e vejo que está no telefone. Entro e tranco a porta, esperando-o sentada na cadeira, comportada.

Seu olhar desliza pelo meu corpo enquanto segue com a ligação, falando com raiva da pessoa do outro lado da linha.

— Senhor Davis, por acaso está estressado? — pergunto quando encerra a ligação e se aproxima de mim.

— Sempre estou. Ainda mais agora que te vejo menos, porque você abandonou seu chefe — brinca e me puxa pela nuca para me dar um beijo leve.

— Que bom que vou te socorrer hoje à noite então. Vai ter direito à massagem e tudo o que você quiser — provoco sedutora, e ele solta um resmungo.

— A gente tinha marcado o jantar para hoje? — Encosta sua testa na minha, ainda segurando minha nuca, e me olha com pesar. — Não vou poder, Mila. Tenho uma reunião hoje à noite e outra amanhã depois do almoço. Vou precisar me hospedar no hotel no outro estado.

— Mas a gente estava esperando esse momento há semanas, Anthony — falo baixinho, chateada.

Perdi as contas do quão ansiosa fiquei para que esse dia finalmente chegasse, em que sua agenda ficaria um pouco livre para me encaixar. Sinto-me preterida sempre, mesmo que não seja culpa dele exatamente. Sei que o homem quer abraçar o mundo com as mãos e pega mais responsabilidades do que deveria, mas é impossível não me sentir rejeitada. Ainda assim, fico dividida e receosa em dizer isso, porque apesar de tudo, nossa relação não é séria. Estamos nos conhecendo e aproveitando a companhia um do outro.

— Me desculpa, Mila. Não posso remarcar. Mas prometo que te compenso em outro momento — ele diz, e forço um sorriso para disfarçar o quanto isso me chateia.

— Então você também não vai conseguir ir o almoço lá em casa? — Ele franze a testa, confuso. — Falamos disso essa semana, Anthony. Para

tranquilizar meu pai. Ele ainda não está falando comigo direito.

— Não vou poder, me desculpa. Quando eu voltar, podemos marcar alguma coisa na minha casa. Faço questão de cozinhar para eles.

Suspiro alto, e ele beija a minha testa com carinho, o que sempre costuma me acalmar, mas hoje nem isso é o suficiente para tirar a angústia e a tristeza do meu peito.

Quando volto para a minha mesa para deixá-lo trabalhar, Kate me cutuca com a ponta do dedo e me olha com empatia, como se soubesse o que estou passando.

— Você é transparente, Mila — diz baixinho. — Quer me contar o que está acontecendo? Acho que posso te entender mais do que você imagina.

— Eu…

Tenho vontade de desabafar com ela, contar tudo o que me aflige desde que comecei a me envolver com Anthony, mas não aqui.

— Não posso contar aqui.

— Que tal um barzinho hoje? É bem discreto, com pouquíssimos clientes — fala, e eu aceno em concordância.

Já que não terei Anthony hoje, pelo menos vou ter um pouco de distração. Acerto os detalhes e Kate me passa o endereço. Aproveito para chamar Hailey também, minha amiga sumida que está metida em algum rolo, porque está mais

ocupada do que nunca.

O dia passa voando. Quando chega a hora de ir embora, confirmo com Kate para nos encontrarmos mais tarde e vou até a sala de Anthony. Vendo que está concentrado em uma videoconferência, saio sem me despedir, com o aperto do peito piorando.

Vou de táxi até minha casa e respondo a mensagem de Hay confirmando a saída de hoje. Vejo que a mansão está silenciosa, se não por um barulho na sala de televisão. Um jogo passa na tela enorme que meu pai faz questão de ter, e me aproximo devagar.

Ele ergue o olhar o suficiente para me notar, mas volta a focar ali. Estou triste pelo jeito que senhor Jason anda me tratando. Sei que ainda está chateado com tudo, mesmo dizendo que não. Deixo minha bolsa na ponta do sofá e me aproximo dele, receosa.

— Oi, papai. Posso conversar com o senhor um pouquinho?

Ele acena e pausa o jogo de beisebol, olhando para mim. Eu amo tanto esse homem à minha frente, mais do que tudo no mundo. Ele lutou por mim mesmo depois de ter passado pelo maior sofrimento da sua vida. Lutou para que ninguém se aproximasse de nós se não fosse ficar, para não me magoar. Meu pai garantiu que eu jamais conhecesse o sofrimento na vida, e sou muito grata a tudo o que fez e segue fazendo.

— Eu queria pedir desculpas — sussurro, com o rosto baixo. — Não devia

ter me exaltado daquele jeito, mas… Às vezes, me sinto como se eu fosse só a filha do Jason Connor e da E.K. Brendon. Como se minha existência e tudo o que faço fosse baseado em vocês, nas escolhas e nas ajudas dos dois.

A expressão dura suaviza rapidamente com a minha fala. Ele segura minha mão com carinho, e eu me aconchego em seu peito.

— Amo minha família mais do que tudo, mas quero conquistar minhas coisas. Quero errar, acertar. Quero tentar… Não quero deixar de fazer nada porque posso me ferir. Você me entende, pai? Não me odeie, porque é a pessoa mais importante do mundo para mim. — Choro apertada a ele, que acaricia meu cabelo.

— Nem brinca com isso, princesa. Nunca vou odiar você, mesmo que preencha minha cabeça de cabelos brancos. Você é meu mundo todo, a minha princesinha. Só não aceitei que cresceu tão rápido. Um dia desses, era a minha menina, que corria para mim sempre que se machucava, sempre que precisava de ajuda. Só preciso me acostumar com a ideia de que agora você consegue se cuidar sozinha.

Eu choro mais alto e o abraço com mais força, deitando minha cabeça no seu ombro.

— Você está feliz? — Meu pai se afasta e seca as lágrimas dos meus olhos. Aceno devagarinho, e ele sorri. — Então por mim tudo bem. Isso é o que importa. Não vou mentir e dizer que me agrado com a ideia de você se

relacionando com um homem muito mais velho. Eu não gosto nem de pensar nisso. Tive vários pesadelos durante esses dias.

Solto uma risadinha enquanto ele limpa meu rosto. Meu ciumento exagerado.

— Ele respeita você? Suas vontades?

— Sim, ele é incrível. Quando tem tempo… — Faço uma careta rápida e fungo novamente. — Fui eu quem insistiu nessa relação. Anthony queria me proteger do falatório, da mídia, de tudo o que implica.

O senhor Jason acena satisfeito e beija minha testa. Quando me abraça novamente, sinto que uma parte do meu mundo voltou para o lugar.

***

À noite, eu me encontro com as meninas no barzinho que Kate me mandou. Ficamos de nos encontrar aqui. Chego depois de Kate, após ver uma mensagem sua dizendo a localização exata no local. Ando até lá, vendo que têm pouquíssimas pessoas aqui, de fato. Agradeço por isso. Eu a vejo sentada, mais linda do que jamais a vi, com os cabelos ruivos soltos pela primeira vez e um vestido solto lilás. Acena para mim, sorridente, e termino a distância até ela. Cumprimento-a com um beijinho na bochecha, e Kate se afasta para que eu me

sente ao seu lado no banco estofado.

— Que lugar bacana!

— Jura? Fiquei com medo de você achar simples, você sabe… — ela fala e dá um gole pelo canudo na sua bebida colorida.

— Que nada, é maravilhoso.

Nós observamos o movimento das pessoas dançando e ficamos conversando por um tempo, até ela ter coragem de chegar no assunto que nos trouxe aqui.

— Mila, eu sei que você está… envolvida com o Anthony — fala de rompante, e arregalo os olhos, quase me engasgando com o meu refrigerante. — Desculpa, não quis te sufocar.

— Como você…

Kate dá de ombros e sorri abertamente para mim, tocando meu braço para me acalmar.

— Eu fui casada com ele por muito tempo. E você, minha amiga, não é nada discreta. Seus olhos falam muito.

Acho que coro até a raiz do cabelo, e ela ri.

— E isso não… chateia você? — pergunto insegura.

— Claro que não! Sou sua ex-mulher, não sou esposa. Quero a felicidade

dele mesmo que não tenhamos dado certo. Ele é meu amigo, afinal de contas. Um teimoso, cabeça-dura e *workaholic*, mas meu amigo.

Aceno devagar, admirada pela maturidade, porque eu não sei se teria, honestamente. Gostaria de chegar nesse nível de evolução, de ser amiga da pessoa com quem meu ex está saindo. Se bem que, se for parar para pensar nisso, eu também não devia ser sua amiga, porque é a ex-mulher do homem que estou saindo. Tudo o que estou vivendo com Anthony hoje, provavelmente Kate já viveu muitas vezes.

Sinto um amargo na boca ao pensar nisso, mas não consigo deixar de gostar da mulher ao meu lado. Ela não foi nada além de simpática e amiga comigo desde que cheguei à empresa, não preciso criar uma rivalidade com ela por causa de homem.

— Só me preocupo com você… — Kate aperta meus ombros dessa vez, os olhos castanhos me encarando com sincera preocupação. — Já te falei que Anthony é uma boa pessoa, mas ele tem a tendência a priorizar as coisas erradas. Você sabe o motivo do nosso casamento ter acabado, não sabe?

Aceno devagar, o coração apertado no peito.

— Não sei o nível da relação de vocês, mas peço para se cuidar. Como mulher, sei o que você passou. E sei que o peso vai cair muito mais em você se isso der errado. Anthony vive por aquela empresa, Mila. E não vejo isso mudando tão cedo.

Aperto os lábios com força e fico calada, com a mulher me consolando pelo olhar.

— Eu me apaixonei por ele — confesso para ela o que só tinha confessado para mim mesma no silêncio do meu quarto. — Não queria, mas aconteceu.

— Oh, minha linda…

Kate me abraça de lado, e acho o toque reconfortante. Só me afasto quando vejo Hailey chegando, porque não quero estragar a noite que era para ser de diversão com isso.

— Desculpa o atraso, tive que despistar os brutamontes que me seguem. Olá, eu sou Hailey. — Ela estica a mão para Kate, que a cumprimenta com a mesma simpatia de sempre. Quando me olha, sei que Hay sabe o que está acontecendo. — Está tudo bem, Mila? Sua carinha não está das melhores. Estou sendo uma péssima amiga, não estou? Me conta.

— Não, não. Hoje é dia de falar sobre coisas legais, de dançar. Preciso aproveitar a tranquilidade do lugar. Se saí de casa com o risco de ser clicada por paparazzi, vamos nos divertir.

— É isso aí! — Hailey se anima logo. — Mas você vai me contar tudo depois.

Aceno em concordância e puxo Kate também para que nós dancemos na pista praticamente vazia do barzinho.

A noite é das mulheres, mas a saudade de Anthony está aqui, escondida em um canto do meu coração. Por enquanto, ela vai ficar bem aqui.

Capítulo 21



MILA CONNOR

Sentada no banco perto da janela, perdi as contas de quantos emboços de sapatos fiz na última hora. Costumo desenhar muito quando estou angustiada, triste ou ansiosa demais. Ultimamente, venho sentindo uma mistura de tudo isso. Minha mente está uma montanha-russa de sentimentos, mas o que mais me domina é a vontade insaciável que tenho de Anthony, que nunca é suprida graças ao pouco tempo que temos.

Tiro o fone de um dos ouvidos quando escuto um barulho. Olho para dentro do quarto, mas descubro que vem de fora da janela. Escuto outra vez e estico meu corpo para ver lá fora, arregalando os olhos quando vejo Anthony ali, com um buquê de flores na mão, tacando pedra no meu vidro. Afasto os desenhos e abro a janela. Meu quarto não é muito alto, então ele consegue subir com facilidade após me entregar as tulipas.

— O que você está fazendo aqui, criatura? Como conseguiu entrar aqui?

— Eu invadi sua casa — fala com naturalidade. — Mentira. Tentei invadir a sua casa, porque aqui é uma fortaleza, mas sua mãe me descobriu e abriu o portão para mim.

— E por que você não bateu como uma pessoa normal? — Rio alto, feliz pela presença inesperada.

— Porque aí não seria uma surpresa completa, linda.

Ele tira as flores da minha mão e coloca-as no banco onde eu estava sentada. Seu corpo grande me empurra em direção à cama, e gemo na sua boca quando me aperta com força, como se eu fosse fugir dele.

— Eu estava morrendo de saudade de você. A semana foi fodida e não tive meu pequeno momento de paz com a sua presença — fala após se afastar, beijando e mordendo meu queixo.

Anthony se senta na minha cama, e é tão esquisito tê-lo aqui. E tão bom ao mesmo tempo. Puxa-me para seu colo e volta a me beijar do jeito que sempre me tira o ar, que me faz esquecer qualquer sentimento angustiante que esteja carregando no peito.

— Você não tinha trabalho hoje? — pergunto, encostando minha testa na sua.

— Tinha. Mas fiz tudo mais rápido do que pensei para ver você.

Vejo o cansaço no seu rosto, que parece não sumir nunca. Acaricio a pele e sorrio radiante por ele ter feito um esforço para ficar comigo. Abraço-o pelo pescoço e beijo sua face várias vezes de alegria.

— Se soubesse que ganharia tantos beijos assim, tinha invadido sua casa antes. — O sorrisinho que abre faz meu coração errar uma batida, completamente rendido. — É bom estar aqui no seu quarto com você sóbria dessa vez.

Afasto-me, sem entender.

— *"Anthony, por que você não me fode?"* — fala, imitando meu tom de voz, e arregalo os olhos. — Você é a bêbada mais tarada que já vi na vida, Mila.

— Você que me deixou aqui? Por isso não me lembrava de ter vindo. Meu Deus, que vergonha! — Escondo meu rosto no seu pescoço, e o safado ri de mim. — Vai ficar para o jantar?

— Vou. E depois tenho uma surpresa para você.

Ele puxa meu rosto e roça a barba no meu pescoço, incitando-me, fazendo-me desejar mais dele. Estou desesperada para uma noite inteira ao seu lado, sem porcaria de celular interrompendo, sem imprevisto, sem preocupação. Esfrego-me nele e o sinto duro embaixo de mim.

— Se não parar de fazer isso, vou comer você aqui, como um adolescente, com seus pais bem ali no outro cômodo. Não tenho idade para isso mais, Mila.

— Me come… — provoco, segurando seu rosto e me esfregando mais.

Meu corpo se arrepia quando Anthony me olha daquele jeito que me faz perder as estribeiras, os olhos que passei a conhecer melhor dizendo tudo o que deseja fazer comigo.

— Se eu te fizer gozar, você promete ficar quietinha na hora do jantar? Não posso ficar com o pau duro na frente do seu pai, Mila. Ele já quer me matar…

Solto uma risada baixa, que morre quando ergue meu vestido de leve, tocando o tecido da calcinha com a ponta do dedo. Anthony só a afasta para o lado e geme baixo quando me sente excitada e molhada para ele.

— Quietinha — repreende quando gemo mais alto. — Geme aqui no meu ouvido ou vou ser obrigado a calar essa boquinha de outro jeito.

Aproximo meu rosto da sua orelha e me ergo o suficiente para Anthony acariciar meu clitóris com a ponta dos dedos até eu gozar. Acaba rápido demais, porque estou necessitada dele.

— Tão rapidinha, minha linda.

Coloca a calcinha de volta no lugar e aproxima os dedos da minha boca, espalhando meu líquido nos meus lábios, selvagem, devasso. Anthony chupa a carne e limpa toda minha excitação dali.

— Prefiro quando você vem pegar direto da fonte — provoco, e ele ri,

dando um tapa na minha bunda.

— Vamos jantar, sua gostosa.

Saio de cima dele com o sorriso no rosto e gargalho quando ele se esgueira pelo corredor, fingindo se esconder do meu pai. Sei que Anthony não tem medo do senhor Jason, mas ele ama me provocar que se sente um adolescente sempre que se aproxima dele. Quando nós vamos em direção à sala de jantar, Anthony segura na minha mão, e eu sorrio ainda mais. Minha mãe é quem nos encontra primeiro, com um sorriso de orelha a orelha como o meu, provavelmente por me ver tão feliz.

— Anthony, querido, você poderia ter usado a porta para entrar — brinca, e ele gargalha, leve como não o vejo há muito tempo.

Gosto de vê-lo assim, alegre, vestido informalmente porque isso sempre parece deixá-lo menos… complicado. Como se, com o terno, saísse todo o peso do trabalho, toda a carga que é pesada demais para ele carregar sozinho.

O olhar do meu pai bate nas nossas mãos unidas assim que entramos na sala de jantar. As crianças se animam ao ver Anthony, porque a paciência dele é infinita com as perguntas curiosas de todos. Nem Collie, que costuma ser mais tímida com gente de fora, deixa o coitado respirar.

— Boa noite — ele diz com a voz grossa e gostosa, principalmente no meu pé do ouvido. Estica a mão para o meu pai, que se levanta para ficar da mesma altura que o homem.

— Que bom que decidiu aparecer dessa vez, Anthony — meu pai fala, e arregalo os olhos para que ele pare de implicância.

Cansei de o homem me cobrar que Anthony viesse para um almoço ou jantar para que ele “sondasse o inimigo”. Palavras dele, não minhas. Mesmo contra minha vontade, mesmo isso não sendo um namoro, Anthony fez questão de vir quando comentei com ele. Acontece que a tal refeição foi desmarcada muitas vezes pela agenda lotada do meu CEO. Meu pai achou isso o maior descaso e foi mais um motivo para ele implicar com Anthony. Apesar da carranca que está no seu rosto agora, sei que só faz isso para me proteger, para mostrar que não estou sozinha.

Anthony se senta ao meu lado, e estou tensa, porque minha família é imprevisível demais.

— O que aconteceu com o que conversamos sobre você não querer envolvimento com ninguém, Anthony? — meu pai pergunta, direto, após nos servimos.

— Pai, pelo amor de Deus.

Escondo o rosto nas mãos, morta de vergonha. Por que concordei com esse absurdo? Não sou obrigada a passar por isso. Não sou mesmo! Só consigo me lembrar da fala de Hailey dizendo que queria estar aqui nesse momento. Queria que ela estivesse, talvez assim eu teria a quem recorrer. Quem quero enganar? Minha melhor amiga provavelmente estaria me tripudiando agora.

— Mila aconteceu, senhor.

Minha mãe sorri para mim e pisca, contente com a resposta que faz meu rosto esquentar.

— Não foi planejado. Eu não queria me envolver com ela, por vários motivos que o senhor sabe, mas… — Olho para ele de lado, abandonando o garfo para olhá-lo mais de perto. Tão lindo… Diz coisas tão sinceras e diretas que seria impossível que eu não me apaixonasse por ele. Como resistir? — Ela tomou tudo de mim sem meu consentimento.

— Vocês se beijam? — Melissa pergunta de boca cheia, e Nathan ri alto do meu lado.

— É claro que beija, tampinha. Eles são namorados! — ele provoca a minha irmã, fazendo o gesto de beijos com os dedos enquanto faz um biquinho.

— Eu não perguntei para você!

— Meninos! — meu pai briga, olhando para os dois com a expressão séria que só ele tem para os calar. Pai amoroso, mas rígido também.

Anthony ri baixinho ao meu lado, parecendo se divertir horrores com a dinâmica louca da minha família. Eu não pedi para nascer aqui, Deus. Por favor, me ajuda.

— Você vai casar que nem uma princesa, Mila? — Collie questiona, as bochechas rosadas. Minha florzinha delicada não poderia ter escolhido pergunta

pior para o momento.

— Meu amor, está muito… cedo para isso, sim?

Ela acena com um biquinho de tristeza, e meus olhos procuram pelos de Anthony, vendo que o homem me encara com curiosidade.

— Não deixe que eles te constranjam, querido. Coma, fique à vontade. — Minha querida mãe me salva, voltando a conversa para lugares seguros.

Ela questiona sobre a empresa, sobre a família de Anthony e seus hobbies fora do trabalho. Ele não tem muitos, pelo menos não agora. Passo bons minutos apenas o ouvindo falar sobre coisas que fazia quando mais novo, quando era apenas o designer da Davi's. Percebo a saudade no seu tom de voz e nas suas expressões quando fala da família. Até meu pai interage com ele além das perguntas disfarçadas de ameaças.

Com a ajuda divina, o jantar termina sem maiores constrangimentos.

— Vou deixar Anthony na casa dele. Volto mais tarde. Ou amanhã.

Meu pai nem disfarça a cara feia e passa as mãos nos cabelos escuros, com poucos fios brancos no topete e nas laterais.

Anthony se despede das crianças e da minha mãe. Senhor Connor estica a mão para ele em um aperto firme.

— Minha filha é meu bem mais precioso, faz parte de mim. Cuide dela como se fizesse parte de você também — fala, e faço um biquinho antes de

abraçá-lo.

— Oh, papai. Não seja ciumento.

Ele me abraça de volta com força, como se eu estivesse me despedindo para sempre e não fosse só ali na casa ao lado. Beijo sua bochecha, depois a da mamãe e das crianças, antes de sair com Anthony.

Ele pega minha mão novamente e me dá um beijinho delicado ali.

— Sua família é um máximo — ele fala rindo. — Agora sei por que você é tão maluquinha assim.

Gargalho, e Anthony me puxa para que eu me aconchegue em seu peito enquanto andamos até sua mansão. Depois que nos conhecemos melhor, o silêncio deixou de ser constrangedor e passou a ser cheio de significados, acolhedor até.

Surpreendo-me quando Anthony me puxa em direção ao deck ao invés de para dentro da casa.

— Você fica sentadinha bem aí que eu já volto.

— Ok. O que está aprontando? — questiono com os olhos semicerrados para Anthony, que só ri e se afasta para a casa.

Ele demora poucos minutos para voltar e vejo-o posicionar uma coberta nas tábuas do deck. Ao seu lado, está uma cesta. Quando arruma o pano, ele me faz levantar da beira e me sentar ali.

— Cheio de surpresas, senhor Davis.

— Você viu? Nem eu sabia que existia um lado romântico aqui em mim. — Sorrio abertamente pela frase, feliz de estar descobrindo esse lado junto com ele. — Sei que está cheia agora, mas amanhã vai ser útil.

— Amanhã? Está pensando em me manter refém aqui até amanhã? — pergunto com o sorriso bobo de sempre só de pensar em passar mais do que algumas poucas horinhas ao seu lado.

— Ah, eu vou…

Ele se desfaz dos sapatos e puxa outra coberta em cima das pernas, chamando-me para me enfiar ali também. Estamos em uma época relativamente quente, mas a água do lago ao nosso redor gela a noite.

Deito-me ao seu lado, e Anthony acaricia meus braços gelados. Ele deita também e me puxa para seu peito. Olho para as estrelas acima de nós e penso que não poderia existir momento mais perfeito do que esse. Eu, ele e o céu lindo da noite.

— Sabe o que estava pensando? Em duas coisas, na verdade — falo baixinho depois de um tempo apenas contemplando a escuridão.

— Hum?

— Nós podíamos… fazer uma viagem para visitar sua família. Você me disse que tem tempo que não os vê, pode matar a saudade. Aproveita e descansa

um pouco e passa mais um tempo comigo — falo baixinho, e Anthony fica em silêncio. — Ou você pode ir sozinho.

— É uma boa ideia. Mas não posso largar a empresa assim, do nada.

— Tenta, Anthony. Três dias só. Um dia que seja — insisto, porque sei que faria bem para ele.

— Está bem. Vou encaixar na minha agenda.

Sorrio abertamente por ter conseguido. Venho pensando nisso há algum tempo, mas hoje, com sua expressão saudosa, tive coragem de propor a ideia. Mesmo que ele não se sinta confortável em me apresentar à sua família, Anthony indo já está ótimo para mim.

— E a outra coisa?

— O Natal é a minha época favorita do ano. Pensei se não rolaria de fazer uma festa beneficente na empresa. Todo mundo trabalha feito louco, principalmente nessa época, com o desfile de inverno chegando. Seria um presente legal para todo mundo. Poderia fazer sorteios de viagens, de passeios, de eletrônicos. — Eu me empolgo, tagarelando sem parar, e Anthony ri.

— É uma ótima ideia. Não tenho tempo de organizar, mas posso pensar em uma equipe para isso — concorda, e sorrio de alegria. — Você é cheia das boas ideias, senhorita Connor.

— Você não viu nada…

Ergo meus olhos e encontro os seus me encarando do jeito bonito que tenho certeza de que vejo muito mais do que ele me diz.

Anthony está apaixonado por mim, ele só não se deu conta disso ainda.

— Para provar meu ponto…

Eu me sento e desço uma alça do vestido, fazendo-o se erguer para se sentar também.

— Você vai ficar com frio — diz com a voz ainda mais grave.

— Estou contando com você para me esquentar…

Livro-me de todas as peças de roupa e as deixo de lado.

— Você parece um anjo.

Mordo o lábio e o incito a tirar suas roupas também. Quando fica completamente nu, toco as estrelas na sua costela com carinhos, acompanhando o caminho delas em direção ao seu pau.

— Você tem noção de que dá para ver tudo do seu deck, não é? — pergunta baixo, e aceno com um sorriso safado.

— Eu gosto do perigo.

Anthony me olha como um predador antes de me deixar na coberta e montar em mim.

— Você me enganou com essa carinha de inocente, Mila. Você é uma

safada.

— Sou? E o que vai fazer com essa informação?

Anthony me beija bruto e intenso como só ele me beijou até hoje em toda minha vida. Perco o ar e os sentidos.

— Hoje quero experimentar você sem nada — digo baixinho contra sua boca. — Quero sentir seu pau em mim.

Anthony respira com dificuldade na minha boca. Sinto o aperto gostoso e forte no meu quadril.

— Tem certeza? — Aceno devagar, e ele guia o membro para dentro de mim de uma vez.

Aperto suas costas e rodeio sua cintura com as pernas, pedindo mais. As estocadas vêm fundas, doloridas e intensas. Não falo nada dessa vez, nem ele.

Somos apenas nós, o silêncio e as estrelas.

Capítulo 22



ANTHONY DAVIS

Assisto à apresentação de Kate sobre a nova coleção, desconcentrado com a presença de Mila na sala de reuniões. Linda, delicada e sexy, a garota morde a tampa da caneta de forma distraída, olhando para o painel que Kate apresenta com deslumbre no olhar.

Na ponta da mesa, a única pessoa que me vê olhando para Mila ao invés de para o que é apresentado é minha ex-mulher. Um vislumbre de um sorriso aparece no rosto dela quando tento com muita força me concentrar nas suas palavras.

— Mila… — Kate fala, olhando para a garota, que arregala os olhos de susto. — O que acha de apresentar o próximo item? Você trabalhou nele comigo. Acho que o senhor Davis iria apreciar a sua apresentação. Sabe, faz parte do seu estágio atuar de forma mais ativa aqui na empresa.

— E-Eu? Mas não me preparei — ela gagueja, e o rosto atinge tons de rosa pela vergonha. — Pode continuar, Kate. Não me sinto… segura.

— Não foi o que vi durante todo o tempo em que está aqui conosco. Vamos, não seja tímida.

Ela sorri para mim abertamente, e sei que a mulher sabe muito mais do que eu contei. Mila se levanta, perfeita e carismática, atraindo a atenção de todos para ela imediatamente. Principalmente a minha.

Eu me arrumo na cadeira, ajeito os óculos no rosto e a assisto se aproximar do painel, tímida e tentadora ao morder o lábio.

— Me desculpem se sair um desastre, mas não me preparei mesmo. — Com os dedos trêmulos, ela aperta o controle para mudar de tela no painel. — Eu acompanho a Isabelle Lavigne desde a criação da sua agência, sempre me inspirei na mensagem que ela passava sobre a moda porque era exatamente o que eu sentia e foi o que me fez escolher meu curso. Para ela, a moda é muito mais do que só roupa, e provavelmente foi por isso que aceitou agenciar a Davi’s porque vai ao encontro do que a empresa defende sobre a roupa, o sapato e o perfume ser muito mais do que mero consumismo, e sim a forma de expressão. Eu, por exemplo, sou conhecida pela mídia como a princesinha da moda. Muitas pessoas imitam meu vestuário achando que crio tendências, mas não poderiam estar mais enganadas. Eu uso o que me faz sentir bem no dia, de acordo com meu humor, com meu estado de espírito, com a forma como vejo o mundo em

determinado dia.

— Como você está vendo o mundo hoje, senhorita Connor? — pergunto, apontando para sua roupa vermelha, mas delicada.

Mila parece surpresa com a minha pergunta, pois me encara boquiaberta e pisca várias vezes.

— Hoje? Apaixonada, talvez… — Arqueio a sobrancelha para ela, que agita o controle do painel na sua mão e solta um pigarro. — Voltando, por isso a Kate planejou lindamente a próxima coleção de inverno com a intenção de resgatar isso. Nada de modelos de roupas em que só o magro pode usar, porque a mídia diz isso. Serão elegantes, refinados e vão dizer muito sobre como a pessoa se sente ao usá-los. Para todos os públicos.

Ela vai mostrando várias peças no painel, muito mais calma do que começou. Mila tem um talento nato para falar em público e provavelmente nem tem noção disso.

Não desvio meus olhos dela enquanto palestra, mas meu cérebro para de processar o que diz em certo momento, concentrado no mover dos seus lábios cheios, nos olhos brilhantes enquanto fala do que ama com tanta paixão.

Era isso o que faltava para a empresa: paixão. Alguém empolgado o suficiente para me lembrar do motivo por que foi criada. Alguém que me ensinasse o que é a paixão.

Neste momento, com Mila falando à minha frente, eu não poderia estar mais apaixonado.

***

Concentrada na tela do Kindle à minha frente, largada no sofá do meu escritório, Mila nunca pareceu tão à vontade na minha casa. Ergo os olhos para apreciá-la, os fones nos ouvidos, o rosto se moldando de acordo com as coisas que lê na tela. Salvo as informações no sistema e me levanto, indo até ela. Puxo sua cabeça e a coloco no meu colo, acariciando os fios de cabelos bagunçados.

— Você está concentrada nesse aparelho há bons minutos, estou com ciúmes — falo após tirar um dos fones do seu ouvido.

— Você me troca pelo trabalho, eu te troco pelo Marcel. — Abre um sorriso travesso, e me abaixo para beijar seus lábios.

— Então não vou te falar a surpresa que tenho. Só ia te contar mais perto, mas não resisti.

Mila se levanta rapidamente e fica de joelhos no sofá, de frente para mim, abandonando o Kindle no outro assento. Rio dos olhos pidões e a puxo para meu colo.

— Vai, me conta!

— Um beijo por um segredo. — Ela me dá um selinho rápido, impaciente, e sacudo a cabeça. — Você pode fazer melhor que isso, Mila.

A garota afoita revira os olhos e esmaga o corpo contra o meu, com a boca ansiosa me beijando rapidamente para saber da surpresa. Curiosa.

— Consegui três dias para irmos ver minha família no dia de ação de graça, logo depois da festa da empresa.

O grito que Mila dá me faz sorrir, porque eu sabia exatamente qual seria a sua reação à notícia. Aliso suas costas e beijo seu pescoço, enquanto ela ainda se agita no meu colo com um sorriso de orelha a orelha no rosto.

De repente, ela fica séria, com os olhos arregalados.

— Será que eles vão gostar de mim?

— Eles vão te amar. Preciso te alertar sobre a minha irmã. Bonnie fala demais e provavelmente vai surtar sobre você dar sobrinhos para ela — aviso rindo, e Mila morde os lábios de nervosismo.

Ela geme no meu colo quando meu telefone toca em cima da mesa, e eu mesmo solto um resmungo antes de colocá-la no assento do sofá para atender.

Pego o aparelho e arqueio a sobrancelha com o timing perfeito. A foto de Bonnie aparece na tela em uma chamada de vídeo. Mostro-a para Mila, que cresce os olhos ainda mais.

— Parece que você vai conhecê-la antes do planejado.

— Não, Anthony! Não estou apresentável! — exclama, e eu a puxo para o meu colo quando tenta escapar.

Atendo à chamada com Mila tentando arrumar os cabelos, e é minha irmã quem se assusta do outro lado ao ver que estou acompanhado. Vejo que ao seu lado estão meu pais, com quem não converso há um bom tempo.

— *Olha só quem decidiu aparecer!* — minha mãe, dona Lila, diz do outro lado da linha. — *Eu devia ir até aí é te bater na bunda, moleque sumido.*

Mila ri baixinho, escondendo a boca de forma tímida. Sinto seu corpo trêmulo em cima do meu e fico com dó, porque a ideia era prepará-la para Bonnie, não para a família toda de uma vez.

— *E quem é você, docinho?* — Matt Davis pergunta, ajustando armação no rosto para ver Mila.

— Sou a Mila, muito prazer conhecer vocês — fala tímida, o rosto atingindo tons rosados perfeitos.

— *A famosa Mila! Finalmente estou conhecendo você* — Bon diz, olhando para Mila como se a garota fosse a água no meio do Saara.

O interrogatório começa, e fico com ainda mais dó dela, mas só observo como cativa os três muito rápido com o jeitinho delicado. Mila tagarela sobre ela e a família como quem tem intimidade de anos com os três, e eu fico só parado olhando para ela.

— *E você, meu filho? Vai ficar parado só babando na moça ou tem uma desculpa para ter sumido?* — minha mãe pergunta no tom de repreensão.

Faço uma careta e dou a mesma resposta de sempre, que eles já estão acostumados, que estou ocupado com o trabalho. Não é mentira, mas eles nunca parecem satisfeitos com a resposta.

— Tenho estado ocupado, mãe. Mas em breve nós iremos fazer uma visita.

— *Você promete isso desde o início do ano* — meu pai resmunga, e minha mãe e irmã se juntam no complô de me cobrar.

Trato logo de mudar de assunto para que Mila também não resolva se juntar a eles.

Eu não estava preparado para Mila aparecer e bagunçar toda minha vida e a minha agenda. Mesmo que pareça que não tenho tempo para ela, poderia ser pior, porque os poucos momentos que temos juntos são vindos de muitos esforços e de coisas que abro mão.

Não vou negar que às vezes tenho vontade de largar tudo e sumir com Mila para uma ilha deserta, onde não exista empresa, telefone e sinal de internet. Apenas eu e ela por vários dias, para eu me afundar nela incontáveis vezes. Para eu me perder nos olhos azuis tão transparentes, no sorriso bobo.

Assim que encerro a ligação, Mila beija meu pescoço e se aninha no meu corpo.

— Eles são incríveis. Estou ansiosa para conhecê-los pessoalmente.

— Quero ver a competição de quem fala mais, você ou minha irmã — provoco, e ela cutuca minha costela com o dedo.

Fico com Mila aconchegada ao meu corpo, quieta. Aliso todo seu corpo, sentindo o cheiro de pêssego que sempre fica impregnado no meu travesseiro depois que ela vai embora.

Não planejei me apaixonar por essa garota, muito menos chegar nesse nível de relacionamento com ela, que aconteceu naturalmente. Eu conhecendo sua família, ela conhecendo a minha.

Gosto da forma como tudo vem acontecendo e não pretendo abrir mão de tê-la na minha vida.

— Por que você está quieta? — pergunto baixinho e ergo seu rosto pelo queixo para que me olhe.

— Não quero que isso acabe.

— Por que acabaria? Já está pensando em se livrar de mim, senhorita Connor? — brinco, mas me preocupo com o significado das suas palavras.

— Não, mas… Você é sempre tão ocupado e…

— E…?

— Na última semana, falaram sobre uma escola de especialização na França. Sabe aquele sentimento que te preenche por inteira, quando o coração

palpita te dizendo que é aquilo que você deve fazer? Fiquei com vontade de ir… Mas é um ano.

Ergo seu queixo e dou um beijo nos seus lábios. Mila limpa uma lágrima que escorre pelo seu olho, e eu beijo a próxima que cai.

— Você vai, linda. E vai aprender tudo o que tiver que aprender lá. Eu falei que você ainda tinha tempo para se descobrir, não falei? Fico muito feliz por você.

Ela acena fraquinho, mas não para de chorar.

— E você?

— Eu vou estar aqui. Vamos pensar nisso depois, tudo bem? — Dou um beijo na sua testa, e ela volta a ficar quieta. — Você bagunçou a minha vida inteira, Mila. Tira o meu juízo, mas não estou disposto a abrir mão de você agora. Vamos fazer dar certo, ok?

— Promete? — pergunta baixinho, e beijo sua testa novamente.

— Eu prometo.

Para o meu próprio bem, espero que essa seja uma promessa que eu consiga cumprir, porque a verdade é que a ideia de que Mila vá para longe me assusta muito mais do que devia.

Capítulo 23



MILA CONNOR

A logo da empresa está em vermelho vivo no fundo da passarela. O lugar está lotado. Um mês antes do início do inverno, o desfile que nos deixou a ponto de morrer nos últimos meses finalmente chegou. Escondo-me das câmeras que tentam me clicar o tempo inteiro e observo o local com Hailey pulando de excitação ao meu lado. Fui praticamente ameaçada para conseguir um convite para ela, e não podia ser diferente, porque nós sonhamos com as mesmas coisas desde pequenas. Imaginávamos desfiles e modelos de roupas, mas ali, anos atrás, não imaginávamos que não seríamos as modelos as usando, mas sim as criadoras delas.

— Oh, meu Deus. Nunca me canso da beleza desse homem — Hay fala enquanto aperta meu braço e olha para Anthony que está em uma entrevista com Isabelle Lavigne, a mulher inspiradora e elegante. Na faixa dos quarenta anos,

não poderia ser mais bonita. O jeito que fala, anda, se move e gesticula faz com que atraía a atenção imediatamente para si. Ao seu lado, está meu CEO, o punho de ferro que fez o possível e o impossível para que hoje desse certo.

Hailey tem razão, a beleza de Anthony Davis atrai e hipnotiza, mas não foi por isso que me apaixonei por ele. Não foi por isso que entreguei meu coração e tudo que tenho a ele. Foi pelo jeito protetor e preocupado comigo mesmo que a cabeça esteja cheia, foi pelo coração aberto, pelos conselhos, pelo incentivo. Foi por ele ter me enxergado muito além do que a princesinha do papai mesmo quando agi assim muitas vezes nos últimos meses, quando passei mais dias sem a sua companhia do que ao seu lado. Eu tentei entendê-lo em todos os seus momentos de estresse e reclusão, mas senti minha paciência se esvair dia após dia quando via que as coisas estavam longe de melhorar. Mesmo que eu tentasse reprimir, as palavras de Kate martelavam minha mente, de que ele vive pela sua empresa e de que não via isso mudando tão cedo. As palavras dele também me atingem, dizendo que a Davi's é sua prioridade e que odeia cobranças. Agora não tenho dúvidas, porque nas poucas vezes em que tive coragem de reclamar sobre a falta de tempo dele, Anthony ficou ainda mais estressado.

Tento focar que sabia onde estava me metendo, de que as coisas vão melhorar, mas meu coração está dolorido, porque sei que as coisas não vão melhorar. Anthony não vai deixar de ser CEO, consequentemente a falta de tempo para tudo sempre vai existir.

— Eles estão vindo. — Hailey se agita ao meu lado, dando pequenos pulinhos no lugar. Aterrisso para a realidade e pisco várias vezes ao ver Anthony se aproximando com Isabelle ao seu lado.

Um homem imediatamente se junta a ela. A postura de quem não está acostumado a esses ambientes está ali no modo como seu corpo está travado, o maxilar apertado. O cabelo quase completamente branco é a única coisa que denuncia a idade, que provavelmente tem em torno dos cinquenta. O braço se encaixa no de Isabelle, e a mulher sussurra algo no ouvido dele, que o faz sorrir e olhá-la como se nada mais no mundo existisse.

Os três se aproximam de nós, e Anthony fica ao meu lado, uma mão acolhedora na parte de trás das minhas costas.

— Isabelle, essas são Mila Connor e Hailey Yamamoto, grandes admiradoras do seu trabalho.

A mulher coloca a mão no coração em um gesto lisonjeado e se aproxima de nós, cumprimentando-nos com um beijo na bochecha.

— Muito prazer, *chère*. O senhor Davis me falou muito de você durante os últimos meses. — Ela me olha com um sorriso aberto de orelha a orelha, e imagino ver uma pitada de provocação ali. — Esse é Michael Taylor, meu marido. A expressão é de rabugento, mas juro que não o forcei a estar aqui.

O homem sorri fraco e nos cumprimenta com um aperto de mão sucinto. Ao contrário de Isabelle, ele parece ser de poucas palavras. Pelo menos aqui.

Fico feito uma fã boba quando Belle, como me pediu para chamá-la, discute comigo e com Hailey, falando de forma tão calorosa sobre o desfile que virá a seguir que faz com que eu me sinta certa da minha escolha. Demora alguns segundos para eu perder o ar de fã deslumbrada. Anthony permanece ao meu lado, apenas ouvindo nossa empolgação com um sorriso no rosto.

Entre conversas polidas e taças de champanhe servidas, o desfile finalmente começa. Eu me sento ao lado de Anthony e de Hailey, com Belle e Michael ao lado do meu CEO. Dou um tchau para Kate, do lado oposto da passarela, com os olhos emocionados ao ver as roupas criadas com tanto amor e sufoco. Nunca achei que envolvesse tanta dedicação e trabalho em equipe quando eu era mera espectadora de desfiles como esse. É ainda melhor fazer parte do processo de criação. Sei que Kate me deu muito mais funções do que devia e fico feliz que ela tenha confiado tanto no meu trabalho assim.

Mal pisco enquanto acompanho os modelos andando no palco grande à nossa frente. Com um sorrisinho no rosto, Belle parece emocionada ao ver a diversidade de pessoas que caminha por ali. Troco um sorriso satisfeito com ela e suspiro, reconhecendo as peças fantásticas e surpreendentes que saíram.

Anthony pega a minha mão, tomando a minha atenção para ele, e se inclina para sussurrar no meu ouvido.

— Obrigado pela paciência. Você foi fundamental nesse trabalho incrível, Mila.

— O prazer foi meu, senhor Davis — falo baixo de volta e sorrio pelo reconhecimento.

Ele não afasta a minha mão da sua e me vanglorio com o pequeno gesto de afeto em público. Nunca nos assumimos para ninguém, mas as especulações ficaram cada vez mais fortes quando passamos a ser vistos juntos com mais frequência em almoços, jantares e reuniões.

Endireito meu corpo quando a última modelo desfila, ganhando destaque. Meus olhos se arregalam, e meu coração retumba no peito quando reconheço meu esboço ali, na modelo plus size que expressa tanto no jeito de andar.

— Como… — falo e olho para Anthony, que sorri e puxa a minha mão para beijar.

— No final do dia, todos os jornais vão anunciar o seu talento. Não mais como filha de Jason Connor e E.K. Brendon. Não *affair* de Anthony Davis. Apenas Mila Connor.

Meus olhos se enchem de lágrimas ao reconhecer os sapatos também meus, criados em um dos dias de mais inspiração, no dia que descobri que estava apaixonada pelo homem ao meu lado.

— Anthony… Isso é mais do que eu mereço. Tem tanta gente talentosa ali, doida para ganhar uma oportunidade como essa… — digo baixinho para ele, sob os aplausos da plateia.

Ele beija minha mão novamente e se levanta, sumindo de vistas para aparecer pouco depois no palco. Com uma tranquilidade e carisma natos, Anthony agradece à presença das pessoas, à Belle e à toda a equipe. Vejo os designers da Davi’s chocados pelo gesto, porque provavelmente nunca tiveram o reconhecimento dessa forma.

Ainda emocionada, sorrio de orgulho e bato palmas quando ele desce do palco.

Ficamos alguns minutos comemorando o sucesso do desfile com empolgação. Abraço Kate e a agradeço por toda a confiança que colocou em mim desde que entrei na Davi’s. Assusto-me quando Anthony sussurra no meu ouvido para que eu o siga. Vou logo atrás dele até uma área isolada dali, longe da festa de comemoração.

— O que está fazendo aqui?

O homem me empurra para dentro de uma sala escura e tranca a porta. A excitação por não saber o que ele vai aprontar me arrepia da cabeça aos pés, e logo sinto sua boca procurando a minha, afoita.

— Eu preciso de você agora. Neste segundo, ou vou explodir.

Gemo baixinho e Anthony me beija novamente para me calar, o pau roçando na minha barriga. Tiro seu cinto de forma desajeitada por não estar enxergando nada e escuto a calça social indo até o chão. Anthony ergue meu vestido até a cintura e me preenche de uma vez, desesperado, gemendo rouco no

meu pescoço.

— Não sabe a falta que me faz estar assim perto de você, Mila. Sentindo seu cheiro, ouvindo seus gemidos, tocando sua pele. Tem ideia do quanto fiquei louco por não poder ter você comigo todos os dias?

— Tenho — sussurro e ergo meu pescoço para dar acesso à sua boca. — Porque eu fiquei igual. Eu quero você, Anthony. Quero mais do que você imagina.

Sinto seu corpo indo ao encontro do meu com força quando me ergue pelas pernas e me encosta no que imagino ser uma parede.

Anthony abaixa um pouco do meu vestido e chupa meu peito, metendo mais forte, mais gostoso. Sinto um arrepio da cabeça aos pés quando ele beija um ponto atrás da minha orelha.

— Goza para mim.

Aperto seus ombros e me impulsiono com força em direção ao seu pau, entrando e saindo gostoso, sentindo-o atingir pontos em mim que me fazer arrepiar pelo prazer doloroso que é.

— Vem comigo, Anthony. Por favor, fica comigo — imploro por mais dele de forma implícita. Ele estremece quando deslizo as unhas pela sua nuca e suspiro no seu ouvido.

Gozo junto com ele, prendendo o choro, porque sei de uma forma ou de

outra que não vou terminar o resto da noite nos seus braços. Eu me acostumei ao seu jeito, sei que quando me procura assim com tanto desespero é porque não teremos a noite para aproveitar devagar, desfrutando muitos minutos de prazer. Tivemos poucas vezes dessas desde que nos envolvemos.

Quando desço do seu colo, Anthony acende a lanterna do celular e veste a própria roupa. Tira um lenço do paletó do terno e limpa o meio das minhas pernas com cuidado, descartando-o na lixeira que acha ali perto.

— Está tudo bem? — Ele alisa minha bochecha depois que me recomponho. — Você parece triste.

— Estou bem. Vamos, senhor safado.

Ele segura minha mão e me encosta de novo na parede.

— Você sabe que é muito importante para mim, não sabe?

Mordo o lábio e abro um sorriso fraco. Apenas aceno porque estou com vontade de chorar.

Anthony me beija com carinho, e me aconchego a ele até estarmos em público novamente, quando nos afastamos.

Ficamos poucos minutos ali, até que o vejo olhar as horas no relógio de pulso. A maioria dos convidados já foi embora, restando apenas poucas pessoas ali. Vejo-o me procurando com o olhar e se aproximando de mim. Meu coração já sente que é hora da despedida, mais uma vez.

— Preciso ir, Mila. Quer que eu te deixe em casa? — ele pergunta no meu ouvido, dando um beijo disfarçado na minha orelha.

— Não, tudo bem. Volto com a Hailey.

Sorrio de forma forçada, e ele acena, voltando a olhar para o relógio, seu maior companheiro. Quando Anthony se vai, Kate me olha de longe com uma expressão empática no rosto. Aceno para ela, fingindo uma tranquilidade que não sinto.

Não sei por quanto tempo vou aguentar vê-lo indo embora tantas vezes.

Capítulo 24



MILA CONNOR

Hoje é um dos dias em que estou no pico de felicidade. Além da festa da empresa, Anthony e eu vamos finalmente visitar a sua família, depois de meses de espera. Eles estão superempolgados e me ligaram muitas vezes durante as últimas semanas, fazendo planos para quando o dia chegasse.

Já sinto um carinho por eles por me acolherem tão bem mesmo à distância. Até venho trocando mensagem com Bonnie quase todos os dias. Anthony tinha razão: ela já está planejando nosso casamento e o nome do primeiro sobrinho. Morro de rir com ela e estou morrendo de empolgação por estar perto de conhecê-la. Nós vamos assim que a festa acabar, e já estou com tudo pronto há muitas semanas. Praticamente desde que Anthony me contou.

Escuto uma batida na porta e me viro, abrindo a saia do vestido vermelho para que ele me veja por completo. Vim me arrumar aqui a pedido dele, que já

está maravilhosamente perfeito usando o terno habitual, com uma gravata branca.

— Você está maravilhosa, Mila — diz contemplativo e me coloca em frente ao espelho novamente, as mãos deslizando pelos meus braços e a boca beijando meu pescoço. — Aqui está muito vazio, não acha?

Vejo-o colocar um colar brilhante no meu pescoço, fechando-o com um sorrisinho bobo no rosto.

— É lindo, Anthony. — Analiso o design delicado com as letras A e M entrelaçadas ao redor de um coração. — Perfeito.

— Gostou? — Vira-me de frente para ele pela cintura e beija minha testa. — Desenhei especialmente para você.

— Você que fez? Não sabia que era designer de joias também. — Toco o colar gelado e pesado no meu pescoço com ainda mais carinho por saber que fez pensando em mim.

— Tenho múltiplos talentos, senhorita — sussurra no meu ouvido, e sinto meu corpo mole enquanto me seguro a ele. — Vamos?

Aceno com um sorriso no rosto e pego a máscara em cima do balcão do seu quarto. Anthony dirige calado, acariciando a minha coxa e um sorriso que imita o meu no rosto. Arregalo os olhos pela escolha do hotel para uma simples festa de Natal da empresa. Coloco a máscara no rosto, porque a organização

escolheu o famoso baile de máscaras como tema. Desço após Anthony me ajudar, e ele segura minha mão.

— Nós vamos entrar assim? — pergunto quando ele coloca meu braço ao redor do seu. — As pessoas vão nos ver.

Anthony apenas sorri e pisca para mim enquanto subimos pelo elevador. Ele tira uma máscara do bolso também, e puta merda… O ar misterioso se intensifica quando o tecido preto esconde seus olhos. Olho para nós dois no espelho, o vermelho e o preto remetendo ao pecado e à paixão que sentimos um pelo outro. Embora nunca dita em voz alta por nenhum dos dois, sei que ela é sentida.

Quando ouvimos o apito do elevador, Anthony gruda seu braço no meu novamente e se inclina para beijar a minha testa. Sinto todos os olhares dos funcionários em nós e fico vermelha.

— Por respeito a você e à sua família que não nos assumo com um beijo que faria você esquecer seu nome, mas acho que assim é o suficiente — ele fala no meu ouvido e beija a minha bochecha.

Solto uma risada e escondo o rosto no seu braço enquanto andamos até a galera. Algumas pessoas cumprimentam o chefe com receio, mas a simpatia inesperada do CEO parece quebrar um pouco do medo. Corro até Tony e Kate, deixando Anthony conversando com uma das mulheres do financeiro, e os abraço de uma vez.

— O seu nome está na mídia inteira, princesinha. Amaram seu modelo — Tony diz orgulhoso, e sorrio ainda mais, porque não poderia estar mais feliz. — Realização na carreira, no amor… Acho que a nossa menina cresceu.

— Cresceu e realizou milagres — Kate fala rindo e me abraça com mais força. — Estou muito orgulhosa de você, Mila. Muito mesmo.

— Obrigada, gente. A melhor coisa na empresa foi ter conhecido vocês.

— Mentirosa. Sua melhor coisa está bem ali atrás, me fuzilando com o olhar porque estou perto de você — Tony debocha, e olho para trás, vendo Anthony com um olho na conversa e o outro em mim. — Conta para gente, quantas velas foram necessárias para derreter a camada de gelo?

— Ai, Tony! Para… Ele nem é assim gelado. Anthony é doce comigo, engraçado, romântico. Ele é tudo de bom.

Solto um suspiro apaixonado quando ele sorri e pisca para mim, erguendo uma taça de champanhe.

Converso com eles e com mais pessoas da empresa, com quem tenho o prazer de trabalhar e descobrir os talentos por trás da marca Davi’s. Danço com Margareth, Kate e Tony, e escuto a chuva que começa lá fora. Sinto as mãos quentes na minha cintura e não preciso me virar para saber a quem pertencem. Só Anthony causa essas reações em mim.

— Se divertindo, senhorita Connor? Posso arrumar um trabalho para você

— provoca, e entrelaço os braços ao redor do seu pescoço, ação facilitada graças à altura do meu salto.

— Shh, essa palavra está proibida nós próximos dias. Quero que a noite de hoje seja perfeita, só eu, você e a sua família, sem trabalho, sem nada atrapalhando.

Anthony fica calado enquanto me abraça, embalando nossos corpos no ritmo da música lenta que toca. Aconchego-me a ele, sentindo o cheiro do seu perfume.

— Eu amo você. — Escuto o sussurro no meu ouvido e me ergo rapidamente, com os olhos arregalados. — Lutando comigo mesmo, contra tudo o que implica o sentimento, você entrou no meu coração e não saiu mais. Eu me vejo ansiando pela sua presença, pelas suas falas sem pausa, pelas perguntas curiosas, pelos olhares de amor.

— Ah, Anthony… — Seguro seu rosto e sorrio abertamente, beijando seus lábios. — Achei que você não fosse me dizer isso nunca.

Ele ri contra a minha boca e me beija novamente, desta vez bruto e selvagem. Meu CEO safado. Nós nos esquecemos do pudor e das pessoas ao redor. As borboletinhas dançam animadas no meu estômago quando me afasto.

— Eu amo você, senhor Davis.

Ele enfia a mão nos meus cabelos pela minha nuca e me puxa para seu

peito. Seu coração está acelerado como o meu, e sorrio, sentindo-me realizada e feliz como há muito tempo não sentia.

Eu consigo fazer isso. Vai dar tudo certo.

Divirto-me e gargalho horrores durante todo o resto da festa. Vejo todo mundo sorrindo e arriscando passos de dança após os sorteios. Acho que todos nós precisávamos disso depois dos meses conturbados e cheios de pressão.

Procuro por Anthony e o vejo no canto do salão do hotel, com o celular na mão e uma ruguinha de preocupação na testa. Eu me afasto dos meus colegas de trabalho e ando até lá.

— Ei, está tudo bem? — pergunto, tocando seu braço.

— Está tudo bem, anjo. Pode continuar se divertindo.

Não acredito nada no sorriso que me dá, porque depois de meses finalmente consigo lê-lo com facilidade. Sei que tem algo o incomodando.

— Você não está falando a verdade. Aconteceu algo grave?

Anthony aperta o celular na mão e me puxa para seu corpo. Fico ainda mais preocupada quando sinto o coração acelerado contra mim.

— Você está me preocupando, Anthony. — Afasto-me e o olho. — Eu posso te ajudar. Fala comigo.

Aperto o colarinho do paletó e o encaro. Ele beija minha testa e segura meu rosto entre as mãos. Seguro as suas também e espero que fale.

— Uma empresa no Japão, que visamos há muito tempo, finalmente entrou em contato na semana passada. Eles querem discutir sobre uma parceria. É uma das maiores metas da Davi’s e finalmente conseguimos — ele fala com tristeza, e não entendo.

— Isso é ótimo, Anthony! Achei que fosse coisa ruim! Por que está assim então?

— Eles querem que eu vá para lá amanhã.

A realidade do que está me dizendo me atinge e inconscientemente me afasto do seu toque. Tiro a máscara vermelha do rosto e solto um suspiro alto. Viro de costas, porque eu devia estar acostumada a isso, mas sempre me machuca.

— Você não vai mais viajar para ver sua família, não é? — sussurro, virando-me de volta para ele e olhando-o através das lágrimas.

— Mila… — Ele se aproxima e se assusta quando dou um passo para trás. — Eu daria tudo para ir, anjo. Você não sabe como fiquei animado com a sua felicidade.

— E você me deixou sentir tudo isso à toa! Quando você sabia disso há dias, Anthony! Por que me fez de idiota? — exclamo mais alto do que devia e coloco os cabelos para trás para me controlar. — Você nunca tem tempo para mim, Anthony. Eu nunca sou a sua prioridade.

O sussurro sai com a frase que prendi há meses dentro de mim. Anthony tira a máscara também e passa as mãos pelos cabelos.

— Não é justo você me dizer isso, Mila. Eu tento estar com você sempre.

— Quando? Vinte minutos entre uma reunião e outra? Ou quando me deito no seu sofá para que esteja perto de você enquanto trabalha? Quando, Anthony? Estou cansada… Aguentei isso por meses achando que um dia ficaria tudo bem, que depois do desfile nós teríamos uns dias de descanso, mas estou lutando contra algo muito maior do que eu. Eu desisto…

Deixo a máscara cair no chão e corro para fora do salão mesmo quando o escuto chamando meu nome. Aperto o botão do elevador várias vezes e ouço o barulho do seu telefone tocando. De novo. Sempre o maldito celular para roubar toda a sua atenção.

Escuto os passos atrás de mim tarde demais, depois que as portas se fecham. Assim que chego ao hall do hotel, vejo a chuva forte caindo lá fora, mas vou assim mesmo. Os táxis não estão nem me enxergando na calçada. Tiro os saltos e olho para os lados, atravessando a pista correndo o risco de ser atropelada a qualquer momento. Corro sem rumo, só tentando sair dali. Sinto meus pés machucados quando piso em pedras pontudas, mas não paro a corrida. Não sei nem onde estou, porque não estou enxergando nada.

Meu choro se mistura à água gelada da chuva. Quando estou perdida, andando sem destino há minutos, paro e tento me localizar, quando vejo o carro

preto parando na calçada ao meu lado.

Assim que vejo o motorista, eu ando mais rápido, mas sou interceptada.

— Você ficou maluca de sair nessa chuva?

Sem o paletó, a camisa branca abraça seu corpo, colando-se ao seu peitoral. Livro-me do toque da sua mão no meu braço e dou as costas para Anthony, tentando sair daqui.

— Mila! Entra no carro. Isso não é hora para ser teimosa! — grita por cima da chuva.

— Me deixa em paz, Anthony! Nunca é hora para nada para você, porque não tem tempo para nada!

Ele fica na minha frente, impedindo a minha passagem, e desvio dele.

— Vamos conversar. Por favor, para de agir feito uma…

— Uma o quê, Anthony? — Empurro-o devagar para longe de mim, ainda com os sapatos nas mãos. — Como uma princesinha mimada? Me diga como estou agindo!

Anthony passa as mãos pelo rosto e pelos cabelos encharcados. Meu vestido começa a pesar no meu corpo, e olho para os lados em busca de um táxi, qualquer maldito veículo amarelo que possa me levar para casa, mas as ruas estão completamente vazias.

— Inferno! — grito para o céu.

— Mila, entra na porra do carro! Se você quer ir para casa, eu te levo para casa. Mas não fique doente por teimosia sua!

— Fica quieto! Me deixa pensar em paz.

Continuo andando para longe, mas sinto as suas mãos na minha cintura e meu corpo sendo jogado no seu ombro. Grito e bato nas suas costas, mas parece que nem faz cócegas enquanto me carrega para o carro. Ele abre a porta de trás e me coloca ali. Trava o veículo todo e corre para o banco do motorista.

— Eu não quero ficar aqui, Anthony. Me deixa sair — falo brava, tentando abrir as travas em vão.

Ele me ignora e sai com o carro devagar, porque está bem difícil de enxergar. Choro no banco de trás com o coração sangrando. Nada nunca dá certo. A viagem que planejamos há meses, que eu estava super ansiosa, foi por água abaixo por trabalho… De novo. Fui trocada pela empresa. De novo.

Mordo os lábios com força para prender os soluços e me encolho no banco de trás, até que se torna impossível respirar.

— Me deixa sair — falo. — Abre a porcaria da porta do carro!

Algo na minha expressão faz com ele me obedeça e estacione no acostamento no meio do nada. Com os sapatos abandonados dentro do veículo, eu desço e passo as mãos no cabelo, forçando a respiração a entrar, tentando me acalmar do ataque.

— Está tudo bem? — Sinto as mãos de Anthony nos meus braços e me afasto, abraçando meu próprio corpo.

— Eu não quero alguém que escolha o próprio trabalho ao invés de mim. Sinto muito, Anthony — falo baixinho, mas sei que ele ouviu, porque a expressão devastada aparece no seu rosto.

Anthony se afasta, com as mãos na cabeça, o rosto erguido para o céu. Volta com o maxilar travado rapidamente.

— O que você quer de mim, Mila? Eu tento… Você foi a única pessoa na minha vida toda que permiti bagunçar a minha agenda inteira. Porra! Você bagunçou minha vida!

— Sinto muito por isso, Anthony. Mas o tempo que você tem disponível na sua agenda não é o suficiente para mim! — ironizo. — Eu quero horas completas de sono ao seu lado. Quero saídas não interrompidas, viagens para ver a família. Quero transar sem o celular tocando, sem precisar sair no meio da noite! Quero amor em tempo integral, e você não pode me dar isso. Você disse que a prioridade era a sua empresa, e entendi isso. Tarde demais, mas agora eu entendi. Se nem para sua família você dispõe um pouco do seu tempo, o que será de mim?

— Não fala assim, Mila.

Ele tenta se aproximar de mim, mas me afasto.

— Essa vai ser a despedida mais difícil que vou precisar fazer, mas eu preciso.

— Mila…

— Adeus, Anthony.

Capítulo 25



MILA CONNOR

A intenção era virar as costas e deixá-lo ali. Sofrer até não restar nada mais do que a saudade dele em mim, mas Anthony não me deixa ir. Surpreendendo-me, ele me puxa para seu corpo e me abraça enquanto choro como uma criança no seu peito, minhas unhas esmagando suas costas por cima da camisa molhada.

Ele me ergue, arrumando minhas pernas ao redor da sua cintura, e me coloca em cima do capô do carro. Sua mão vai até a minha nuca, e Anthony me beija com um desespero que faz ser impossível me afastar dele. Choro no meio do beijo e o puxo mais para perto, quando devia estar me afastando. Eu o prendo, quando devia soltá-lo de vez.

— Não vai — sussurra, encostando sua testa na minha. — Não vou perder você, anjo. Por favor, não me faça perder você. O que preciso fazer para te

provar que eu te amo, garota? Abro mão de tudo por você.

— Anthony… — digo, negando com a cabeça, pois sei que isso é da boca para fora. Ele está dizendo isso no momento de desespero, porque Anthony odeia perder.

— Estou falando sério, Mila.

Sua testa encosta na minha, e choro, com o sentimento angustiante no coração só com a ideia de perdê-lo. Não quero ir, mas nunca fui mulher de metades.

— Dizer eu te amo nunca vai ser o suficiente para você ficar na minha vida, não é? — Quando pergunta, nego com a cabeça, e ele me abraça com força.

Suas mãos me apertam como se pudessem me prender ali para sempre, e puxo seu rosto para mais um beijo, o último. Ele me acaricia no rosto, nos cabelos, no pescoço, tocando cada parte do meu corpo que consegue alcançar.

— Eu preciso de mais, Anthony. Preciso de tudo — murmuro quando sua barba rala arranha meu colo.

As palmas dele sobem pelas minhas coxas e as apertam com uma força que sei que deixará marcas. Sobem para a bunda, e as unhas curtas entram na minha pele, fazendo-me gemer.

Ele me puxa para mais perto e empurra o pau duro na minha barriga. Sem dizer nada, abro os botões da sua calça o suficiente para o membro saltar.

Não tem ninguém na rua escura, e a necessidade que tenho dele agora não consegue esperar. Sempre tão correto e responsável, nem mesmo Anthony me impede. Seguro seu pau ereto e o acaricio até ouvi-lo gemer alto contra minha boca. Masturbo-o e sinto seu corpo tremer de leve, enquanto ele me olha com uma intensidade que me deixa sem chão.

Anthony se afasta de mim e me puxa para o chão, virando-me de uma vez e encostando minha barriga no capô. Levanta meu vestido e afasta minha calcinha em uma rapidez impressionante. Quando estoca de uma vez, meu gemido sai alto junto com o trovão da chuva que ainda cai forte.

Ele puxa minhas mãos para trás e mete tão fundo que o sinto muito longe em mim. Uma mão amassa a carne da minha bunda com força e em seguida vai até meu pescoço, puxando-me para trás. Vira meu rosto e chupa meus lábios. Volta a empurrar minha barriga para o capô com uma brutalidade que me excita. Anthony firma meu quadril com as mãos e mete mais rápido, gemendo de um jeito que nunca o ouvi. Ele puxa minha calcinha, friccionando-a no meu clitóris inchado. Gozo segundos depois, com a outra mão dele tentando me apalpar em vários lugares de uma vez, como se não conseguisse escolher só um.

Sinto-o estremecer nas minhas costas e beijar minha nuca antes de encostar sua testa no meu ombro.

— Machuquei você? — pergunta no meu ouvido, e nego com a cabeça antes de me erguer e me recompor.

Viro-me para Anthony, que está fechando o cinto no lugar. Não sei o que dizer neste momento. Preciso de um tempo sem ele na minha frente para pensar.

— Me leva para casa? — peço, e ele acena, passando a mão nos cabelos.

Vou em direção ao banco do carona, e Anthony vai ao do motorista. Nós encharcamos os bancos de couro e o carro inteiro. Puxo o quebra-sol e vejo minha maquiagem toda borrada, o rímel escorrendo pela bochecha e o batom manchado pelos seus beijos. Pego a bolsinha que ficou no seu carro enquanto arrumo a bagunça do meu rosto, limpando todo o excesso. Anthony dirige calado ao meu lado, mas sinto seus olhos em mim.

— Nós podemos conversar? — pergunta, e nego com a cabeça, olhando para fora da janela. — Eu odeio te ver assim, Mila.

— Vou ficar bem, não se preocupe.

— A Davi’s era do meu irmão — fala de repente, e eu olho para ele. — Foi ideia dele. John era cheio de sonhos, planos. Eu era apenas um moleque que o admirava. Quando ele fundou a empresa, com todas as dificuldades, não desistiu dela mesmo quando quase faliu. Ele deu a vida por ela, abriu mão de muito para construí-la. Era tão empolgado com suas ambições. Comecei como mero designer, porque ele acreditava no meu potencial. Eu amava o que fazia, e ele era apaixonado por ela. John morreu em um acidente de moto muito antes de a Davi’s ser metade do que é hoje. Sei que não justifica, Mila, mas sinto que preciso deixá-lo orgulhoso. Sinto que preciso… realizar seus sonhos mesmo que

ele não esteja aqui para ver. Nunca foi meu sonho.

A expressão é devastada enquanto dirige. Tenho vontade de abraçá-lo. Ele está certo, não justifica, mas pelo menos explica o motivo de Anthony trabalhar feito um louco, de querer abraçar todas as funções com as próprias mãos, de adotar um ritmo de trabalho insano que deixaria qualquer pessoa doente.

— Me desculpe se eu decepcionei você, se se sentiu abandonada, não foi a minha intenção.

Aceno devagar e fungo baixinho, limpando as lágrimas que descem, dessa vez de tristeza por ele. Por ter assumido algo que não queria por amor ao irmão, como forma de homenageá-lo. Esse é um fardo que ninguém merece carregar.

— Você me lembrou da paixão que ele tinha. — Anthony intercala os olhos entre mim e pista, sorrindo fraco.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem. Passei a ser muito bom no que fazia quando assumi o cargo de CEO. Eu era sócio, mas nunca quis me envolver com nada, só queria criar. Para quem não queria nem a vice-presidência, caí direto na cadeira da presidência. Eu não sabia o que estava fazendo na maior parte do tempo, mas tive muitas pessoas competentes ao meu lado. E aqui estamos nós.

— Você fez um trabalho incrível, Anthony. Continua fazendo, mas isso não é tudo.

— Eu sei que não. Agora sei.

Ele me olha do jeito bonito que me fez ter certeza de que existia amor por mim ali. Foi esse olhar que me fez não desistir dele bem antes, porque tenho certeza de Anthony me ama, só não sei se está disposto a fazer sacrifícios, mesmo que pequenos, para estar comigo. Da mesma forma que eu faria por ele.

— Vou voltar rápido, Mila. Eu prometo. Só não desiste de nós.

Anthony segura minha mão assim que estaciona em frente à minha casa. Puxa meu queixo para que eu o olhe, e noto o quão dividido ele está. Aperto suas mãos e sorrio fraco.

— Faça o que tiver que fazer, Anthony. Boa viagem.

— Fica comigo essa noite? — pede, analisando minha bochecha com uma carinha de cão sem dono.

Nego com a cabeça e seco meu rosto.

— Estou magoada, frustrada. Não vou ser uma boa companhia. Hoje só quero a minha família.

Acena devagar com uma tristeza que não combina com ele. Pego meus sapatos e minha bolsa no banco de trás, dou um beijo na sua bochecha e desço do carro, acessando o portão e correndo em direção à casa para me proteger da chuva.

Vou até meu quarto me arrastando, com o peso de toda a noite caindo nos

meus ombros. Fungo baixinho para não acordar ninguém, mas escuto a porta do quarto dos meus pais abrindo. Ao me ver, o senhor Connor corre em minha direção, com os olhos arregalados.

— Mila? O que foi, princesa? Você está bem?

Nego com a cabeça e corro em direção aos seus braços, chorando em seu ombro como não faço há muito tempo. Permito-me ser a princesinha do papai e chorar para ele como quando era pequena. E é tão bom que começo a soluçar.

— Vai tomar um banho, meu amor. Tome seu tempo e desça para a cozinha. Vou preparar um chá. — Ele me aperta nos seus braços sem se importar que estou suja e molhada, só me acolhe.

Faço o que ele me pede e me sinto mais calma depois do banho quente. Coloco um pijama e me arrasto até a cozinha, surpreendendo-me ao encontrar minha mãe ali também. Ela se aproxima sem falar nada, beija minha cabeça e me abraça com força. Abraçando-me de lado, Emily me guia em direção à sala de estar, com meu pai atrás de nós. Aconchego-me debaixo da coberta que eles me cobrem e tomo o chá em silêncio, vendo as expressões preocupadas no rosto deles.

— Me desculpe pela preocupação que estou dando a vocês nos últimos dias — falo baixinho, alisando a borda da xícara. — Eu só…

— Você só se apaixonou, meu amor — mamãe diz, encostando minha cabeça em seu ombro de lado.

— Quer conversar? — meu pai pergunta do meu outro lado, e nego com a cabeça.

— Só quero ficar assim com vocês.

Eles acariciam a minha cabeça, e sinto uma paz no meio de toda a montanha-russa que é a minha relação com Anthony. Pensar nele me dá saudade mesmo que eu tenha acabado de me despedir dele. Acho que sempre será assim, independentemente dos rumos que nossas vidas vão tomar daqui para frente.

Anthony sempre vai ser uma parte de mim que jamais será apagada.

— Mamãe… — Escuto a voz de Collie se aproximando e ergo o olhar, deixando a xícara na mesinha quando ela se aproxima, dengosa.

A pequena se aconchega em nós, e não demora muito para os outros virem. Com Melissa sonolenta carregando Ellie no colo, Nathan coçando os olhos, sem entender nada.

— O que houve? Por que está todo mundo aqui? — Nathan pergunta depois de um bocejo.

— Por que vocês estão acordados? Está tarde — minha mãe fala.

Eles dão de ombros, sonolentos, e estico o braço para que se encaixem no sofá também. Nathan resmunga, sem querer vir.

— Vem cá logo, moleque chato.

Quando todos se acomodam, com meus pais na ponta, estico a mão para o

senhor Jason Connor, do outro lado do sofá, e ele entrelaça seus dedos nos meus. Sem precisar dizer nada, eu sorrio para ele em um mudo “obrigada por tudo”.

Capítulo 26



MILA CONNOR

— Acorda, Mila!

Sobressalto-me quando sinto um peso pulando em cima de mim na cama. Esfrego os olhos para me acostumar com a claridade do quarto, pois as janelas foram totalmente abertas. Vejo Hailey com um sorriso de orelha a orelha e completamente maquiada a essa hora da manhã, seja lá que horas são.

— Me deixa em paz, Hay. Hoje não vou sair da cama. Quero curtir o fundo do poço quietinha.

— Que fundo do poço o que, garota! Não tem motivos para estar assim. Anda, levanta! — exclama, fazendo tambor com a minha bunda. Cubro meu rosto com o edredom, recusando-me a sair daqui. — Anda, Mila! Estamos atrasadas.

— Para onde?

Ela gargalha quando coloco os olhos para fora, a curiosidade me vencendo. Estou triste, mas não estou morta. Hailey não responde e me arrasta para fora da cama, literalmente. Minha amiga me empurra para a sala de banho, cheia de mistérios, escolhe a minha roupa e até arruma meus cabelos.

Apaguei depois de ontem à noite e não me lembro de como vim parar na cama depois de ter cochilado no sofá com a minha família. Mas só de eu ter conseguido dormir já é um ganho imenso para mim.

— Hay, preciso conversar com você para desabafar — resmungo quando ela me coloca em frente ao espelho, sorrindo animada. Toco o colar que ganhei, e meu peito se aperta com as lembranças. — Seja lá quais são seus planos, não estou animada hoje.

— Depois você me conta, porque estamos atrasadas! Vamos.

Ela me empurra pelos ombros com pressa, e franzo a testa quando vejo minha família toda reunida ali, agitados como sempre. Todos arrumados para sair.

— Para onde a gente vai? — pergunto, olhando para Hailey, e ela me indica o sofá, onde vejo… Anthony sorrindo.

Olho para toda a minha família e para ele sem entender por que está aqui.

— Anthony? Você não tinha que estar indo para o Japão? — questiono

receosa conforme me aproximo dele.

Hailey acompanha minha família para fora de casa, levando o barulho todo com eles, deixando-me com Anthony de bermuda, uma camisa preta meio aberta, de alpargatas e óculos escuros no rosto.

— Mudanças de planos — diz, aproximando-se de mim e me puxando pela nuca. — Nada no mundo vai ser igual se eu não tiver você na minha vida, garota safada.

Ele me aperta em seu peito, e eu me afasto de leve, com os olhos arregalados.

— Nós vamos para a Califórnia?

— Nós vamos — confirma, beijando meu pescoço. — Eu, você, sua família e sua melhor amiga.

— Não brinca!

— Sei que você estava animada para ir, mas triste por passar o primeiro Ação de Graças sem eles, então por que não aproveitar para apresentar a família da mulher da minha vida para a minha?

Solto um gritinho e me jogo no seu colo de empolgação. Encho seu rosto de beijos, e Anthony ri, segurando-me pela bunda para que eu não caia.

— Mas e a sua viagem, Anthony?

— Existem coisas mais importantes para mim, anjo. — Aninho-me no seu

pescoço, feliz demais por tê-lo aqui comigo, por ele não ter me deixado ir embora. — Você é a minha prioridade.

Afasto-me e seguro seu rosto entre as mãos, beijando-o com todo o amor que tem em mim.

— Eu te amo tanto — sussurro na sua boca, e ele me beija novamente, tirando meu fôlego.

Escuto um pigarro vindo da porta e desço do colo dele rapidamente, fazendo Anthony rir da minha expressão ao ver meu pai ali.

— Me dê um bom motivo para eu não atirar em você agora — fala, olhando para Anthony.

— Sua filha me ama, e ela ficaria muito triste por me perder — diz brincalhão, e eu rio, batendo em seu peito e me aconchegando ali.

— A sua sorte é essa, rapaz.

Meu pai volta a sair dali e nos deixa sozinhos novamente. Aproveito para bater em Anthony por espalhar sobre meus sentimentos por aí. Ele me puxa pela bunda e me beija, de novo e de novo.

— Será que um dia seu pai vai parar de me odiar?

— Ele não te odeia, só tem muito ciúmes de você, mas um dia passa — falo rindo.

Grito quando Anthony ergue meu corpo e o coloca nas suas costas. Ele me

leva até o carro assim. Vamos eu e Hailey no seu, e minha família vai atrás.

Eu e a minha amiga tagarelamos o caminho até o aeroporto sobre nossos planos para aproveitarmos a praia. Serão sete dia inteiros ao lado das pessoas que mais amo no mundo. Não poderia ter feriado melhor do que esse.

Anthony gargalha de nós duas cantando *Jingle Bell Rock* no banco de trás, com direito à coreografia e tudo mais. Quando chegamos ao aeroporto, somos guiados em direção ao avião fretado da Davi's. As crianças estão felizes da vida por viajar, porque eles amam. Fazem bagunça o caminho inteiro. São cerca de cinco horas de viagem. Quando aterrissamos, Anthony me abraça pelo ombro e beija minha cabeça.

— Você está feliz, anjo?

— Você nem consegue imaginar o quanto.

Ele sorri satisfeito e vejo vários funcionários levando a bagagem de todo mundo para os táxis.

Atrás de nós, Hailey está abraçada à minha mãe como se fosse sua própria. Pela quantidade de anos que vive em nossa casa, ela já é parte da família.

— Nós vamos ficar todo mundo na sua casa? Não vamos incomodar? As crianças são barulhentas.

— Se você acha minha casa grande, não viu a dos meus pais. Eles a amam cheia. Vou dar o melhor presente para eles.

— Estou ansiosa — digo animada, andando em direção ao táxi.

Poucos minutos depois, os veículos entram em um portão imenso de ferro e param em frente à mansão. Vejo os pais de Anthony saírem de lá antes mesmo que desçamos. Constrangida, fico ao lado deles quando a mãe de Anthony o abraça apertado. O pai vai logo em seguida. Dona Lila estende os braços para mim, e me aconchego ali, sentindo-me em casa.

— Você parece um anjo, Mila. Cadê sua família? Oh, a casa vai ficar lotada. Que bênção!

Ela se afasta e vai se apresentar para todos eles. Seu Matt me abraça apertado e me deseja boas-vindas. Vejo uma cópia feminina de Anthony sair de dentro da casa com dois garotos idênticos, os sobrinhos dele, que já conheço porque Bonnie me encheu de foto deles.

Ela abraça a todos e se apresenta antes de chegar em mim e em seu irmão.

— Ant, finalmente você veio. Mila, você é ainda mais linda pessoalmente.

Eles nos guiam até a casa, e observo a tudo com curiosidade. Anthony fica ao meu lado, de mãos dadas comigo enquanto conversa com o pai.

Os olhinhos brilham por estar aqui, e sei que ele devia estar sofrendo muito pela ausência. Logo os sobrinhos dele o roubam de mim, e eu sorrio quando meu CEO parece um garoto ao falar com os meninos.

Bonnie mostra a casa para mim e para Hailey. Meu pai e minha mãe

somem com o senhor e a senhora Davis, rindo e tricotando como se se conhecessem há uma vida, e as crianças correm atrás de Anthony e dos sobrinhos.

Quando acabamos o tour pelos quartos, Bonnie vai conhecer melhor meus pais, e eu paro em frente ao quintal, vendo Anthony sem camisa brincando de futebol com o bando de crianças na grama. Com Ellie no colo, ele dribla Nathan e os sobrinhos, enquanto Collie e Melissa protestam por não chutarem a bola para elas.

Quando chuta para Mel e minha garotinha faz um gol, ela corre para abraçar a perna do homem. Anthony comemora com minha irmã, que ergue os bracinhos da mesma forma que ele.

Emociono-me com a cena à minha frente e sinto os braços de Hailey no meu ombro, olhando para lá também.

— Não sei você, mas eu acho que ele vai ser um ótimo pai — provoca. — Vai ter um monte de mini CEO correndo pela casa daqui a uns anos.

— Sua louca. Ainda tenho muito o que viver antes de me casar e ter filhos. Você acha que ele vai querer ter filho comigo? E se ele não tiver tempo para mim, Hay? Tenho tanto medo.

— Amiga… — Ela aperta meu ombro e me olha de lado. — Você está aqui, não está? Com a família dele, na casa dele. Viva um dia de cada vez.

Aceno em concordância e, como se sentisse que está sendo observado, o olhar de Anthony vem até minha direção. Ele se afasta e deixa as crianças brincando ali antes de se aproximar de mim, todo suado. Hailey se afasta e toma o seu lugar na brincadeira, divertindo-se como se tivesse a idade das crianças ali.

— Você suado assim me dá boas lembranças, senhor Davis — provoco, passando o dedo pela constelação na sua costela.

Ele sorri safado e me puxa, esfregando o rosto suado no meu pescoço, fazendo-me rir.

— Vamos dar uma volta?

Aceno em concordância, e ele veste a camiseta abandonada no chão antes de me guiar em direção à praia de frente para a mansão. A brisa me atinge, e fecho os olhos, sentindo o cheiro da maresia. O lugar está vazio, e nós andamos de mãos dadas até nossos pés tocarem a água.

— Faz anos que não vinha à praia — diz sereno, observando as ondas quebrando ali perto. — Não sabia que sentia tanta saudade daqui até estar aqui de novo. Eu e meu irmão costumávamos fugir para surfar. Na época, morávamos a uns trinta minutos daqui. Minha mãe ficava uma fera.

Ele ri saudoso, e aperto a sua mão.

— Como ele era?

Anthony passa bons minutos de caminhada narrando sobre sua infância,

adolescência, sobre a época da faculdade. Pela primeira vez, eu só escuto, e ele me conta sua vida como se estivesse lendo um livro do início. Como eu quis desde sempre.

Quando chegamos no final da orla da praia, Anthony me ajuda a passar pelas pedras pontiagudas que ficam embaixo de uma ponte. Ele se senta em uma delas e me puxa para o seu colo. Nós ficamos olhando para os surfistas ali perto em silêncio, em uma paz inexplicável.

— Estava pensando… O que você decidiu sobre a França? — Anthony me vira de frente para ele.

— Eu me inscrevi, mas provavelmente não vão me aceitar — falo, dando de ombros. — Mas agora não sei se quero ir. Tenho minha família, amigos. Você. Não quero ficar longe por tanto tempo.

— Tenho certeza de que vão aceitar você. E não se preocupe com a gente, anjo. Todo mundo vai ficar bem.

Aceno e o abraço forte. Não quero deixá-lo, não agora que finalmente Anthony parece disposto a arrumar sua agenda para poder viver um pouco. Nós estamos há um tempo juntos, mas sinto que preciso de muito mais da sua companhia, dele por inteiro.

— Você vai brilhar nesse mundo, minha garota.

Meu CEO beija a minha testa com carinho, e eu me derreto em seus

braços exatamente como na primeira vez.

Capítulo 27



ANTHONY DAVIS

Seis meses depois

— Eu preciso te falar uma coisa. — Travo o corpo, porque essa frase nunca antecede coisas boas de acordo com as minhas experiências.

Deitados na sala de jogos, no chão debaixo da mesa de sinuca, Mila solta uma risadinha cansada enquanto desliza os dedos pelo meu peito. Nós estamos há boas horas estreando os cômodos da casa como temos direito, de acordo com o anjo agarrado a mim. E por “como temos direito” quero dizer fazendo sexo como dois adolescentes que descobriram o ato recentemente.

— O que foi? — pergunto, alisando suas costas nuas e quentes com as pontas dos dedos.

Eu me afasto quando Mila enrola para falar e a olho. Ela morde o lábio, e

consigo ver toda a felicidade brilhando no seu olhar, como vem sendo há meses, desde que desacelerei meu ritmo na empresa e passei a delegar coisas para o meu vice-presidente.

— Recebi um e-mail daquela escola de moda da França que te falei há um tempo, me parabenizando pela formatura e dizendo que serei muito bem-vinda para estudar lá. Eu consegui, Anthony. Sozinha, sem precisar comprar minha entrada. Eles disseram que amaram os meus esboços! — Escuto a alegria no seu tom de voz, mas tem a pitadinha de tristeza que apareceu todas as vezes que o assunto foi mencionado por mim ou por sua família.

Nós ficamos na expectativa de uma resposta. Mila já estava desiludida achando que não tinha conseguido e já estava pensando nos planos para o futuro agora que se formou na Parsons e que o *internship* na Davi's acabou. Mas eu não perdi a esperança por nenhum segundo, porque tinha fé de que a minha garota ia conseguir realizar seus sonhos, e esse é só um deles que vem conquistando desde que cruzei com ela pela primeira vez naquele parque.

É até difícil acreditar que aquela garota sem ambições, perdida e insegura é a Mila de hoje, minha senhorita Connor forte e cheia de metas. Ela está com um plano muito bem traçado para os próximos anos, ou melhor, estava, porque agora que foi aceita na escola de especialização que tanto queria, vai precisar readaptá-lo.

— Parabéns, meu amor. — Fico por cima dela e beijo seus lábios,

verdadeiramente feliz pelas suas conquistas. — O que te falei sobre conquistar o mundo? Eu vou estar de camarote vendo todas as suas realizações só para captar esse sorrisinho aí.

— Obrigada, mas…

— Shhh, sem “mas”. Nós vamos comemorar a sua ida, você vai tirar essa expressão tristinha do rosto e se alegrar por isso. É uma oportunidade maravilhosa, Mila. Fecha os olhos e se imagina em Paris, tendo aquele cenário para seus desenhos, aprendendo, se inovando, se descobrindo.

— Eu queria que você fosse comigo — confessa baixinho, desviando os olhos transparentes dos meus. Ergo seu queixo e o beijo, dando uma mordida de leve ali.

— Sei que sim.

Eu me levanto e a pego no colo, nua e quente em meus braços. Mila me olha confusa enquanto a levo em direção à área da piscina. Coloco-a na água e vou em direção ao meu quarto, voltando rapidamente para ela. Encontro-a nadando e só para quando me olha entrar ali com ela.

— Vamos fazer um jogo, senhorita Connor. Uma corrida de uma ponta à outra. Vale um pedido. Qualquer coisa — repito sua fala de muitos meses atrás, e Mila se recorda, porque sorri competitiva e concorda com a cabeça.

— Não sei por que você insiste, Anthony. Você perde quase todas as vezes

— provoca e se posiciona na lateral da piscina.

— Dessa vez vou ganhar muito mais do que você imagina.

Ela morde o lábio de forma provocativa e arqueia a sobrancelha em seguida, desdenhando da minha fala. Conta até três, os lábios cheios quase me fazendo desistir disso para beijá-los até o fim da vida. Salto em uma vantagem calculada e chego rapidamente do outro lado, vendo-a sair da água com um biquinho perdedor. Eu rio e a puxo para perto de mim, colando sua boca na minha finalmente.

— Qual o seu pedido? — sussurra, agarrando-me pelo pescoço.

Pego sua mão debaixo da água e tiro o anel que estava guardado no meu dedo mindinho. Os olhos de Mila quase saltam ao ver a joia no seu dedo anelar, a pedra azul grande brilhando como seus olhos.

— Casa comigo, Mila Connor?

— Anthony… — Ela pula no meu colo, fazendo-me afundar na água de leve, antes de me beijar no que imagino ser um “sim”. Quando se afasta, o rosto está vermelho e as lágrimas estão descendo pelas bochechas. — Eu me caso. Mas…

— Shhh. O que vai acontecer é o seguinte: você vai para a França viver seu sonho e, assim que pisar o pé aqui, vai casar comigo e ser minha para sempre. Fim.

Ela ri boba contra meu corpo e me abraça, aconchegando-se ainda mais mim.

— Parece que você planejou muito bem o nosso futuro, senhor Davis.

Em certo momento, desisti de tentar entender o motivo de ter me entregue tanto a essa garota como nunca fiz antes. Como abri mão de coisas importantes, que deixaram de ter sentido quando descobri que tudo o que me bastava era ela ao meu lado.

Meses atrás, senti como se meu coração estivesse sendo esmagado somente com a possibilidade de perdê-la, de ela sair da minha vida e carregar consigo toda a paixão que trouxe para mim, que me entregou de bandeja. Isso tudo por uma burrice minha, que não percebi que estava perto de deixar escapar a mulher da minha vida, que ela estava escorregando das minhas mãos. Minha garota…

Mila é como uma flor, que desabrocha com cuidado e amor. Ela nunca me pediu o impossível ou mais do que merecia. A princesinha do papai, como a chamam, se contenta com muito pouco, mas merece o mundo aos seus pés. Sorte a minha. Só assim tive a chance de consertar meu erro de tê-la deixado sozinha. Um que pretendo nunca mais cometer.

***

Sentados ao redor da mesa, a família de Mila conversa sobre os planos para a sua viagem que vai acontecer mais rápido do que previmos com uma empolgação que me faz sorrir enquanto observo a dinâmica barulhenta dela.

Minha garota parte hoje em busca dos seus sonhos.

O brilho no olhar prende todos ao seu redor conforme narra os lugares que pretende visitar novamente assim que chegar a Paris. Apesar da empolgação, Mila está receosa de ter que se adaptar sozinha.

Quando todos terminam de comer, vejo o senhor Connor levantar e fazer um sinal com a cabeça para que eu o siga. Mila para de falar e olha para nós dois com a testa franzida de preocupação, possivelmente esperando por um embate, que não vai acontecer se depender de mim, porque entendo Jason. Mais do que ele pensa. Não questiono o ciúme pela aproximação de alguém na sua casa que pretende levar sua filha. Se fosse eu perdendo Mila, meu mundo estaria desmoronando.

Jason me leva até a sala de visitas e aponta para o sofá em frente ao que ele se senta. Sento-me e vejo a expressão de tristeza que não permitiu que aparecesse na frente da filha.

— Eu percebo que errei muito como pai. — Ele começa dizendo, soltando um suspiro e mexendo nos dedos. — Achei que estava fazendo o melhor para Mila tentando protegê-la do mundo, mas eu só estava tentando me proteger na

maioria das vezes, porque minha princesa é mais forte do que imaginava. Nunca a vi tão feliz assim. Sempre achei que faltasse alguma coisa para ela, e me desesperava não saber o que era. Agora eu sei. Faltava sonhos. Preciso te agradecer por ter a incentivado.

— Eu não fiz nada, senhor. Foi tudo ela.

Ele sorri orgulhoso, assim como eu.

— Infelizmente ela teve que realizar esse sonho com um marmanjo aparecendo no pacote — diz, e solto uma risada. — Meu conselho ainda está de pé: cuide dela.

Aceno e me levanto, surpreendendo-me quando Jason se aproxima e me abraça de lado, dando tapinhas leves nas minhas costas.

Quando voltamos à sala de jantar, Mila ainda me olha curiosa. Pisco dizendo que está tudo bem, e ela segue se despedindo da família.

A resposta da escola da França requeria uma ida muito rápida, então minha garota teve apenas uma semana para organizar a vida. Facilitei para ela cedendo um dos aviões da empresa para que pudesse viajar com mais calma. Ela fez todo um planejamento de despedidas para o dia, envolvendo uma saída com a melhor amiga e com Kate, deixando o jantar comigo e com a família por último.

Ela se levanta da mesa e segura minha mão, levando-me para seu quarto

após a família se dispersar da mesa.

— Eu tenho um presente para você. — Mila mexe na penteadeira e volta com uma caixinha para perto de mim, os olhos cheios de lágrimas não derramadas. — Espero que se lembre de mim sempre que usar.

Abro e vejo um par de abotoaduras bonitas. Sorrio e a puxo para meu peito, dando um beijo na sua testa.

— Não preciso de nada para me lembrar de você. Eu te amo, minha garota.

— Eu não quero deixar você, Anthony. Meu coração está doendo — diz baixinho, deixando as lágrimas caírem.

— Você confia em mim? — pergunto, e ela acena fraquinho, fazendo o biquinho de tristeza que me faz rir. — Preparada para o futuro, senhorita Connor?

Ela se afasta, seca o rosto, respira fundo e acena, inclinando-se para me dar um beijo demorado, seu corpo inteiro se apertando ao meu como se pudesse se fundir a mim.

Mal sabe Mila que já está ligada a mim de tal forma que se tornou impossível passar um dia sem ela.

Quando voltamos, comigo carregando suas malas, sua família já está a esperando para a despedida. Com lágrimas nos olhos, Mila abraça a mãe, todos

os irmãos e deixa seu pai por último. Ele diz algo no seu ouvido, e ela se joga nos seus braços, chorando tudo o que parecia estar prendendo dentro de si.

— Eu amo vocês — diz baixinho, abraçando todos eles de uma vez.

Despeço-me de todos também, com a missão de cuidar dela como se fosse minha vida. E ela é.

Mila vai quieta até o aeroporto, e estico a mão para apertar sua coxa para confortá-la. Ela funga e sorri para mim, tranquilizando-me.

— Eu não quero ir — diz baixinho quando chega a hora de embarcar na aeronave.

— Você quer. Você vai, minha garota. Vamos.

Mila está tão distraída com a própria tristeza que não percebeu os sinais. Como a quantidade de malas que está indo junto com ela, como o fato de eu estar indo até o avião com ela. Mila não desgruda de mim enquanto entramos ali, os comissários nos cumprimentando de forma educada.

— É tão bonito.

Ela anda olhando para tudo com curiosidade e se acomoda em uma poltrona. Sorrindo de orelha a orelha, eu me sento ao meu lado.

— Vai dar tudo certo, não vai? — pergunta temerosa. — Mas eu vou estar sozinha.

— Você não vai estar sozinha, meu amor. Não vou deixar.

Mila franze a testa e olha para a frente da aeronave, vendo finalmente as portas fechadas.

— Anthony… Não me diz que… — Sorrio, e ela grita. Um grito empolgado muito alto que faz a vida toda valer a pena. — Você vai comigo! Mas e a empresa?

— Você é a minha prioridade, minha garota. O resto que se exploda.

— Mas, Anthony… — Coloco o dedo nos seus lábios e puxo seu rosto para perto do meu. — Você tem certeza disso? Eu amei, mas…

— Nunca estive tão certo de uma coisa na minha vida, anjo. Se você me quiser, estarei ao seu lado para onde você for.

Mila se solta do cinto e se senta no meu colo, com o sorriso perfeito, o corpo corado de excitação e aquele olhar. Bem aquele do início, que ela me dá sempre que se torna impossível expressar em palavras tudo o que sente. Aquele olhar que me faz mudar a minha vida toda só para vê-lo.

— Não quero você do meu lado, meu CEO. Quero você dentro de mim, em todos os sentidos possíveis.

— Eu vou, minha garota. Eu prometo.

Epílogo



MILA CONNOR

Cinco anos depois

— Anthony, nós estamos atrasados — falo rindo quando o homem me puxa mais uma vez para a cama, fazendo-me cócegas para que eu não me levante novamente. — Você odeia atrasos.

— Odiava, agora só quero ficar com vocês.

Gargalho quando monta em cima de mim e começa a apertar a minha cintura. O sorriso aberto e leve que está no seu rosto há muito tempo me derrete e me ilumina como sempre.

Sempre ao meu lado, Anthony se transformou em um homem sempre disposto a fazer o que fosse para a minha felicidade. Transformou-se em um marido fantástico, em um pai maravilhoso.

Basta falar de Rosalie para sua expressão se transformar em uma ainda mais repleta de alegria incondicional. É isso que vejo quando escuto o chorinho alto, que ao invés de preocupá-lo só faz com que vista a capa de herói. Mas dessa vez, ao invés de salvar o mundo, Anthony se importa em socorrer a filha.

— *Papá*.

Anthony imediatamente se levanta e vai até o quarto da nossa menina. Volta com ela para o nosso com uma pequena calma, sem parecer que estava chorando agora há pouco, porque parece ter algo nos braços dele que a acalma como nenhum outro o faz. Provavelmente é a mesma sensação de proteção que sinto sempre que Anthony me abraça.

— Essa pequena já estava tentando descer do berço, acredita? Meu amor é uma princesa esperta. Não é, papai? — Ele a coloca em frente ao corpo, e Rose gargalha ao ficar assim no alto. — Muito esperta a minha garotinha linda.

Anthony se senta na cama com ela nos braços, e me estico para beijar o pescoço gostoso da nossa menina.

— *Mamã*.

Ela ameaça chorar novamente para vir para o meu colo, e eu a pego, vendo o sorriso dele crescer no rosto.

— Eu acho que a gente não devia ir hoje.

— Anthony, temos reuniões importantes, não tem como faltarmos —

argumento, e ele não poderia estar menos preocupado com isso.

Nossa vida deu um salto desde que voltamos da França. Morrendo de saudade da minha família, eu não via a hora de voltar para cá, apesar de ter vivido as melhores experiências ao lado do meu CEO. Era muito mais do que eu sonhei voltar depois das minhas aulas e tê-lo me esperando ali, pronto para ouvir todas as minhas comemorações e desabafos.

Quando voltamos, ele só reassumiu o cargo de CEO por um tempo, até passá-lo para o seu vice para dedicar mais tempo à família. Ele voltou a desenhar os modelos de roupas da Davi's, que era o seu sonho desde o início. Dessa vez vivendo tudo comigo ao seu lado.

Anthony está muito mais leve do que antes, como se sua vida tivesse voltado para os eixos depois de ter retornado para o plano inicial.

Eu voltei a trabalhar na Davi's, mas tenho me dedicado muito mais a projetos sociais. Descobri que a moda é muito mais para mim do que eu imaginava. Venho ensinando adolescentes e crianças com cursos sobre desenhos, arte, moda e sobre como isso influencia o mundo. Tem sido a minha paixão.

— Pede para a mamãe, meu amor. Diz para a gente ficar com você só mais um pouquinho. Só o dia todo — Anthony brinca, segurando a mãozinha de Rosalie e babando na criança.

— Anthony… — brinco rindo. Ele se deita na cama e puxa nós duas para nos aconchegarmos ao seu corpo.

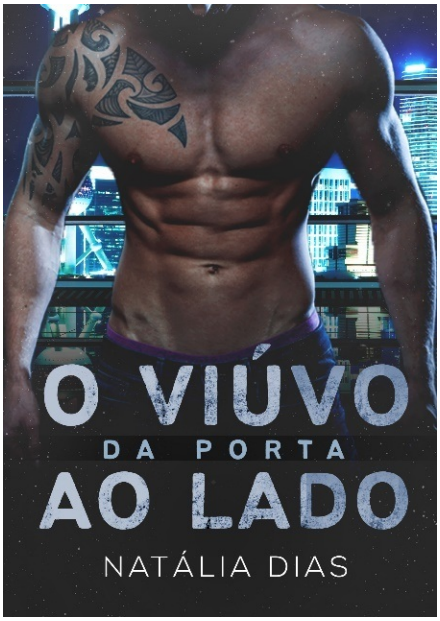
— Shhh, fecha os olhos, aproveita o silêncio e pensa em como nós temos o mundo inteiro aqui nessa cama. Não precisamos de mais nada.

Olho para ele sorrindo e aceno em concordância. Abraço Rose e ele de uma vez só e suspiro.

Sim, tenho o mundo inteiro nos meus braços.

Outros livros

O VIÚVO DA PORTA AO LADO



LINK: https://amzn.to/3gJk07h

Quando Emily Brendon começou a escrever, não pensou que o sucesso faria parte da sua vida. Agora é internacionalmente conhecida por seus livros eróticos e se viu passar de completa desconhecida para uma inspiração para as mulheres ao receber o convite para que o seu maior best-seller virasse filme.

Tudo estava perfeito, até seu destino cruzar com Jason Connor, seu

vizinho barulhento. Pai viúvo, misterioso e às vezes rude, o ator com personalidade completamente oposta à do mocinho do seu livro foi o escolhido para o interpretar.

Eles não podem deixar que o ódio à primeira vista atrapalhe o filme, mas se torna cada vez mais difícil separar as coisas quando as farpas trocadas não escondem mais o desejo que sentem um pelo outro.

Mas Jason tem um passado conturbado e sombrio, e deixar a escritora enxerida entrar na sua vida e na de sua filha não faz parte dos seus planos.

Ficou curioso para conhecer a história dos pais de Mila Connor? Eles têm livro! Vem conferir um trecho!

CAPÍTULO 01

EMILY

Eu preciso escrever.

O pensamento martela na minha cabeça desde a hora em que liguei o bendito *notebook* para tentar digitar a sequência do segundo volume do meu livro, mas estou sem foco, completamente desconcentrada. E isso por quê? Porque o maldito vizinho não consegue trepar como um ser humano normal, não. Ah, não mesmo. O homem parece se transformar em um animal quando goza. Imagino um lobisomem no auge da lua cheia rugindo. Não há música que abafe o som.

Não ajuda o meu escritório e quarto serem colados no que imagino ser o seu.

É incrível como nunca vi o rosto do homem, mas sei exatamente os gemidos que ele solta na hora de gozar.

Tiro os óculos e os deixo em cima da mesa. Aperto os olhos e solto um suspiro alto e frustrado.

Não vou negar que a barulheira que ele faz durante toda a semana já me foi útil muitas vezes em cenas eróticas, mas não me ajudam em nada quando preciso escrever um drama de partir o coração dos meus leitores, como agora.

É uma cena de briga com direito a lágrimas, choro, gritos e deslizadas dramáticas na porta! Não posso ter o Senhor eu-gemo-como-um-animal-barulhento perto de mim!

Pego meu computador e meus óculos, e ando pelo meu apartamento em direção à sala de estar. Odeio escrever no sofá porque termino deitada com o aparelho no colo e uma grande dor nas costas, mas vai ser o jeito.

Meu agente está no meu pé para que eu termine o livro em dois meses.

Ainda não acredito o quão longe cheguei na minha carreira. De uma jovem com uma mente cheia de ideias, publicando em uma plataforma digital, para uma autora mundialmente conhecida!

Também não acredito que recebi até mesmo um convite para que um dos meus romances mais vendidos virasse um filme, um que vai ser transmitido para o mundo todo nas telas do cinema!

Faz quase um ano que fechei contrato e que fizeram o anúncio nas redes sociais, mas só agora que as coisas finalmente vão começar de verdade. Estamos entrando na fase de pré-produção. Vou participar ativamente dessa etapa, pois quero que o filme seja bastante fiel ao que escrevi. Foi uma das minhas exigências ao vender minha história.

Solto um suspiro alto, abandonando meus sonhos e devaneios, quando escuto meu celular tocando em algum lugar do apartamento grande para onde me mudei há pouco mais de seis meses.

Vejo o nome da minha irmã mais velha na tela e sorrio, já sabendo o que me espera.

— *Emily Brendon, o que foi isso?* — Sua voz fina sai esganiçada, enquanto fala cada palavra pausadamente. — *Como você acabou o livro assim, sua desalmada? Você não tem um coração?*

Solto uma risada baixa e afasto o *notebook* para o lado, porque as conversas com Alexia não duram menos do que uma hora, principalmente quando envolvem as coisas que escrevo.

— Não tenho ideia do que você está falando, *sis* — brinco, fingindo-me de desentendida.

— *Você simplesmente separou o meu casal! Não acredito que esse homem está sofrendo assim, Emily! Como você pôde? Como? Me coloca nesse livro que dou logo um jeito de cuidar desse coração ferido* — dramatiza, fungando alto, e eu só consigo rir.

Já tive o meu tempo de sofrer por Bryan e Emma, meus personagens favoritos de todos os tempos. Terminei o livro há pouco mais de um ano e a receptividade foi tamanha que passei a receber mensagens de pessoas de vários países praticamente me ameaçando, implorando por uma continuação.

Não consegui me dedicar à escrita depois do primeiro livro, porque meu coração de escritora me dizia que ainda não era o momento deles, mas agora, muito tempo depois, estou sendo pressionada pela editora.

— Eles vão ficar bem, Alexia. Juro! Estou agora mesmo escrevendo uma cena quente como o inferno, com eles subindo pelas paredes — minto, e ela solta um resmungo do outro lado da linha.

— *É por isso que odeio ler e esperar uma continuação! Eu sofro! Mas não resisti, você estava enrolando demais* — choraminga, e eu gargalho. Alexia é do tipo que só lê e assiste coisas completas. Ela aguentou durante muito tempo, comigo provocando-a toda hora, até ela ser vencida pela curiosidade. — *Me conta! De onde você tira inspiração para esses delícias? Sua vida sexual não é muito movimentada que eu sei.*

— Ei! Uma mulher não pode pesquisar? E como você está sabendo da minha vida sexual?

Finjo uma revolta, mas minha irmã não está errada. Não tenho mesmo muita experiência quando se trata de homens e relacionamentos. Conheço muito mais lendo, escrevendo e pesquisando do que realmente vivendo. Não sou virgem, claro. Mas nunca encontrei alguém que me faça me sentir como minhas mocinhas: abaladas, atraídas como ímãs e excitadas só com a presença do homem *sexy*, gostoso e romântico.

Talvez eu tenha colocado minhas expectativas altas demais graças às coisas que escrevo.

— *Me conta! O que vai acontecer com eles, Em? Ela vai atrás dele depois de ter sacaneado com o meu homem? Me diz!*

— Infelizmente, senhorita, isso não posso dizer.

— *Você não tem coração. E.K. Brendon!* — exclama, usando o meu pseudônimo.

Eu rio, e minha irmã passa bons minutos tentando arrancar todas as informações confidenciais da produção do filme. Detalhes que não posso dar nem mesmo para ela. Ou melhor, principalmente para ela, que é linguaruda.

Quando desligo o celular, com a orelha quente depois de ouvir Alexia falando das suas cenas preferidas que precisam estar no filme, volto a pegar o computador para tentar escrever. Ajeito a armação preta de gatinho no rosto e suspiro, deixando os dedos correrem pelas teclas enquanto digito e apago mais vezes do que consigo contar.

Desisto.

Às vezes, parece que a inspiração simplesmente não vem. Eu até estava inspirada, antes de ser interrompida pelo barulho do abatedouro do descarado do lado.

Salvo a desordem de palavras que digitei e fecho o computador, abandonando o capítulo por enquanto. Vou até a cozinha, e os barulhos recomeçam, mas dessa vez só escuto um grito feminino exagerado demais.

Venho vivendo essa rotina desde que me mudei para cá, por isso a fase de me estressar com isso a ponto de querer morrer já passou. Agora, só me estresso

a ponto de querer torcer o pescoço dele mesmo. Principalmente quando estou tentando escrever. Mexe com meu sono, mas não mexe com minha escrita, jovem.

Abro a geladeira e pego uma garrafa de suco de laranja. Encho o copo e viro à boca, quando ouço um coro:

— Isso! Isso! Isso! Ah, meu Deus! Fode mais rápido, Jason! Sim! Sim!

Cuspo o líquido no chão e arregalo os olhos, chocada com a orgia que virou. Seco a boca com as pontas dos dedos e ando até meu quarto, com a curiosidade aflorada. Subo na cama e coloco o ouvido na parede fina. Isso é uma maldição na maior parte dos dias, mas ao mesmo tempo, é uma bênção para quem busca cenas de inspiração como eu.

— Chupa, porra! — Escuto uma ordem rouca e mordo o lábio, imaginando-me como protagonista da cena que ocorre ali do lado. Como ele deve ser? — Esfrega o grelinho dela, gatinha. Isso, assim.

Arregalo ainda mais os olhos e sinto meu rosto esquentar. É engraçado como escrevo cenas desse tipo há muito tempo, mas consigo me chocar por ouvir isso de verdade, ao vivo. É tão… selvagem.

O vizinho safado dá uma canseira no que parece que são duas mulheres. Escuto as duas gritando, umas duas vezes cada, como se estivessem possuídas, antes de chegar a sua vez. Mais uma vez, o rugido de animal aparece e, então, finalmente o silêncio. A paz.

Afasto-me da parede e fico fantasiando com a aparência dele, quando sinto meu corpo letárgico. Já é de madrugada e era para eu estar dormindo, porque meu cérebro provavelmente funcionaria melhor se eu tentasse escrever pela manhã. Infelizmente, sou uma pessoa da madrugada. Mas vou tentar dormir de qualquer forma.

Escovo os dentes, solto o rabo de cavalo e abandono a presilha na mesa de cabeceira. Deito e puxo as cobertas.

Sinto que o sono vai vir rápido e fácil, mas o barulho recomeça.

— Inferno! — xingo, quando a cama dele bate na minha parede com força.

Sento-me de uma vez no colchão e calço as sandálias antes de me levantar com raiva.

Sou relativamente nova no prédio, mas não sou obrigada a aceitar esse tipo de coisa. Uma pessoa não pode transar tanto assim!

Saio do meu apartamento e, antes que controle meu lado impulsivo, estou batendo com força na porta do lado.

Respiro fundo, controlando a ira que habita em mim. Eu sou uma pessoa pacífica, juro que sou. Mas sou do tipo que acumula as coisas antes de finalmente explodir. E agora chegou o meu momento.

Ninguém atende de imediato, mas os gemidos param. Bato de novo, dessa

vez com mais força, mesmo que sejam quase três da manhã e isso possa acordar os outros vizinhos do andar.

A ira já despertou. É tarde demais.

Assim que a porta se abre, sinto a raiva murchar como um balão. Abro e fecho a boca, olhando para o tanquinho com muito mais gomos do que consigo contar.

A pele bronzeada está coberta de suor e tampada apenas por um lençol amarrado da cintura para baixo. Meus olhos fazem um estudo rápido — ok, ok, nem tanto assim — do seu corpo. Uma tatuagem enorme começa do ombro esquerdo e desce pelo peito até perto da barriga, tampando o mamilo. Não consigo identificar o que é, só sei que aparenta ser um sol dentro de um círculo. Os dois braços também são preenchidos inteiros por tatuagens emaranhadas.

Mas não preciso dizer que não é exatamente isso que me chama a atenção, não é?

O homem cheira à selvageria, coito e putaria. Nem em mil anos imaginei ficar cara a cara com um deus do sexo seminu.

— Tem alguém aí? — ele pergunta, abaixando o rosto para que meus olhos foquem nos seus.

Para completar o kit, as íris são azuis, um tom discreto que não se destaca tanto, mas que não deixa de ser lindo. Os cabelos pretos estão uma completa

bagunça. Noto alguns arranhões no seu peitoral e novamente sou interrompida.

— Olá? Terra chaman…

— Você precisa trepar mais baixo! — Sim, essa foi a primeira coisa brilhante que saiu da minha boca. Eu tinha tanta coisa para começar falando, para quebrar o gelo antes, talvez, mas não.

— Oi?

— É isso mesmo. — Ergo o queixo e não volto atrás. Já era. — Você tem vizinhos, são três da manhã e você transa como se fosse um… Um…

Vejo um vestígio de sorriso debochado aparecer no seu rosto.

— Um…?

— Um lobo no cio! — exclamo, batendo os pés de irritação.

— E você já viu um? — pergunta com a voz grave, rouca como nunca vi antes em homem algum. Nem nos meus melhores sonhos eróticos.

— Eu… O ponto não é esse! Eu me mudei há seis meses e não tive um dia sequer de paz! Não dói usar… isso o tempo todo?

Mais um erro da noite: olhar para a armação coberta apenas pelo lençol branco. Erro grotesco!

— Não dói. Na verdade, acho bem legal — zomba, olhando para mim de um jeito intrigado.

Merda, eu devia ter dado uma produzida para aparecer na porta alheia. Vejo seu olhar estudando meu *look* composto de um pijama largo demais e pantufas de cachorro.

Você é sexy demais, Emily. Parabéns!

— Você atrapalha o meu trabalho. Pode, por favor, só diminuir um pouco o barulho? — peço, tentando ser mais gentil.

— Infelizmente, não. Esse é meu lance, sabe? Quanto mais suor, barulhos, tapas e gemidos, mais gostoso é. Foi mal.

Antes que eu possa responder, o mal-educado bate a porta na minha cara. Que ogro! Além de barulhento, é malcriado! Acabou qualquer chance de resolvermos isso de forma amigável quando ele bateu a porta na minha cara.

Volto para meu apartamento batendo os pés e com ainda mais raiva. Sinto meu corpo quente e minha respiração acelerada. Ver aquele homem me deixou nervosa, de todas as formas possíveis.

Estou agitada.

Encho um copo de água e viro de uma vez antes de voltar para meu quarto. Está silencioso do outro lado. Acho que ele decidiu me ouvir, afinal de contas.

Cerca de vinte minutos depois, após me certificar de que ele realmente acalmou o fogo, me aninho ao meu edredom e fecho os olhos.

Se você acha que tive paz, está completamente enganada. O barulho recomeça, duas vezes mais alto. Se é que é possível. Choramingo e poderia deixar passar, mas não. Sou vingativa, que pena.

Procuro uma caixinha para executar o plano maligno que se formou na minha mente. Quando encontro o que procurava, sorrio diabolicamente e volto a sair do meu apartamento, certificando-me de que não tem ninguém no corredor.

Grudo a pequena caixinha de som, que uso para colar no box do chuveiro, na porta dele, e volto para meu quarto. Conecto meu *bluetooth* ao aparelho, acesso meus sites educativos que uso para pesquisa — apenas para isso, ok? — e aumento o volume no máximo.

O vídeo de dois homens transando começa a ser reproduzido, e eu fico apenas vendo as imagens, controlando a risada, quando o som soa alto no corredor do nosso andar.

Os gemidos do vizinho se calam imediatamente, e escuto o xingamento alto daqui. Tampo a boca enquanto rio.

— Acho melhor a gente terminar por aqui, meninas. Tem alguém com inveja de vocês.

Escuto a voz grave dizendo e comemoro a pequena vitória de hoje, ignorando a indireta que sei que é para mim.

Tudo em nome do meu lindo sono.

CAPÍTULO 02

JASON

Mal dormi três horas e posso ouvir meu agente berrando por eu não ter descansado na véspera do grande teste, como ele mesmo chama. Eu nem queria ir, mas Richard me forçou. Disse que desistiria de me agenciar se eu continuasse me negando a fazer o meu trabalho, que é atuar.

No final das contas, só aceitei isso por ela. Se eu a quero de volta na minha vida, preciso agir como um adulto responsável e trabalhar. Mas só de pensar em voltar a atuar, sinto náuseas.

Quando o celular volta a tocar, com o terceiro alarme despertando, eu me levanto com um resmungo e me encaminho até a suíte. Tomo um banho rápido e confiro a imagem no banheiro, vendo que não estou com a cara acabada como achei que estaria. Menos mal. Escovo os dentes, penteio os cabelos com os dedos e jogo-os para o lado. Ótimo.

Visto uma roupa social e coloco o relógio imenso que meu avô costumava dizer ser meu amuleto da sorte. Espero que traga mesmo, porque estou precisando de alguma esperança. Algo que me motive a me levantar da cama para tê-la de volta.

O celular vibra em cima da cama, e reviro os olhos quando vejo que

Richard não dorme no ponto.

— Já estou saindo — falo assim que atendo, impedindo que a bronca gratuita venha.

— Assim que eu gosto. É a sua grande chance, Jason. Não desperdice.

Ele desliga antes que eu possa responder, e pego as chaves do carro em cima da mesa próxima à porta. Sorrio de canto quando vejo a caixinha de som que guardei ali.

A vizinha ainda vai me pagar pela brincadeirinha para me constranger com os demais vizinhos. Ninguém brinca comigo e fica por isso mesmo. Cedo ou tarde, a vingança vem.

Volto a deixá-la ali e saio do apartamento, trancando a porta atrás de mim. Coloco o endereço que meu agente me enviou e sigo em direção ao teste.

Faz anos que não atuo, mas os papéis que fiz me deram dinheiro o suficiente para que eu viva bem por muitos e muitos anos. Não gosto de luxo, isso é o que menos importa para mim agora, mas sei que preciso voltar à ativa.

Assim que estaciono em frente ao local das audições, desço do carro e entro no prédio, anunciando-me na recepção.

Richard mandou meu vídeo para a equipe de produção e não demorou para ser chamado para o teste presencial. O papel é grande. Pelo pouco que li no *script*, é para interpretar o irmão da protagonista. É um bobão, cheio das piadas

fora de hora, nada que precise de habilidades especiais para interpretar.

Encontro muitas pessoas na sala de espera. Quando faço a ficha, me sento e repasso o texto na cabeça. Cerca de trinta minutos depois, eles me chamam, e eu entro na sala de audições, onde vejo câmeras apontadas para a parede, a fim de gravarem o teste. Já fiz muitos durante toda a minha carreira, então isso não me surpreende.

O que me surpreende de fato é ver que a minha vizinha, a gostosinha que me pregou uma peça, é uma das pessoas da bancada. Inclino a cabeça para o lado, surpreso, mas logo minha atenção é desviada para o homem no centro da mesa.

— Boa tarde… — Ele olha para o papel à sua frente, provavelmente vendo meu sobrenome. — Senhor Connor.

— Boa tarde.

Posiciono-me no xis em frente à mesa e faço um sinal de cumprimento para toda a equipe da sala. Meu olhar foca novamente na mulher de olhos verdes chamativos e cabelos pretos que me encara com surpresa.

— Vimos que você fez teste para o papel do Chad, o irmão. Você se importa de improvisar outro *script* para a gente? — pergunta o diretor. — É uma cena um pouco diferente da que você gravou.

— Não me importo, sem problemas.

Ele acena e me entrega umas folhas. Passo o olho na cena rapidamente, lendo o roteiro.

— Ela vai fazer a fala da Emma e você do Bryan, ok? Precisa de uns minutos?

— Não, tudo bem — respondo, lendo, percebendo nuances do personagem para entrar no papel.

A cena é de uma briga que termina em um combate quente de corpos. Sou bom nisso.

Uma atriz se posiciona na minha frente, e mantenho o papel nas mãos, usando da minha memória visual para gravar as falas. Nada que um improviso que não fuja demais à cena não ajude. É isto o que eles buscam: alguém que consiga sair de um imprevisto sem atrapalhar demais a cena.

A loira à minha frente também olha para o papel. Estamos de lado para a mesa, e sinto todos os olhares em nós dois.

— Prontos? Começando.

— Você me usou, Bryan! Enquanto você dizia que me amava, era nela que a sua mente estava! Era ela quem você estava amando! — a atriz exclama, com as lágrimas escorrendo dos seus olhos em poucos minutos de atuação.

— Eu te usei, Emma? Jura? Tudo o que fiz foi me dedicar à nossa relação, a nós dois! — falo, travando o maxilar, atuando como se eu fosse o Bryan.

Neste momento, não existe mais Jason, existe apenas um homem ferido e magoado com a amada. Neste momento, eu sou o próprio personagem.

— Se dedicar? Quando? Quando foi atrás dela?

— Eu não… — digo, interrompendo a fala e engolindo em seco, como no roteiro. — Não fui atrás dela, Emma. Não diga o que você não sabe.

— Você é um mentiroso! Um maldito, estúpido e mentiroso!

— Então por que você ainda está aqui? Por que mesmo depois de tudo o que me acusa, ainda está aqui, Emma? Me diga! — brado, erguendo as folhas enquanto faço um gesto com as mãos.

A atriz se vira de costas, mas logo volta a olhar para mim, secando o rosto manchado de lágrimas.

— Porque fui estúpida o suficiente para me apaixonar por você — ela sussurra, vulnerável. — Mas não vou amar sozinha na relação. Isso não é para mim.

Como no *script*, ela se vira para ir embora. Eu devia segurar sua mão, tocar seu rosto de leve e dizer que a amava também, mas estou tão envolvido na cena e no personagem que acabo saindo do *script*. Puxo a atriz e encaixo seu corpo ao meu. Ela arfa e olha para meus lábios com confusão, mas não sai do papel.

— Não vou te deixar ir, porque você é minha. E eu sou seu.

Seguro na sua nuca, enfiando os dedos nos seus cabelos, e a beijo. Seu corpo amolece com meu toque, mas não prolongo a atuação por muito tempo e logo me afasto.

— Isso foi… Uau. Muito uau — diz uma das mulheres da bancada, apertando uma caneta com um sorrisinho no rosto.

— Incrível. Você conseguiu entrar no personagem muito rápido. — É a vez de o diretor falar. Sorrio fraco.

Mas a reação que me interessa está na mulher na ponta da mesa. Ela está calada desde que entrei aqui, apenas fazendo anotações em um caderno.

Não sei quem ela é e nem qual seu papel na equipe, mas a pequena criatura me intriga. Quando a encaro por tempo demais, perdendo algumas das coisas que o resto do pessoal fala, ela encaixa a mão na nuca e vejo que seu pescoço está vermelho.

Parece que alguém se constrangeu com a cena. O que me faz ficar ainda mais curioso. Como ela consegue colocar um filme pornográfico na porta de alguém, mas fica constrangida com a atuação de um beijo?

— Muito obrigado, Jason. Com certeza vamos entrar em contato.

Aceno sorrindo e me despeço de todos. Quando todos se entretêm com outras coisas, ando até a porta, mas vejo o olhar da moreninha me acompanhando. Não consigo me conter e pisco para ela antes de sair daqui

rindo.

Sinto que o papel é meu.

A primeira coisa que faço após sair do prédio é ligar para o meu agente para contar as novas.

— *Até que enfim, Jason. Estou sentindo que o papel é nosso. Vai te dar uma visibilidade enorme, sem falar no dinheiro.*

— Você sabe que não é isso o que me importa.

— *Eu sei, eu sei. Você precisa de estabilidade, um rumo para sua vida.* — Solta um suspiro e continua: — *Como você está?*

— Bem.

— *Ok, agora como você está de verdade, Jason?* — pergunta de novo.

— Estou tranquilo, Richard. Sem drama.

O homem desiste de insistir, como sempre, e desliga o telefone. Encaminho-me para casa e, durante o caminho, disco para o número que me causa um aperto no peito sempre que preciso ligar.

— *Oi, senhor Connor.*

— Oi, senhora Thompson. Como ela está? — pergunto, dirigindo enquanto a voz rouca e já de idade ecoa pelo som do carro.

— *Com saudade. Ela pergunta de você todos os dias.*

Aperto os lábios com força e aceno mesmo que ela não me veja.

— Diga a ela que eu a amo. Muito.

— *Ela sabe. Ela sabe, filho* — responde, e trocamos mais meia dúzia de palavras educadas antes de eu desligar o celular.

Tudo isso é por ela. Para ela.

É uma parte da minha vida que tento apagar, porque me dói não ter controle. Dói não poder fazer nada de imediato, mas estou tentando.

Enquanto isso, uso tudo o que consigo de distração. Normalmente, mulheres. Muitas. De uma vez. Mulheres que não tenho orgulho de admitir que me esqueço do nome, e até mesmo do rosto, no segundo seguinte. Ajudam. Até eu ficar sozinho de novo.

Imagino o rosto de Adele me repreendendo por ter me tornado um libertino e sorrio fraco, enquanto uma lágrima escorre pelo meu rosto.

Sinto tanto a falta dela que chega a doer. Minha esposa era, antes de tudo, a minha melhor amiga. Nós começamos nosso relacionamento com uma bela amizade, e isso se manteve com os anos. Ela era perfeita.

Mesmo depois de anos da sua morte, consigo ouvir a risada esquisita que ela tinha, com um pequeno ronco no final. Se eu fechar os olhos, consigo ver todas suas expressões com bastante clareza.

Se hoje não estou afundado em um luto eterno é porque ela me fez

prometer que continuaria a viver, que seguiria minha vida. No início, foi difícil manter a promessa. Como se vive sem um pedaço seu? Mas depois, me lembrei do quão apegada Adele era a promessas e me forcei a seguir em frente. Um dia de cada vez. Como ela queria…

Quase passo da avenida do meu prédio, perdido em pensamentos, mas entro ali e estaciono, deixando o veículo mal estacionado mesmo.

Passo o resto da manhã e da tarde inteira pesquisando sobre audições que estão acontecendo. Sei que isso é papel do meu agente, mas se quero levar isso a sério de novo, preciso me atentar ao que está acontecendo. Estou um pouco fora do mercado.

Não estudei absolutamente nada para o papel de mais cedo, apenas gravei o texto e fui.

De repente, fico curioso para saber mais sobre minha vizinha. Digito o nome do filme na internet e várias notícias aparecem. É uma adaptação de um livro.

Leio um resumo da sinopse que aparece e volto a ler as notícias. Finalmente, encontro quem eu procurava. Estava pesquisando errado.

Minha vizinha desaforada não é diretora, produtora ou nada desse tipo, ela é simplesmente a escritora da obra.

“Emily Katherine Brendon é o novo sucesso mundial. Com apenas vinte e

cinco anos, a escritora já tem mais de dez milhões de livros vendidos para o mundo inteiro. E agora, o seu maior best-seller vai virar filme. A lista de atores ainda não foi divulgada, mas estamos ansiosos para saber quem irá interpretar nosso queridinho Bryan Walter”.

A notícia me chama atenção e me choca ao mesmo tempo. O destino às vezes é uma merda. Eu tinha que estar envolvido profissionalmente com a pessoa que parece estar disposta a me infernizar? Com a dona da própria história? Torço para que isso não me prejudique para conseguir o papel, porque ele realmente seria muito bom para minha carreira, para atingir meus objetivos.

Leio mais uma porção de notícias, com fãs da obra especulando sobre possíveis atores para interpretar o papel.

Perco-me lendo mais sobre Emily e sobre seus livros. Aproveito para comprar o *e-book* e me perco nas páginas, mesmo que romance não seja exatamente meu tipo de leitura. Estou curioso.

Só paro de ler quando escuto o barulho da chave na porta ao lado, muito tempo depois. Já está quase de noite e percebo que não comi nada depois do almoço.

Fecho o computador e peço uma pizza. Mas, antes disso, tenho pendências para resolver.

Pego a caixinha de Emily e saio do apartamento, tocando a campainha várias vezes de propósito. Ela abre a porta com uma expressão de raiva, que se

transforma em surpresa ao me ver.

— O que… — Seu olhar sobe para minhas tatuagens nos braços e descem até a ponta da *boxer* roxa à mostra na calça jeans. — O que você quer?

— Vim te devolver isso. — Abro um sorriso provocante, e ela estica a mão para pegar a caixinha, mas a afasto, colocando no alto, onde Emily não alcança. — Com uma condição.

— O que pensa que está fazendo? É minha!

— Não pareceu sua quando abandonou na minha porta, Emily… — digo seu nome baixinho, de um jeito sedutor, e os olhos verdes se arregalam antes de ela fechar a cara. — Te devolvo se comer uma pizza comigo.

— Prefiro morrer de fome.

Antes que eu insista, ela bate a porta na minha cara, deixando-me com uma expressão de surpresa no rosto. É a primeira vez que alguém faz isso comigo, e não gosto nada da sensação de ser rejeitado.

Volto para meu apartamento, ainda mais disposto a uma vingança por Emily ter interrompido minha distração ontem.

Ninguém empata minha foda e fica por isso mesmo.

CAPÍTULO 03

EMILY

Eu vou matar esse homem.

O infeliz agora além de trepar feito um louco na última semana, ainda fez questão de usar um rock como trilha sonora. Não sei como ele não foi expulso do prédio, sinceramente. Isso é perturbação de paz. Da minha preciosa paz. E eu prezo muito por ela.

Não é possível que somente eu estou incomodada com esse barulho todo que ele faz.

Pelo menos consegui terminar um capítulo antes de ele começar a baixaria. Não ficou perfeito, mas ainda assim é melhor do que o bloqueio que estava tendo ultimamente. Depois terei tempo para lapidá-lo melhor.

Ignoro os sons ao fundo e ando até a pequena adega que tenho, meu segundo lugar preferido do apartamento. Olho as garrafas atentamente e escolho uma. Pego uma taça dentro do meu armário e me arrasto até as janelas de vidro. Elas ocupam uma parede inteira e me permitem ver as luzes dos prédios espalhados pela grande metrópole. É uma visão de tirar o fôlego, ainda mais agora à noite.

Procurando um pouco de silêncio, vou até a sacada, que ocupa o posto de

lugar favorito, e me sento na cadeira ali. Sirvo-me uma taça de vinho e coloco a garrafa em cima da mesinha baixa. Gosto de vir aqui para ler em noites como essa, com um vento gostoso esfriando meu corpo. Mas agora, só quero não pensar em nada.

Não quero pensar em como estou perturbada desde o primeiro dia dos testes de atuação. Foram muitos dias vendo várias pessoas atuando, doidas querendo o papel. Eu me senti como em um sonho ao ver atores famosos, que sempre admirei, ali, na minha frente, querendo interpretar um mocinho de ficção que surgiu da minha cabeça.

É mesmo surreal.

O que foi ainda mais chocante foi encontrar com ele, o safado do pau de aço. Jason Connor. Se fosse qualquer outro dia, ele teria passado batido por mim, porque aquela foi a segunda vez em que o vi, mas a visão dele quase pelado ainda estava fresca na minha mente. Não foi difícil reconhecê-lo em toda aquela pose confiante demais. Arrogante demais, eu diria.

Quando a equipe da produtora me perguntou o que eu havia achado dele, minha língua coçou para me vingar, para dizer que eu havia achado um horror. Mas isso seria mentira da minha parte. E nada profissional também. Então, coloquei um sorriso no rosto e falei a verdade: eu tinha amado.

Senhor, o que é aquilo?

O pior de tudo é que consigo enxergá-lo como meu Bryan, meu homem

lindo, perfeito e sem defeitos, mesmo que Jason seja exatamente o oposto disso, aquele ogro mal-educado. Mas aí é que tá. Em poucos minutos, o homem realmente entrou no papel. Ele incorporou um cara ferido, magoado e inseguro. Consegui mergulhar na cena enquanto Jason atuava.

E eu realmente odeio isso. Odeio que provavelmente ele vá conseguir o papel do meu homem, que eu tenha que conviver com ele, que seja ele a espalhar a imagem do meu Bryan por aí. Mas a equipe toda ficou deslumbrada demais, sei que vai ser inevitável.

Movida pela minha curiosidade, volto para a sala, ainda com a taça na mão, e pego meu celular antes de voltar para a varanda. Abro o site de pesquisas e digito Jason Connor na busca. Várias imagens aparecem, mas me atento às notícias. Os filmes e séries que ele atuou aparecem na tela, e eu me pergunto como não o conhecia antes. Não sou exatamente viciada em cinema, sempre preferi os livros às telas, então provavelmente deve ser por isso.

Choco-me quando vejo que tem trinta e cinco anos e é viúvo. Ele não devia estar de luto ou algo do tipo? Jason é o tipo oposto de homem que perdeu a esposa. Cadê o mau humor? O celibato?

Perco longos minutos pescando informações sobre sua vida e estranho as notícias que dizem que ele está há muito tempo afastado das telas — para a tristeza dos fãs, segundo eles. Estou prestes a aprofundar minhas pesquisas, quando escuto minha campainha tocando.

Deixo o celular e a taça de vinho em cima da mesinha da varanda, e ando até a porta, chocando-me ao ver que é exatamente o dito-cujo que rodeava meus pensamentos há alguns segundos.

— Pois não? — pergunto, tentando fingir uma indiferença que não sinto ao ver que, como sempre, ele está seminu.

— Boa noite, E.K. Brendon. — Arregalo os olhos por ele falar meu pseudônimo, porque é sinal de que já sabe quem sou e não apenas meu nome, de que provavelmente também investigou minha vida como fiz com a sua. — Vim em busca de trégua.

Solto um pigarro e forço meus olhos a focarem no seu rosto, e não no peito suado.

— E nós estávamos brigados? Em guerra? Algo assim? Não estou sabendo.

O homem solta uma risada e, puta merda, por que tão bonito? Por que dentes tão brancos? Estou em busca de defeitos físicos — já sabemos que ele não é educado, então tem defeitos na personalidade — e me forço a pensar que o pau dele é do tamanho do meu dedo mindinho. Quando minha mente pensa nisso, solto uma risadinha antes que possa me controlar, e Jason inclina a cabeça para o lado, curioso.

— Algo engraçado?

— Não é nada. — Aperto os lábios para prender a risada. — O que você deseja?

— Vim propor uma troca. Te devolvo a sua caixinha… — diz, apontando para o objeto na sua mão. — E você me empresta chantilly.

Ergo uma sobrancelha de descrença, sem acreditar na proposta de barganha. É mesmo muita cara de pau.

— E o que te faz pensar que vou trocar algo que já é meu por isso?

— Bom, já que você não quer…

Ele faz menção a voltar para seu apartamento, e eu suspiro. Minha caixinha foi cara.

— Ok — digo e vou para entrar para buscar o que ele pediu. — Mas quero outra coisa em troca além da minha caixinha.

Jason sorri abertamente e faz uma expressão maliciosa, que eu trato logo de cortar.

— Nem pense nisso. Você não é um deus do sexo, não é irresistível a ponto de todo o mundo querer esse objeto incansável que carrega no meio das calças — digo arisca, e seus olhos se arregalam de leve pela minha fala bruta demais. — Eu só preciso de verdade da sua colaboração. Não consigo escrever enquanto você faz barulho. E isso acontece praticamente todas as noites.

O vizinho abandona o sorriso e me olha por tempo demais com uma

curiosidade na expressão. Não o conheço o suficiente para saber o que está pensando. Não confio nele, nem mesmo quando solta um suspiro e acena, parecendo concordar.

— Tudo bem. Me desculpa se minhas atividades te atrapalham. Vou tentar ser menos barulhento, mas não sei se consigo controlar as mulheres.

O sorriso safado volta, e eu bufo, entrando no meu apartamento e deixando-o ali parado na porta.

Surpreendendo-me, Jason vem atrás de mim. É estranho ter um desconhecido invadindo o meu apartamento sem convite, mas ele parece mais curioso com minha casa do que comigo, então não fico com medo de que ele vá me atacar. De repente, talvez possa saquear tudo, mas me atacar não.

— Não te convidei para entrar! — grito da cozinha e escuto seus passos descalços atrás de mim enquanto procuro o chantilly no armário.

— Eu sei. Fiquei curioso para saber como seria sua casa.

Viro-me de volta para ele, notando que está perto demais de mim agora. Muito, muito perto.

Empurro a latinha no seu peito, ainda a segurando, e estico a outra mão para que ele deposite minha caixinha de som. Jason a coloca ali e segura a minha outra mão, que está pousada de leve no seu peitoral.

Minha respiração se acelera com a proximidade, e seus olhos vão para

meus lábios. Mas nem fodendo que vou ceder a esse homem.

Jason tem cheiro de problema. Agora que apareceu na minha vida profissional, mais do que nunca.

— Já matou sua curiosidade? — pergunto e me afasto do espaço da cozinha. — É um apartamento normal, não um abatedouro como deve ser o seu.

Escuto a risadinha baixa atrás de mim enquanto ando de volta para a porta. Sua presença perturbadora aqui na minha casa não é um bom sinal.

— Quase não reconheci você sem seus óculos na semana passada — ele fala aleatoriamente, e eu inclino a cabeça para o lado, surpresa com o comentário. — Há quanto tempo você escreve? Comecei a ler sua história. A do filme. Você é boa.

Se antes fiquei surpresa, agora meus olhos saltam da cara.

— Você… está lendo meu livro? Por quê? — indago em um sussurro e sinto meu rosto quente de vergonha.

É uma coisa que sempre acontece comigo, infelizmente. Basta que qualquer pessoa diga que me lê para que o constrangimento se aposse de mim ao imaginá-la lendo as cenas quentes.

— Fiquei curioso. — Ele dá de ombros. — Você não me respondeu.

Aperto meu corpo com os braços, abalada com seu olhar sobre mim. Eu me sinto despida com o jeito que Jason me olha.

— Desde muito nova. Não o tipo de livro que escrevo hoje, claro — respondo, e ele acena.

— Realmente, não tem como uma mente infantil escrever uma cena como aquela, em cima da máquina de lavar roupa. — A vergonha que estava sentindo piora, e Jason parece gostar disso, porque um sorrisinho pretensioso aparece no seu rosto. — Você tem vergonha de falar disso? Que gracinha.

— Eu… Claro que não — respondo, empinando o queixo em desafio.

— Sei. — Ele sorri abertamente de novo. — Mas você é mesmo boa, Emily. Isso está vindo de alguém que não gosta de ler nada além de roteiros e livros de terror.

— Obrigada. — Permito-me abrir um sorriso contido, sem demonstrar que o elogio me deixa feliz.

É difícil cativar o público masculino. A maioria dos homens é machista quando se trata de mulher e qualquer coisa que envolve a sexualidade ou o sexo. Não é incomum que eu leia comentários ofensivos, preconceituosos e abomináveis sobre o tipo de literatura que escrevo. Mas isso nunca mexeu comigo. Nunca me importou porque estou ocupada demais escrevendo o que gosto para me preocupar com quem não vai fazer diferença nenhuma na minha vida.

— Sou Jason, aliás — fala, esticando a mão livre em minha direção.

— Eu sei. — Estico a minha, que se perde na sua palma grande. Ele sorri mais.

— Claro que sabe.

Por um momento, a perturbação que sinto com sua presença piora. Torna-se algo mais. Não é novidade para mim que eu sinto desejo por ele. Quem não sentiria? Esse homem é o típico galã de filme. Literalmente! Gostoso, cafajeste e sedutor. E é por isso mesmo que preciso ficar bem, bem distante dele.

Agora vai explicar isso para meu corpo frágil e manipulável! O toque na minha mão dura tempo demais. Jason inclina a cabeça cheia de fios bagunçados para o lado e me analisa com a curiosidade que parece sempre existir quando me olha.

Felizmente, somos interrompidos por uma mulher magra demais, seminua demais. Sorridente demais.

— Jay? Está demorando — fala com a voz manhosa.

— Eu já vou. Me espera lá, meu bem.

Ela acena e sai praticamente saltando como uma criança que ganha presente de Natal.

— Não acredito que você pediu chantilly para isso — resmungo, puxando minha mão da sua com pressa, quebrando o encanto.

— O que foi? Você me inspirou.

Meu rosto esquenta de novo, e passo a língua pelos lábios, desviando o olhar das íris azuis brilhantes.

— Obrigado por isso. — Ergue a latinha e sorri de um jeito safado.

Solto uma risada descrente com a cara de pau e vou para fechar a porta quando ele sai, mas sua mão a impede.

— Ei, você aceita… tomar um vinho qualquer dia desses? — indaga, e eu franzo o cenho.

— Está mesmo me convidando para sair com uma mulher te esperando ali do lado? Você é autoconfiante demais ou só é sem-noção?

Não espero que ele responda. Como parece ter sido nossa mais nova tradição, empurro a porta, bato-a na sua cara e a tranco, sacudindo a cabeça de descrença.

Que safado!

Como a curiosa que sou, vou até meu quarto, onde consigo ouvir melhor as coisas que ele apronta. Por incrível que pareça, Jason parece mesmo estar disposto a diminuir o barulho. Só consigo ouvir os gritos da mulher, que logo são contidos por ele.

— Shhh, caladinha, meu bem — rosna de um jeito *sexy*, que me faz morder os lábios.

Encaro o teto e me torturo ouvindo os sons que vêm do outro lado. Droga,

isso não devia ser excitante.

Consigo imaginar toda a cena que se desenrola ali. Um tapa alto e estalado. O boquete que ele recebe, porque consigo ouvir a mulher se engasgando. Quando ela chega ao ápice. Mas espero pelo *gran finale*: o momento que ele goza.

Escuto o barulho da cama sacudindo algumas vezes, e logo começa. Começa baixo, parecendo que ele está tentando se conter mesmo. Sorrio fraco e nem sei o motivo, mas o sorriso morre no segundo seguinte.

— Oh, Emily, assim…

Ele não fez isso. Não pode ser uma coincidência.

Arregalo os olhos e me sento na cama, encostando o ouvido na parede para ouvir melhor.

— Ah, gostosa…

Ele não repete meu nome, e acho que imaginei coisas.

— Você me chamou de Emily. — Escuto o resmungo da mulher quando ele termina de gozar e confirmo que não imaginei nada.

— Desculpa, meu bem — ele fala, sem constrangimento nenhum na voz. — Minha cabeça estava… longe. Ou perto. Não sei. Foi mal.

Não fico ali para escutar mais. Vou até a sala, sentindo-me abalada. Que porra foi essa de gozar chamando meu nome? Ele sabia que eu estaria ouvindo e

fez de propósito? Ou simplesmente saiu?

Enfio os dedos nos cabelos e mordo os lábios, abalada. Que merda… Preciso de um banho gelado.

TUDO PELA FAMA



LINK: https://amzn.to/3nie9J0

Miguel Macedo é um cantor sertanejo cafajeste, arrogante e descarado. Ou pelo menos essa é a imagem que a mídia mostra do homem sempre envolvido em polêmicas. Quando uma delas faz seu caminho cruzar com Lara, Miguel vê nisso uma oportunidade para alavancar a carreira dos dois.

Lara Vasconcelos é seu completo oposto. Centrada e competente, a cantora pop tem orgulho de ser reconhecida por seu trabalho, e não por uma vida cheia de escândalos. Mas quando uma *fake news* a coloca como amante do sertanejo irresponsável, ela se vê forçada a lidar com tudo que sempre odiou.

Ela não o suporta, e ele a acha irritantemente atraente. Entre fofocas, mentiras e um fogo inegável, os dois vão precisar descobrir o que existe de

verdadeiro em um relacionamento de mentira que nasceu apenas para enganar a mídia, mas se tornou muito mais.

DE REPENTE, RENDIDO



LINK: https://amzn.to/3hWDRig

Marcelo Bittencourt, o frio e calculista advogado, era apaixonado pela cunhada há muitos anos, mas escondeu o sentimento durante muito tempo por medo de perder o irmão, uma das poucas pessoas que amava na vida.

O homem nunca se permitiu amar ninguém, pois o sentimento nunca pareceu acessível a ele devido à sua paixão proibida. Isso até conhecer Pâmela Cruz, uma mulher insana, espontânea e provocante, que apareceu em sua vida da maneira mais inusitada e começou a quebrar toda a resistência que ele montou. *Sexy*, misteriosa e apaixonante, a morena colocou à prova todos os sentimentos e receios do advogado ao mostrar que não era como as outras centenas de mulheres que passaram pela cama de Marcelo.

Pâmela acreditava que conseguiria fisgar o coração do frio e promíscuo advogado, até ter o seu despedaçado por ele da pior forma possível. Ela não planejou engravidar, e não imaginou que ele a abandonaria quando mais precisava dele.

Será que o sentimento que tinha pelo homem seria o suficiente para que o perdoasse?

DE REPENTE DOIS



LINK: https://amzn.to/2YgAQ5F

Marco Bittencourt tinha tudo o que queria: uma vida rodeada de luxo, mulheres à sua disposição e liberdade. Porém, tudo isso muda completamente quando Guilhermina Medeiros resolve reaparecer na sua vida.

Antes intensa, carismática e alegre, Guilhermina se tornou uma mulher insegura, triste e marcada pelo sofrimento. Ela era um antigo amor que Marco, ingenuamente, achava que já tinha superado. E a mulher não reaparece sozinha, surge com dois bebês, que ela jura pela sua vida que são filhos dele.

O homem, que antes não tinha preocupação nenhuma além do seu trabalho

como psicólogo e da administração da academia, vê-se responsável por dois bebês e por uma mulher, que incrivelmente ainda mexe com seus sentimentos e desejos.

Marco terá que descobrir se conseguirá lidar com a árdua tarefa de ser pai de dois e ainda decidir se está disposto a deixar Guilhermina e todos os seus segredos entrarem novamente na sua vida.

PAIS DO ANO



LINK: https://amzn.to/32GOAsNN

Quatro pais. Quatro histórias para você se apaixonar.

A antologia Pais do Ano, escrita por Isabela Delezzott, Natália Dias, Fernanda Santana e Victoria Gomes, conta com romances fofos, divertidos, dramáticos e quentes, protagonizados por pais que vieram para mostrar o poder de segundas chances e de um amor incondicional.

- Antônio: após ser abandonado pela mãe da sua filha, o pai solteiro precisa criar Ana Júlia. No momento mais difícil da sua vida, seu caminho volta a cruzar com o de Lívia, seu primeiro amor, aquele que nunca conseguiu esquecer, mas cujo coração foi destroçado por ele.

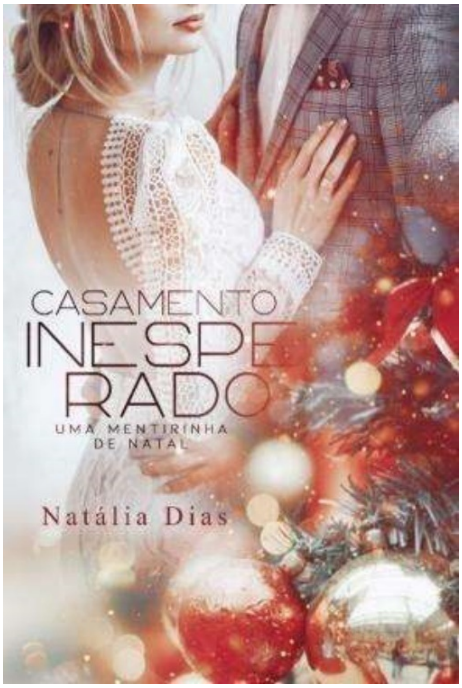
- Hugo: amargurado e mal-humorado após a perda da mulher, o pai viúvo precisa aprender a amar novamente. Amanda, a doce e forte babá dos seus filhos,

irá ensiná-lo a lidar com a perda e o ajudará a reconquistar a confiança e o carinho de Alex e de Aline, seus filhos.

- Bernardo: o solteirão convicto nunca se imaginou como marido, menos ainda como padrasto, mas, ao cruzar o caminho de Diana e a criança mais linda que já conheceu, Bia, ele desejará exatamente o contrário.

- Lucas: depois de anos tentando engravidar, ele e Helena adotam Arthur, apenas para um ano depois sua mulher engravidar. Tudo se torna ainda mais turbulento quando sua mulher enfrenta uma depressão pós-parto e ele precisa manter sua família de pé.

CASAMENTO INESPERADO: UMA MENTIRINHA DE NATAL



LINK: https://amzn.to/2YiKgNX

Karen precisa se casar.

Com apenas vinte e quatro anos, esse é o desejo mais profundo do coração da jovem virgem e distraída. Ela sente que passou da hora de encontrar seu marido perfeito, que em sua mente está se escondendo dela em algum lugar do mundo.

A mulher começa a perder as esperanças de apresentar um bom homem para sua família, que a cada época de Natal cobra mais e mais por um marido, até que dá de cara com Elias, o novo vizinho. Karen fica dividida entre aceitar que um cara como aquele é um presente divino ou uma tentação disfarçada para

corromper sua castidade.

Sem perder tempo, o carismático, safado e sedutor Elias lança a proposta no intuito de ajudá-la: ele quer ser a sua mentirinha de Natal. Tudo parecia dentro do planejado, mas mal sabia Karen a guinada que o feriado teria em sua vida.

O vizinho assanhado transformará sua vida para sempre.

BEBÊ INESPERADO: UMA SURPRESA DE DIA DOS NAMORADOS



LINK: https://amzn.to/2FEcBI7

O casal de “Casamento Inesperado: uma mentirinha de Natal” está de volta! Agora, para comemorar o Dia dos Namorados.

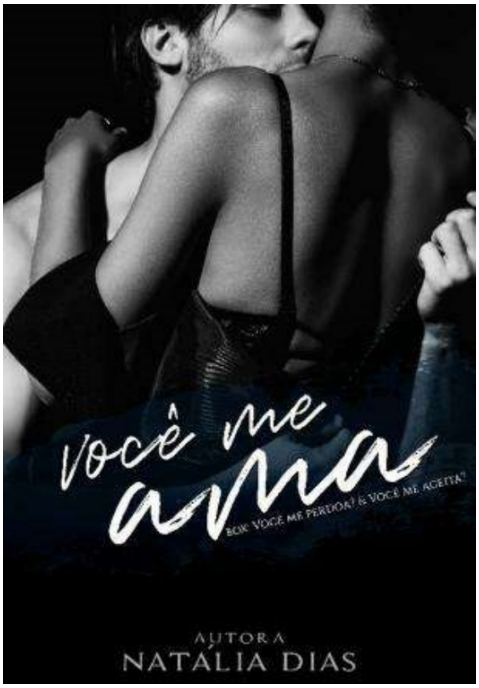
Karen e Elias querem um bebê.

Após cinco anos de casados, os dois decidem que chegou a hora de dar o próximo passo: terem um filho. Ambos estão ansiosos para começarem a tão sonhada família grande, mas nem tudo acontece como o planejamento.

Quando Karen não consegue engravidar, os dois se veem em uma crise. Ela se culpa por isso, e Elias não entende por que a esposa está afastando-se tanto.

O que os dois ainda não aprenderam é que suas vidas são guiadas pelo destino que desafia todas as possibilidades. Contrariando tudo que poderiam planejar, a chegada de um bebê inesperado irá abalar suas vidas — da melhor forma possível.

BOX: DUOLOGIA VOCÊ ME AMA



LINK: https://amzn.to/2WLo1R2

LIVRO 1 — VOCÊ ME PERDOA?

Isadora Sanches retorna ao Brasil após a revelação de algo que mudará sua vida completamente. Orgulhosa e teimosa a ponto de guardar rancor por anos, ela passará por diversas situações que irão fazê-la questionar esse sentimento.

Por toda a vida ela manteve uma relação conturbada com sua mãe, e por isso, teve uma adolescência cheia de discussões e rebeldia. Agora adulta, Isadora carrega problemas de confiança e insegurança. Ela não consegue falar sobre seus turbilhões de sentimentos e nem sobre o seu passado.

Na volta para casa, a jovem conhece Pedro Alcântara, um rapaz romântico

e intenso com uma personalidade provocante e ao mesmo tempo encantadora. Ele a ajudará a questionar todas suas atitudes.

Será que um amor a fará mudar e finalmente aprender a perdoar? Até onde irá o seu orgulho?

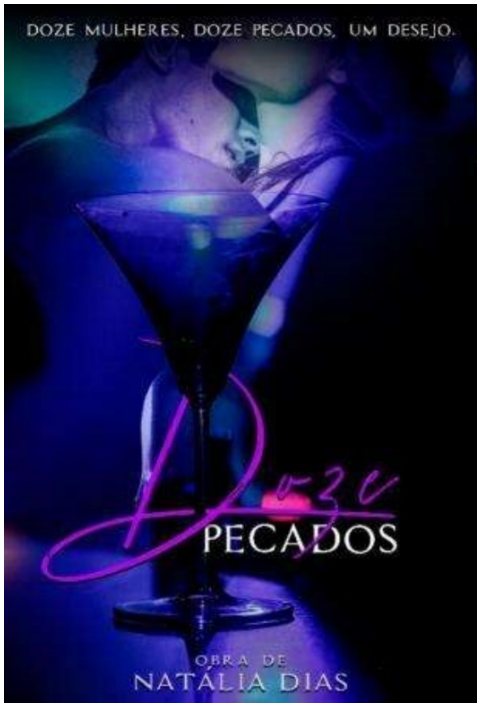
LIVRO 2 — VOCÊ ME ACEITA?

Após voltar para Nova Iorque, Isadora Sanches retorna a sua rotina sem nenhuma grande emoção, ou pelo menos tenta, já que o seu coração não consegue esquecer o amor pelo homem que mudou completamente a sua vida, e que ela deixou para trás.

Quando um evento imperdível a faz retornar para Brasília após meses trabalhando sem parar, ela não consegue evitar pensar se irá esbarrar com Pedro Alcântara novamente. Isadora terá que lidar com a sua escolha de ir embora e com o sentimento de angústia que se forma ao perceber que muita coisa mudou desde a última vez que se viram, menos o sentimento por ele.

Será que ele irá aceitá-la novamente? Até onde ela lutará para reconquistar o seu amor?

DOZE PECADOS — CONTOS ERÓTICOS DOS SIGNOS



LINK: https://amzn.to/2XNqkTP

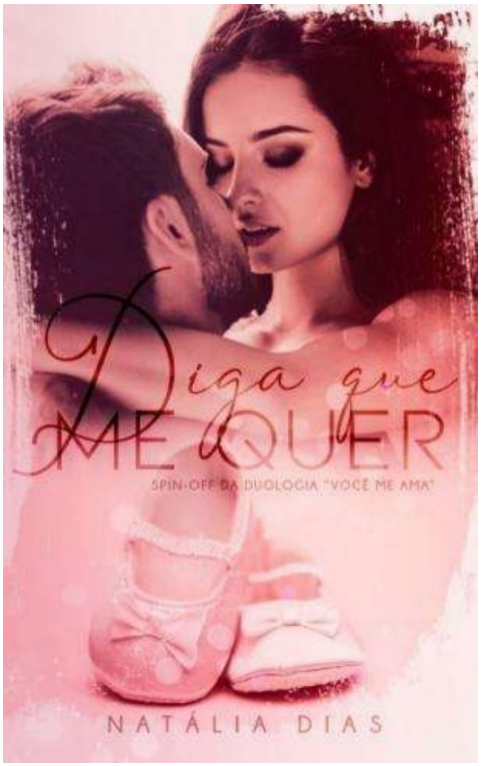
Doze mulheres. Um desejo.

Desiludidas com as vidas amorosas e cansadas do tédio das noites de Natal, doze amigas saem em busca de diversão e acabam parando numa boate em um local isolado e misterioso. Elas se surpreendem ao entrarem em um ambiente repleto de luxúria e glamour na noite dos signos.

Doze portas. Cada uma delas esconde um homem misterioso disposto a dar todo o prazer que elas nunca imaginaram vivenciar.

Paixões, descobertas e experiências inesquecíveis revestidas em doze pecados. Todas têm um, qual é o seu?

DIGA QUE ME QUER



LINK: https://amzn.to/2kxzGSl

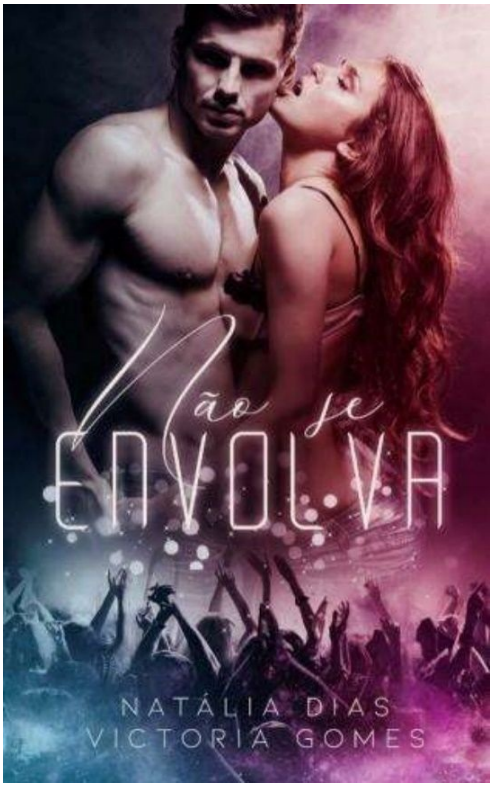
Gabriel Sanches é o típico homem pegador. Pelo menos é o que tenta mostrar. Com seu charme, piadas sacanas e bom humor, nunca teve dificuldade nenhuma em ter várias mulheres aos seus pés e muito menos se importou em ser esse tipo de cara. Até conhecer a garota que destrói toda a fama que construiu.

Gabe se vê em uma situação difícil ao se apaixonar pela irmã virgem de apenas dezoito anos do melhor do amigo. A doce, animada e decidida Jennifer Alcântara, o tipo oposto de mulher que Gabriel está acostumado a lidar, faz com que ele questione sentimentos, desejos e sonhos que nunca achou que teria. A

moça também terá sua vida completamente mudada ao se envolver com o tipo de homem que sempre fugiu.

Pode o amor superar as barreiras da diferença de idade e de todas as complicações e surpresas que a vida proporciona?

NÃO SE ENVOLVA



LINK: https://amzn.to/30nTgjy

Tudo o que Paulo e Larissa querem é terminar a faculdade. E nenhum dos dois tem problema algum em aproveitar bem suas noites de festa e pegação enquanto isso. Só há uma regra: nada, nunca, pode acontecer entre os dois.

Isso porque a garota não está disposta a entrar na sua longa lista de conquistas, mas se vê ajudando o solteirão mais cobiçado da faculdade em suas farras, em uma amizade inesperada que a faz descobrir que há muito mais do que imaginava por trás daquele sorriso sacana. E ele, que nunca foi muito bom em se

privar dos seus desejos por mulher nenhuma, mal se importou em abrir uma exceção para ela e deixar de lado a atração inicial que sentiu em nome dessa parceria inédita em sua vida.

Em meio a longas noites e dias atribulados, o afeto que nasce dessa relação será o suficiente para fazê-los manter as mãos longe um do outro?

BAILE DE FORMATURA



LINK: https://amzn.to/2rOjBev

Três casais diferentes com histórias entrelaçadas.

Um baile de formatura surpreendente.

Uma semana inesquecível.

Términos doloridos, amores proibidos e relações conturbadas não fazem parte do espírito festivo de uma formatura, mas nenhum deles consegue deixar os problemas de lado ao viajarem para a tão esperada semana do baile de formatura.

O que você faria se fosse obrigada a passar a semana com seu ex-namorado? E se começasse a se sentir atraída pelo cara que sempre odiou, que é

extremamente proibido? E se ainda visse num homem mais velho e misterioso a chance de ter a sua primeira vez decente?

Nada sairá como o planejado para nenhum dos seis e eles terão que tomar uma decisão: consertar os erros do passado e seguir em frente ou manter a zona de conforto e ignorar os sentimentos.